



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TATYANA SAMPAIO MONTEIRO PESSOA DA COSTA

**HISTÓRIA CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA DE
MANAUS: RESGATE BASEADO EM FONTES ORAIS**



Porto Nacional, TO

2022

Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa

**História Cultural da Comunidade Surda de Manaus:
resgate baseado em fontes orais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como
requisito à obtenção do título de Mestra em Letras

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

Porto Nacional, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- CS37h Costa, Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da.
História Cultural da Comunidade Surda de Manaus: : resgate baseado em fontes orais . / Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa. – Porto Nacional, TO, 2023.
121 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2023.
Orientador: Bruno Gonçalves Carneiro
1. História dos surdos de Manaus. 2. Educação de surdos. 3. Cultura surda. 4. Escola de surdos. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa

**História Cultural da Comunidade Surda de Manaus:
resgate baseado em fontes orais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação: 01 /12 /22

Banca examinadora:

Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, UFT - Orientador

Dr. Hildomar José de Lima, UFG

Dr. Carlos Roberto Ludwig, UFT

Dr. Felipe de Almeida Coura, UFT

Dedico esta dissertação à comunidade surda, por sempre estar disponível para as minhas dúvidas e questões. Tenho certeza de que a qualidade deste trabalho não seria a mesma sem a ajuda de vocês. Muito obrigada por trazer a Libras para a comunidade surda e sem vocês, talvez não existiria a Libras aqui em Manaus.

*"A gaiivota cresceu e voa com suas próprias asas.
Olho do mesmo modo como que poderia escutar.
Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo
modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são
bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. Meu
coração não é surdo a nada neste duplo mundo..."*
Emmanuelle Laborrit

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a DEUS por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. Agradeço ao meu amigo Edgar Veras pelo incentivo para entrar no mestrado e por mostrar que o mundo tem mais teorias e conhecimentos que imaginamos.

Agradeço o meu orientador e ex-vizinho temporário, o Dr. Bruno Carneiro, por sua tão competente orientação, paciência e compreensão, também por sempre ter ajudado quando estive com inúmeros desafios. Muito obrigada por me ter corrigido, quando necessário, sem nunca me desmotivar.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Porto Nacional, em especial ao Dr. Carlos Roberto Ludwig e ao Dr. Felipe de Almeida, e ao professor do colegiado do curso de História, Dr. Radamés Vieira Nunes, por terem me recebido bem, no âmbito de minhas atividades acadêmicas, enquanto estive em Palmas.

Agradeço os membros da banca do Exame de Qualificação e de Defesa, Dr. Carlos Roberto Ludwig e Dr. Felipe de Almeida Coura, avaliadores internos, e Dr. José Hildomar de Lima, avaliador externo.

Agradeço meu querido amado marido, Leonardo Pessoa da Costa, que amo incondicionalmente, a quem compartilho imenso e mútuo companheirismo e apoio incondicional.

Agradeço à minha querida mãe Vânia Maria Frota Sampaio Monteiro da Cruz (*in memoriam*), uma grande mulher que sempre me educou e que deixou muitas saudades. Eu sei que ela deve estar orgulhosa por esse momento. Agradeço ao meu querido pai José Ferreira Monteiro da Cruz Filho (Zeca), que sempre me incentivou a ir além e me deixou um legado fantástico: eu aprendi amar os animais por causa dele.

Agradeço aos meus queridos entes filhos de quatro patas, que estão no céu, pois sempre me deram alegria nos momentos em que estive triste. Agradeço à minha filha Fiona, de quatro patas (*in memoriam*) que sempre me acompanhou durante as aulas do mestrado. Agradeço também à minha irmãzinha Flor, de quatro patas, que me deu muito trabalho, mas sempre me deixou com a cabeça ocupada de alegria.

Agradeço à minha segunda família, que tanto amo, minha tia-mãe de coração, Ângela Maria Parente de Barros, e minha irmã de coração, a linda Juliana Parente de Barros, pois sempre tive apoio quando eu precisei e sei que posso contar com elas.

Agradeço a pedagoga Maria Dores, Irmã Giselya e Irmã Ivoneide no Instituto Filippo Smaldone me ajudaram a conseguir os livros.

Agradeço aos meus colegas Tatiana Calderaro Tomaz e Gláucia Maria de Araújo Ribeiro que tentaram me ajudar a conseguir os documentos que compõem parte da fonte de dados desta pesquisa. Agradeço aos surdos entrevistados, testemunhas vivas de parte de uma história, motivação principal deste trabalho: Clóvis, Carlos Antônio, Clayton, Joelma, Janderlei, Gilmar, Socorro, Carmen, Vera, Paulo, Albino, Virginia, Juscelino, Linda, Cleber e Silvio.

Por fim, a todos que contribuíram, segundo suas possibilidades, para a conclusão deste estudo, meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

A cultura surda e a história de muitas comunidades surdas estão relacionadas às políticas educacionais que, de alguma forma, favoreceram o contato surdo-surdo em escolas (LADD, 2003). Nesse sentido, conhecer a história da educação de surdos pode nos aproximar da história cultural dos surdos e das línguas de sinais. O objetivo desta pesquisa é fazer um levantamento de fatos sobre a história da educação de surdos de Manaus que favoreceram a consolidação de uma comunidade surda manauense. Mais especificamente, os objetivos são coletar informações sobre o surgimento e o funcionamento de instituições de ensino voltadas para surdos, em Manaus, identificar fatos da história da educação de surdos que favoreceram a emergência de uma comunidade surda e traçar uma trajetória sobre esses fatos que favoreceram o contato entre surdos, a cultura e identidades surdas. O recorte temporal para o levantamento da história da educação de surdos em Manaus e, conseqüentemente, da comunidade surda manauense, envolve o início da segunda metade do século XX, ou seja, aproximadamente, o período de 1950 a 1980. O levantamento de informações aconteceu a partir da análise de narrativas de surdos, em sua maioria idosos, que foram coletadas a partir de entrevistas, e, de maneira complementar, da análise de documentos institucionais, jornais e fotografias de acervo pessoal dos entrevistados. Após análise e sistematização dos dados, descrevemos fatos da história do Instituto Montessoriano Álvaro Maia, da Apae, da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos e do Instituto Filippo Smaldone Manaus, na perspectiva dos participantes, que favoreceram a consolidação de uma comunidade surda manauense. Descrevemos também a trajetória do missionário Pe. Eugênio Oates em sua relação com a comunidade surda de Manaus.

Palavras- chaves: História dos surdos de Manaus. Educação de surdos. Cultura surda. Escolas de surdos.

ABSTRACT

Deaf culture and the history of many deaf communities is related to educational policies that, in some way, favored deaf-deaf contact in schools (LADD, 2003). In this sense, knowing the history of deaf education can bring us closer to the cultural history of the deaf and sign languages. The aim of this research is to survey facts about the history of deaf education in Manaus that favored the consolidation of a deaf community. More specifically, the objectives are to collect information about the emergence and functioning of educational institutions aimed at the deaf in Manaus, to identify facts in the history of deaf education that favored the emergence of a deaf community and to trace a trajectory on these facts that favored contact between deaf people, culture and deaf identities. The time frame for surveying the history of deaf education in Manaus and, consequently, of the deaf community in Manaus, involves the beginning of the second half of the 20th century, that is, approximately, the period from 1950 to 1980. The collection of information took place from the analysis of narratives of deaf people, mostly elderly, which were collected from interviews, and, in a complementary way, from the analysis of institutional documents, newspapers and photographs from the personal collection of the interviewees. After analyzing and systematizing the data, we describe the Instituto Montessoriano Álvaro Maia, Apae, Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos and Instituto Filippo Smaldone Manaus, from the perspective of the participants. We also describe the trajectory of the missionary Fr. Eugênio Oates in his relationship with the deaf community in Manaus.

Key words: History of the deaf in Manaus. Deaf education. Deaf culture. Deaf school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1- Eu (Tatyana) no interior do Instituto Filippo Smaldone, em Belém, em 1979.....	19
Figura 2- Eu (Tatyana) e meu pai em frente ao Instituto Filippo Smaldone, em Belém, em 1979.....	20
Figura 3- Eu (Tatyana) e minha mãe após eu encenar uma peça teatral no Instituto Filippo Smaldone, em Belém, em 1979.....	20
Figura 4- Colação de grau em Pedagogia e em Letras Libras.....	24
Figura 5- Campus da UFAM em Itacoatiara - ICET Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia.....	25
Figura 6- Fachada do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.....	33
Figura 7- Caderneta Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos em 1966....	35
Figura 8- Clóvis em frente ao INES em 1977.....	35
Figura 9- Clóvis praticando karatê.....	36
Figura 10- Primeira parte de coleta de informações.....	40
Figura 11- Busca por informações no Jornal à Crítica.....	42
Figura 12- Segunda parte de coleta de informações.....	43
Figura 13- Terceira parte de coleta de informações.....	44
Figura 14- Eu no APAE de Manaus – 2022.....	45
Figura 15- Quarta parte de coleta de informações.....	45
Figura 16 - Quinta parte de coleta de informações.....	46
Figura 17 - Lanche na casa da Carmen e seus colegas surdos -2016.....	53
Figura 18 – Site da Biblioteca Nacional para busca de periódicos.....	59
Figura 19 – Prédio do Instituto Montessoriano antigo (1943) e novo (1946)	62
Figura 20 – Horta e piscina no Instituto Montessoriano.....	63
Figura 21 – Alguns alunos surdos e cegos no Instituto Montessoriano.....	67
Figura 22- Teatro no Instituto Montessoriano.....	69

Figura 23 - Matéria sobre os 17 anos de Fundação do Instituto Montessoriano – A Crítica – 1960.....	70
Figura 24- Matéria sobre a instalação no Instituto Montessoriano – 1948.....	71
Figura 25- Matéria sobre Festa de Arte no Instituto Montessoriano – 1948.....	72
Figura 26- Matéria sobre André Vidal fundador do Instituto Montessoriano – 2000.....	73
Figura 27- Matéria sobre a instalação o APAE em Manaus – 1973.....	76
Figura 28- Caderneta da APAE do ex-aluno Clayton Barros – 1978.....	78
Figuras 29- Valdevira no desfile do APAE/ Linda e Valdevira 1975.....	79
Figura 30- Carteira do APAE da ex-aluna Valdevira Takahira.....	79
Figura 31- Virginia Lima e Linda Trindade na dança do APAE – 1976.....	80
Figura 32- 1º Boletim da Escola Augusto Carneiro dos Santos do ex-aluno Clayton Barros – 1982.....	82
Figura 33- Joelma Sanches com 8 anos de idade na Escola Augusto Carneiro dos Santos – 1982.....	83
Figuras 34 Casa antiga 1972.....	85
Figura 35- Novo prédio 1977.....	85
Figura 36- Primeira família interna do Instituto Filippo Smaldone, um deles do ex aluno Cleber – 1972.....	86
Figura 37- Silvio Alencar aprendendo a treinar com a letra R junto com a Salesiana....	87
Figura 38- Idealizadores do IFS – Uns deles são meus pais.....	89
Figura 39- Livro do Padre Oates.....	91
Figura 40- Matéria sobre o Padre Oates cria um novo mundo para os surdos mudos....	92
Figura 41- Padre Oates e surdos manauenses na Igreja Nossa Senhora Aparecida - 1981.....	94
Figura 42- Gilmar, Padre Oates e comunidade surda mais ou menos 50 surdos no banho – 1989.....	95
Figura 43- Padre Oates, Carmen Nascimento e Jair Costa na festa social 1987.....	95
Figura 44- Lembrança do Padre Oates – 1983.....	96
Figura 45- Batizado Oates e filho Paulo Jr.– 1982.....	97

Figura 46- José Maria e Padre Oates na igreja Aparecida -1987.....	97
Figura 47- Clayton, Nelson e Janderlei, em 1989.....	101
Figura 48 - Juscelino Onofre sinalizando L na testa.....	102
Figura 49- Carlos Antônio.....	103
Figura 50- Instituto “Dona Conceição” para crianças surdas.....	104
Figura 51- Carlos Antônio com 9 anos de idade brincando no Instituto Dona Conceição para crianças surdas.....	104
Figura 52- Desenho caricatura feito por Carlos Antônio -1988.....	105
Figura 53- Clovis Santos e Jair Nascimento - 1974 e 1978.....	106
Figura 54- Clóvis Santos e seus desenhos – 1994.....	107
Figura 55 - Clóvis Santos, Valdevira e Paulo Takahira – 1977.....	107
Figura 56- Vânia (atualmente esposa do Clóvis), Valdevira Takahira e Virginia Lima -1977.....	108
Figura 57- Paulo Takahira (camisa branca) sentado no fundo no Instituto de Educação Dr. Américo Brasiliense.....	108
Figura 58- Livrinho do Instituto de Educação “Dr. Américo Brasiliense” – 1962.....	109

Lista de Quadros

Quadro 1- Imagem dos surdos idosos entrevistados.....	49
Quadro 2- Imagem dos surdos idosos entrevistados.....	54
Quadro 3- Imagem dos surdos adultos (não idosos) entrevistados.....	55
Quadro 4- Imagem dos surdos que foram ex-alunos do IFS em Belém -PA.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASL	Língua de Sinais Americana
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
DERDIC	Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, órgão suplementar da PUC-SP
DVDs	Digital Versatile Disc.
IFS	Instituto Filippo Smaldone
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
I.M.A.M	Instituto Montessoriano de Álvaro Maia
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
MEC	Ministério de Educação
SEDUC	Secretária de Estados de Educação e Desporto
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFSC	Universidade Federal Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CULTURA SURDA A PARTIR DAS ESCOLAS PARA SURDOS: A ESCOLA E A EMERGÊNCIA DE UMA COMUNIDADE SURDA	28
2.1 Escolas para surdos no Brasil	32
3 METODOLOGIA DA PESQUISA: FONTES DE DADOS HISTÓRICOS.....	39
3.1 Narrativas	47
3.2 Documentos institucionais	57
3.3 Fotografias	58
3.4 Jornais	59
4 HISTÓRIA DA COMUNIDADE SURDA EM MANAUS: ESCOLAS DE SURDOS EM MANAUS	61
4.1 Instituto Montessoriano Álvaro Maia (1943 – 1974)	61
4.2 APAE Manaus	75
4.3 Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.....	81
4.4 Instituto Filippo Smaldone	84
4.4.1 Instituto Filippo Smaldone em Belém.....	85
4.4.2 Instituto Filippo Smaldone em Manaus	88
4.5 O legado de Eugênio Oates.....	90
4.6 Comunidade surda em Manaus	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
APÊNDICE A – OFÍCIO DA PESQUISA ACADÊMICA.....	117
APÊNDICE B – RECEBIMENTO DE OFÍCIO DA PESQUISA ACADÊMICA DA SEDUC.....	118
APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	119
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	120
APÊNDICE E – RECIBO DA PESQUISA ACADÊMICA DA SEDUC	121

1 INTRODUÇÃO

Eu sou Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa, surda, oralizada e sinalizante da Língua Brasileira de Sinais. Eu nasci em Manaus - AM e sou a única surda da minha família, considerando a noção de família em uma perspectiva linear e consanguínea. Dessa forma, não tenho outros familiares surdos. Mas, construí uma família de surdos, pois sou casada há 20 anos com o Leonardo Pessoa da Costa. O meu marido é surdo e também sinalizante da língua brasileira de sinais.

Eu nasci e cresci em uma família de ouvintes e fui treinada a falar (oralmente) ao longo de toda a minha trajetória de escolarização. Como na maioria das narrativas de vida de surdos que são filhos de pais ouvintes, os meus pais não sabiam o que fazer diante do meu diagnóstico de surdez profunda. Em geral, as informações que os pais tinham (e que ainda tem) acesso eram de médicos e profissionais da saúde em uma perspectiva clínico-patológica da surdez. Essa perspectiva extrapola a área da saúde e estabelece raízes profundas nas diretrizes e nos princípios educacionais para surdos. Certamente, ainda em decorrência do Congresso de Milão, um congresso internacional de educadores de surdos que aconteceu na Itália no século XIX.

O Congresso de Milão aconteceu em 1880 e reuniu educadores de vários países, incluindo do Brasil, deixando marcas significativas na história da educação de surdos no mundo, pois inaugurou um período trágico na vida dos surdos com a implantação do oralismo enquanto filosofia educacional. De acordo com Ladd (2005), o oralismo envolve uma ideologia que buscava remover tudo que se refere ao surdo do sistema educacional, da sociedade e, possivelmente, do mundo. Mais ainda, o oralismo foi uma forma de colonização dos surdos cujas características essenciais envolvem políticas que pretendem erradicar ou marginalizar as línguas de sinais e as culturas surdas. Nessa perspectiva, o oralismo enquanto filosofia educacional reúne muitos métodos na educação com os surdos, tais como o treinamento de fala oral, leitura labial e outros (STROBEL, 2008).

O oralismo influenciou políticas educacionais e perdurou por mais de 100 anos em muitas escolas do Brasil e do mundo, com fortes resquícios ainda atualmente, quando se iniciaram discussões sobre educação bilíngue de surdos enquanto política linguística educacional até hoje. Hoje, o Brasil tem uma legislação robusta que garante uma educação bilíngue em língua brasileira de sinais como primeira língua e em língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita, muito embora ainda careçamos de sua implementação.

Sobre isso, menciono a inserção da educação bilíngue de surdos enquanto modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a partir da Lei nº 14.191/21.

Eu vivenciei o meu período de escolarização em que havia fortes resquícios do oralismo e, por muito tempo, eu me narrava em uma perspectiva ouvintista. O ouvintismo é fruto do oralismo e deriva de uma relação desigual entre surdos e ouvintes, em que o sujeito ouvinte sempre está em uma posição de superioridade. De acordo com Perlin (2005), o ouvintismo pode ser entendido como uma configuração do poder ouvinte, em graus variados, em que predomina uma hegemonia por meio do discurso e do saber. Nesse contexto, o surdo é visto do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização.

Por muito tempo eu me enxergava a partir desse viés de normatização e até sentia raiva de mim mesma, pois só via os ouvintes se comunicando bem, usando o telefone e outros artefatos culturais baseados no som. Como eu estava fora da norma ouvinte, eu sentia inveja e pensava que era a única surda de Manaus, uma vez que não tinha contato com ninguém igual a mim. Eu não tinha contato com meus pares surdos, iguais à minha diferença.

A emergência de uma comunidade surda enquanto uma comunidade linguístico-cultural pode estar relacionada com a implantação de políticas educacionais para surdos. De acordo com Zeshan (2013), às línguas de sinais surgem sempre que surdos se reúnem em número suficiente para formar uma comunidade linguístico-cultural. A história de muitas línguas de sinais nacionais está relacionada, mas não restrita, à criação de escolas para surdos. Isso favoreceu a reunião de surdos que, provavelmente, em muitas situações, não teriam se encontrado de outra forma.

Nesse sentido, conhecer a história (local) da educação de surdos também significa conhecer a história cultural de comunidades surdas e das línguas de sinais. A presente dissertação é um provável caminho para o levantamento dessa história e posterior acesso a este conhecimento, pois busca fatos da história da educação de surdos da cidade de Manaus que favoreceram a comunidade surda manauara e a Libras.

O objetivo geral da pesquisa é fazer um levantamento de fatos sobre a história da educação de surdos de Manaus que favoreceram a emergência de uma comunidade surda manauara, a partir de fontes orais.

Os objetivos específicos são (1) coletar informações sobre o surgimento e o funcionamento de instituições de ensino voltadas para a educação de surdos em Manaus; (2) identificar fatos da história da educação de surdos que favoreceram a emergência de uma comunidade surda e (3) traçar uma trajetória sobre esses fatos da história da educação de surdos que favoreceram o contato entre surdos, a cultura e identidades surdas.

Para isso, apoio-me na seguinte pergunta de pesquisa: quais fatos relativos à história da educação de surdos em Manaus, no início da metade do século XX, favoreceram o contato surdo-surdo, a emergência de uma comunidade surda manauara e a consolidação da Libras enquanto patrimônios histórico-culturais dos surdos?

O recorte temporal para o levantamento da história da educação de surdos em Manaus e, conseqüentemente, da comunidade surda manauara, envolve o início da segunda metade do século XX, ou seja, aproximadamente, o período de 1950 a 1980. O levantamento de informações acontece a partir de narrativas de surdos, em sua maioria idosos, que vivenciaram seus períodos de escolarização neste período, na cidade de Manaus. Outras fontes de informação são utilizadas de maneira complementar, tais como, documentos de instituições educacionais, fotografias de surdos e jornais.

Em relação às instituições de ensino, cujo público alvo envolvia os estudantes surdos, menciono o **Instituto Montessoriano Álvaro Maia**, uma escola considerada de educação especial que atendia alunos com deficiência e que permaneceu em funcionamento nos anos de 1943 até 1974; a **Apae**, uma instituição de educação especial que atende alunos com deficiência intelectual e múltipla, fundada em 1973 e, atualmente, está em funcionamento e que, ao longo de sua história, também atendeu alunos surdos; a **Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos**, escola especial voltada para surdos, fundada em 1982 e que está em funcionamento até os dias de hoje; e o **Instituto Filippo Smaldone Manaus**, uma escola especial voltada para alunos surdos que, anteriormente, adotava uma filosofia educacional a partir do oralismo e que, com o passar do tempo, adotou uma filosofia educacional bilíngüe em libras como primeira língua e em português como segunda língua. O instituto foi fundado em 1984 e, atualmente, encontra-se em funcionamento.

Considerando o objetivo da pesquisa de fazer um levantamento de fatos sobre a história da educação de surdos de Manaus que favoreceram a emergência de uma comunidade surda manauara, fizemos um levantamento de informações em fontes orais, a partir de narrativas de surdos, e, complementarmente, em documentos instituições, fotografias e jornais. A análise de documentos, mais especificamente de jornais, parte da premissa de coletar informações e sistematizar a história cultural da comunidade surda de Manaus. Nessa premissa

A maneira com que o historiador aborda e analisa um documento de comunicação de massa possibilita o conhecimento dos vários aspectos da sociedade do presente, bem como desvelar as sociedades do passado, constituindo-se em importantes fontes para a pesquisa histórica, facilitando o entendimento da História, na medida em que seu conteúdo é visto como fonte

importante de aproximação do pensamento coletivo de uma época. (2014, J. CARNEIRO)

A minha história de escolarização e de reconhecimento enquanto surda (a partir de uma perspectiva da diferença surda) coincide com a história de muitos outros surdos manauenses e, assim, constitui parte da história da comunidade surda de Manaus.

Quando iniciei o período de escolarização, em 1979, meus pais foram orientados a me matricular em uma instituição de ensino para surdos que tivessem um foco na oralização. Mas, não havia escolas específicas para surdos com esse perfil na cidade de Manaus. Meus pais não quiseram me colocar em instituições do tipo *escolas especiais*. Influenciados por uma perspectiva medicalizada da surdez, eles acreditavam que as escolas com um perfil de reabilitação eram o melhor para mim. Então, decidiram me levar para a cidade de Belém, no estado do Pará, uma vez que naquela capital havia o Instituto Filippo Smaldone, uma escola específica para surdos. Na época, o método de ensino para surdos do Instituto Filippo Smaldone era baseado no oralismo. Eu fiquei na instituição, na cidade de Belém, por menos de um ano. Depois deste período, voltamos para Manaus, pois os profissionais da instituição disseram para meus pais que eu já estava adaptada e que poderia estudar em uma escola normal de ouvintes.

As Figuras de 1 a 3, a seguir, ilustram o período em que estive no Instituto Filippo Smaldone em Belém, no ano de 1979. A Figura 1 ilustra uma atividade realizada pela instituição por ocasião da Semana da Pátria. A Figura 2 ilustra eu e meu pai, em frente ao Instituto Filippo Smaldone e a Figura 3 ilustra minha mãe me acompanhando em uma encenação teatral apresentada na escola.

Figura 1 - Eu (Tatyana) no interior do Instituto Filippo Smaldone, em Belém, em 1979



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Figura 2 - Eu (Tatyana) e meu pai em frente ao Instituto Filippo Smaldone, em Belém, em 1979.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Figura 3 - Eu (Tatyana) e minha mãe após eu encenar uma peça teatral no Instituto Filippo Smaldone, em Belém, em 1979.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O Instituto Filippo Smaldone, em Belém, havia sido fundado em 1972 e suas atividades tiveram início em 25 de março de 1973 em um regime semi-internato. Nesta época, as práticas pedagógicas da instituição eram baseadas na filosofia do oralismo.

Alguns pais de crianças surdas estabeleceram uma rede de apoio e de troca de informação e reconheceram que a cidade de Manaus precisava de instituições de ensino específicas para surdos para que atendessem com qualidade os seus filhos. Estes pais, incluindo os meus pais, se mobilizaram para trazer o Instituto Filippo Smaldone a Manaus e escreveram uma carta para a superiora da Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações na Itália. Então, em 1984, surge a filial do Instituto em Manaus. O Instituto Filippo Smaldone na

cidade de Manaus e na cidade de Belém estão em funcionamento até os dias de hoje. Importante ressaltar que, atualmente, estas instituições são escolas bilíngues de surdos.

A Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações foi demandada por pais de crianças surdas de outros estados do Brasil e, conseqüentemente, o atendimento institucional aumentou. Atualmente, o instituto está em funcionamento nas cidades de Manaus - AM, Fortaleza - CE, Pouso Alegre - MG e Brasília - DF.

Apesar da fundação de uma filial do Instituto Filippo Smaldone em Manaus, eu estudei em outras instituições de ensino e frequentava apenas os atendimentos de fonoaudiologia ofertados na instituição.

A minha escolarização aconteceu em instituições de ensino particular, e estive inserida em turmas de alunos ouvintes. Eu me recordo de ter muita dificuldade nas escolas em que estudei e cheguei a ser reprovada em uma das séries. Eu era considerada a aluna 'burra' da sala, sentia muita vergonha por tudo isso e tinha baixa estima. Sempre estudei em tempo integral, frequentava as aulas regulares no turno matutino e as aulas de reforço no turno vespertino. Essa era uma rotina diária e ficava revoltada comigo mesma. Eu não me aceitava e, em alguma medida, tinha muito preconceito comigo mesma, já que gostaria de ser "normal" aos demais alunos ouvintes.

Os professores não sabiam como ensinar fora da lógica de ensino de alunos ouvintes. De alguma forma, o ouvintismo perpassa pela prática docente. Eu aprendi a escrever o meu nome completo com 8 ou 9 anos, treinando todos os dias na escola CRIJ - Centro de Recreação Infante Juvenil em Manaus. Eu não sabia o meu nome e nem entendia o porquê do meu nome. Depois, com o passar do tempo, fui descobrindo sobre os nomes próprios graças às revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, por causa das imagens e dos balões, o que me ajudou a entender o que significa "ter um nome". Por isso, digo para os meus alunos que as revistas em quadrinho da Turma da Mônica foram meus professores.

Eu mudei de escola em 1988 e comecei a estudar no CIEC (Centro Integrado de Educação Christus), uma instituição particular de ensino básico. Na época, havia três estudantes surdos, além de mim, em uma mesma sala. Permaneci na instituição até finalizar o segundo grau em 1998. Os alunos surdos sempre ficavam de recuperação. Na perspectiva de um ensino voltado para os alunos ouvintes, o surdo é posto em um paradigma de dificuldade como algo inerente à surdez. As práticas de ensino pouco me atingiam. Nas aulas da disciplina de língua portuguesa, o professor sempre fazia ditado. Ele colocava uma folha de papel em frente à sua face e disposto de forma a cobrir os próprios lábios. A proposta era que eu pudesse decodificar os sons que ele emitia. Mas, como eu poderia entender aquilo? Na época eu usava aparelho de

audição. Durante as aulas de química, a professora ministrava suas aulas em português (oral), mas não abria a boca o suficiente de forma que pudéssemos entender a gesticulação de seus lábios. Como nós éramos 4 (quatro) surdos na mesma sala, ela solicitava a alguns alunos ouvintes que sentassem ao lado, bem próximos, para que pudéssemos acompanhá-los mimetizando a fala da professora.

Houve um dia que vi os surdos se comunicarem a partir de gestos corporais. Lembro que este episódio me chamou muito à atenção. Eu não sabia o que era e perguntei para os meus pais. Eles sempre me diziam que os surdos tinham preguiça de falar e, por isso, sinalizavam. De alguma maneira, eu internalizei esse discurso como uma verdade e sempre acreditei nisso.

Após essa trajetória na educação básica, eu ingressei no ensino superior. Eu estudei Administração em uma instituição particular, mas, faltando pouco para finalizar a graduação, desisti do curso, pois entendi que não era o meu caminho. Posteriormente, eu iniciei também o curso de Medicina Veterinária. Era meu sonho. Eu amava a graduação e me identificava com o curso. Os livros de anatomia animal e de outras disciplinas, nos períodos iniciais, tinham muitas fotos atreladas ao texto em língua portuguesa, o que me ajudava a entender o conteúdo ministrado, além das aulas práticas. Infelizmente, quando faltava apenas 2 (dois) anos para finalizar a graduação, eu tive que trancar o curso, por causa do custo muito elevado das mensalidades. As duas faculdades não foram fáceis para mim, pois percebia que os professores não tinham paciência em relação à minha diferença. Eu recordo que dois professores achavam que eu escrevia em língua portuguesa como as crianças fazem, pois, segundo eles, eu não sabia escrever com um vocabulário rico. Esse discurso me marcou muito, de maneira agressiva, e acredito que nunca vou esquecer. Nesta época, não sabia libras e sofria muito preconceito por parte dos ouvintes. Eu me recordo de um dia, no intervalo das aulas, aproveitei o momento para sentar próximo dos colegas da minha turma, mas, me deixaram como que *segurando vela*. Não houve interação nenhuma. Eu fiquei com muita raiva deste episódio e nunca mais tive uma iniciativa semelhante a esta. Aprendi com minha mãe, que me aconselhou: "minha filha, você não precisa deles e se eles quiserem conversar com você, eles vão te procurar". A partir disso, comecei a reconhecer que era diferente e passei a me aceitar.

Eu ingressei na comunidade surda de Manaus aos 24 anos de idade. Comecei a entender o que significa Libras a partir do convite de uma Patrícia Costa para ir ao aniversário dela. No local em que estava sendo comemorado o aniversário, havia muitos surdos que interagiam em língua de sinais. De início, eu ficava perdida e me sentia como um peixe fora d'água. Posteriormente a este episódio, conheci outro surdo Franklin Rezende, também oralizado, que me explicou o porquê de os surdos se constituírem a partir de uma língua de sinais. Neste

momento, comecei a me interessar pela Libras. No dia seguinte, comprei meu primeiro livro sobre língua de sinais, o livro *Linguagem das Mãos*, de Eugênio Oates, e comecei a sinalizar sozinha os sinais que estavam registrados na obra. Dia após dia, eu entrava um pouco mais na comunidade surda. Inclusive, eu atuava como intérprete para muitos surdos em diferentes situações. Desde então, após 2 meses, adquiri a libras e já me comunicava de maneira fluente. Eu nunca fiz curso.

Desde então, estabeleci vínculos afetivos e efetivos de amizade na comunidade surda, o que veio possibilitar o meu desenvolvimento linguístico, cultural e social, com grande impacto na minha vida pessoal e profissional. Pude perceber o quanto as questões linguísticas e identitárias são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, baseada na minha própria experiência. Por esse motivo, resolvi ingressar no curso de Pedagogia em 2006 para problematizar sobre educação de surdos. Neste curso de graduação havia intérpretes de libras, o que foi ótimo para mim. Comecei a ter um bom rendimento acadêmico, diferente das instituições de ensino onde estudei. Neste novo contexto, entendia melhor as disciplinas e reconheci que é possível educar os surdos, a partir de uma proposta adequada que contemple as nossas especificidades linguísticas e culturais.

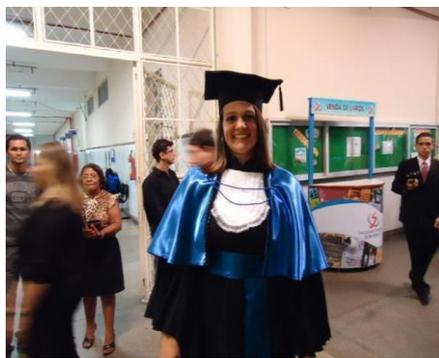
Na graduação em pedagogia, eu tive a oportunidade de estudar com outros 14 (quatorze) estudantes surdos sinalizantes e membros da comunidade surda manauara. Em sala de aula havia 55 (cinquenta e cinco) estudantes, incluindo os estudantes surdos. Na instituição havia intérpretes de libras. Este período na graduação foi muito oportuno. Havia uma circulação de conhecimento em língua de sinais de maneira impressionante. Foi um período da minha vida em que aprendi muita coisa e devo isso ao contato intenso e diário entre meus pares surdos e à rede de interação em libras. Nós, estudantes surdos, formamos um grupo plural que compartilhava experiências individuais sobre os diferentes tópicos da vida e da existência humana. Havia muita interação entre todos e não havia preconceito, pois percebia que todos aceitavam a diferença surda. No começo os professores não sabiam o que fazer com surdos. Alguns dos docentes se assustaram com os textos produzidos pelos surdos em língua portuguesa. Para minimizar esse choque cultural, uma estratégia adotada era os intérpretes traduzirem (adaptarem) os textos de surdos para o português (oral) para que os professores acessassem o conhecimento produzido pelos surdos. Gradativamente os professores compreenderam que a libras é a língua natural e, assim, os professores também aprenderam com as nossas experiências em ser surdo.

A luta de movimentos sociais dos surdos e as pesquisas sobre línguas de sinais contribuíram para a publicação da Lei 10.436 em 24 de abril de 2002 que reconheceu a libras

como língua e, conseqüentemente, o governo passou a ter a responsabilidade de fomentar seu uso e difusão. Posteriormente com o decreto 5626 de 22 de abril de 2005, a disciplina libras tornou-se obrigatória no ensino superior em todos os cursos de formação de professores e de fonoaudiologia. A partir do decreto, a formação do professor de libras passou a ser em nível superior, e, com isso, em 2006, foi criado o primeiro curso de graduação em Letras-Libras do país, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com 9 (nove) universidades brasileiras que funcionaram como pólo. Um dos pólos foi instalado em Manaus, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

A possibilidade de atuar como professora de Libras, um campo novo de atuação para profissionais surdos, me motivou a ingressar no curso. Eu fui aprovada no processo seletivo para a graduação em Letras-Libras e comecei a cursá-la simultaneamente ao curso de Pedagogia, que ainda estava em andamento. Em 2007, comecei a trabalhar como instrutora de Libras e dei aulas para ouvintes. Em 2010, eu me graduei em Pedagogia e em Letras Libras. A Figura 4, a seguir, ilustra a colação de grau no curso de Pedagogia, em 2010, e em Letras Libras, em 2011.

Figura 4 - Colação de grau em Pedagogia e em Letras Libras



Fonte: dados da pesquisa (2022)

Em 2010, a Universidade Federal do Amazonas abriu concurso para Professor de Magistério Superior para atuar como professor da disciplina Língua Brasileira de Sinais e, assim, atender à exigência legal a partir do Decreto 5626/2005. Eu fui aprovada como a primeira professora surda da UFAM e passei a atuar no ensino de Libras na cidade de Itacoatiara, no Campus Moyses Benarros Israel. A Figura 5, a seguir, ilustra o Campus da UFAM em Itacoatiara.

Figura 5 - Campus da UFAM em Itacoatiara - ICET Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia



Fonte: dados da pesquisa (2022)

Enquanto professora de libras da UFAM, comecei a viajar para muitas cidades do interior do estado do Amazonas. Eu pude constatar que muitos surdos não eram sinalizantes da Libras e poucos faziam uso do português escrito. A sinalização era baseada em gestos elaborados que emergiam da comunicação com ouvintes da comunidade. De alguma forma, senti como se estivéssemos vivenciando a época de proibição das línguas de sinais, a partir do Congresso de Milão de 1880, pois não havia escolas que atendessem as especificidades linguísticas e culturais dos surdos. A única possibilidade de escolarização eram as escolas de alunos ouvintes. Em algumas cidades, houve ainda relatos de escolas que não aceitavam a matrícula de surdos. Eu questionei o porquê e a justificativa era que os professores não sabiam ensinar e, ainda, que os surdos não eram capazes de aprender. Essa era uma fala recorrente dentre os relatos. Os discursos me causaram choque. Por isso, comecei a ensinar sobre estratégias de ensino para alunos surdos como um dos conteúdos que ministrava durante a oferta da disciplina de Libras, enquanto parte do conteúdo programático.

Alguns alunos dos cursos de licenciatura da UFAM eram profissionais em formação, pois atuavam enquanto docentes nas escolas, principalmente, alunos do PARFOR. Eu percebi que as discussões sobre educação de surdos e estratégias de ensino para surdos surtiam efeitos. Percebi que houve uma quebra de barreiras atitudinais em relação aos alunos surdos a partir de depoimentos dos próprios professores. Até hoje recebo mensagens de ex-alunos agradecendo pelas reflexões em sala de aula.

Dentre as experiências enquanto professora da disciplina de libras, lembro de alunos (muitos já eram professores) que se assustavam ao se depararem com uma professora surda. Recordo-me que, em uma das aulas, adentrei na sala e não falei (oralizei) nada. Eu falei apenas em Libras. Eu percebia, a partir da leitura labial, os alunos reclamando “*Meu Deus, como ela é*

professora, sendo que não fala? Ela é surda-muda, como vou aprender com ela? Como vou me comunicar com ela? Pelo amor de Deus!". Alguns alunos estavam desesperados. Eu ficava quietinha e rindo, ao mesmo tempo. Logo, começava a escrever na lousa, "*Bom dia*", e, em seguida, sinalizava. Os alunos que antes estavam desesperados, começaram a entender. Apesar de ser oralizada, mesmo assim, não falei nenhuma palavra. Em alguns momentos, comecei a falar (oralizar), os alunos ficaram aliviados. Eu ria da situação, mas, depois, comecei a explicar o conteúdo sobre a libras em língua de sinais. Os estudantes entendiam.

Na disciplina de libras, eu também apresento um pouco da história do povo surdo e de sua educação. Com isso, percebi que os registros sobre a história da educação de surdos e da comunidade surda local eram praticamente inexistentes. Eu atuei em Itacoatiara por 5 anos, até ser transferida para o campus da UFAM em Manaus, onde passei a atuar como docente no curso de graduação em Letras Libras e como docente da disciplina de libras em outros cursos de graduação.

No Letras-Libras, eu ministrei a disciplina História da Educação de Surdos e percebi, novamente, a falta de materiais e registros que pudessem subsidiar o ensino desta disciplina. Em contato com os surdos idosos de Manaus, eles começaram a me contar as histórias pessoais e percebi que as narrativas orais apresentavam um rico material que descreviam a constituição da educação, da língua de sinais, das identidades e cultura surda em Manaus, o que me despertou, mais ainda, o interesse por pesquisar este tema. A história dos surdos é muito importante para a comunidade surda. Há fatos importantes, marcos históricos e artefatos culturais valiosos, mas, infelizmente, não há registros robustos. Comecei a ir atrás desta história, a saber como os surdos interagiam, como eram as escolas, onde estudavam e outros fatos. Tive a oportunidade de conhecer surdos idosos e de conhecer muitas memórias, narradas de maneira positiva. Nesses encontros, tive acesso a narrativas sobre a história da comunidade surda de Manaus que eu não sabia. Muitas informações e fatos interessantes me empolgaram, principalmente sobre as instituições de ensino voltadas para os estudantes surdos. As narrativas também envolviam o autor do livro *Linguagem das mãos*, o padre Eugênio Oates, que viveu em Manaus por 20 (vinte) anos.

Enquanto integrante da comunidade surda de Manaus, tenho algumas inquietações em relação à história cultural da comunidade surda que estão diretamente ligadas à história da educação dos surdos, que atualmente possui poucos registros, a não ser a memória de surdos. Nesse sentido, a pesquisa se justifica, pois, conhecer a história dos surdos é conhecer suas memórias, suas experiências e, principalmente, valorizar a cultura e as identidades surdas. Diante do exposto, nos propomos à realização desta pesquisa.

A dissertação está dividida em três capítulos. No capítulo 1, trazemos a importância das instituições de ensino específicas para surdos na emergência de uma comunidade de fala e, conseqüentemente, na estandardização de língua de sinais, cultura e identidades surdas.

No capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos em relação à coleta, análise e categorização dos dados. Foram coletadas narrativas da história escolar de surdos idosos, a partir de entrevistas. As informações foram complementadas a partir da análise de documentos institucionais, jornais e de fotografias de acervo pessoal dos entrevistados.

Por fim, no capítulo 3, trazemos os resultados da pesquisa em relação à história cultural da comunidade surda de Manaus, a partir das instituições de ensino voltadas para surdos no início da segunda metade do século XX, bem como o legado da atuação do Padre Eugênio Oates. Sistematizamos alguns fatos da história da educação de surdos que favoreceram o contato entre surdos e, conseqüentemente, a língua de sinais, a cultura e as identidades surdas em Manaus.

2 CULTURA SURDA A PARTIR DAS ESCOLAS PARA SURDOS: A ESCOLA E A EMERGÊNCIA DE UMA COMUNIDADE SURDA

Ao longo da história, as escolas de surdos, principalmente as escolas estilo internato, foram importantes para a reunião de surdos e, conseqüentemente, a emergência de uma comunidade surda e estandardização de línguas de sinais. O contato surdo-surdo também favorece a emergência de cultura e identidades surdas inerentes às comunidades surdas. Esta seção trata da contribuição dessas escolas para a história cultural dos surdos.

De acordo com Perlin (2003), as experiências dos surdos acontecem numa maneira diferente das experiências dos ouvintes, de forma que a representação dos surdos sobre o ser surdo está situada nas questões mais profundas da diferença.

As experiências das pessoas surdas estão reunidas na presença da língua de sinais que evoca uma cultura e um jeito de ser. Como a maioria dos surdos nascem em famílias ouvintes, o ser surdo pode ser definido como tornar-se surdo, num ato que envolve a construção de uma identidade que nunca está pronta e que envolve a necessidade do outro semelhante em sua diferença. Por isso, o contato surdo-surdo é fundamental. A experiência de ser surdo se transforma em resistência, pelo direito de ser o outro e pelo direito de se constituir a partir da língua de sinais, das identidades e da cultura surda.

Ainda de acordo com Perlin (2003), as experiências vividas pelos surdos se consolidam no intercâmbio com o outro surdo e, assim, os surdos geram espaços culturais em que condições vitais são desenvolvidas e que são alicerçados na diferença surda e nas línguas de sinais. Por isso, mais uma vez, a importância do contato surdo-surdo.

Para Zeshan (2013), uma língua de sinais surge sempre que surdos se reúnem em uma quantidade suficiente para formar uma comunidade de fala. Nesse sentido, a história de muitas línguas de sinais está relacionada à implementação de políticas educacionais com a criação de escolas estilo internatos. Isso favoreceu a reunião de surdos que, provavelmente, em muitas situações, não teriam se encontrado de outra forma. Assim, muitas escolas para surdos contribuíram para a estandardização e uso generalizado de muitas das línguas de sinais que temos hoje.

Outro fator que favoreceu a reunião de surdos de forma a formar uma comunidade surda foi a Revolução Industrial. De acordo com McBurney (2012), embora os surdos usam sinais para se comunicar há séculos, é relativamente recente o registro da interação entre surdos em número suficiente para oportunizar o surgimento de uma língua de sinais. Nesse sentido, a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX teve papel importante nesse processo, no sentido

de que o aumento demográfico das cidades, junto com as escolas públicas para surdos, proporcionou um ambiente propício para a emergência das línguas de sinais.

De acordo com Ladd (2003), antes da educação formal de surdos, o primeiro espaço cultural surdo que representa a tradição cultural que conhecemos hoje foi as escolas estilo internato para surdos. Nessas escolas, é possível identificar duas dinâmicas fundamentais: os efeitos negativos do colonialismo oralista na cultura e as respostas coletivas positivas das crianças surdas a essa opressão.

A partir de narrativas de surdos idosos que vivenciaram o período de escolarização em escolas do tipo internato, o autor observa a alegria sentida por vários informantes ao ingressarem nessas instituições, superados os primeiros desconfortos da saída de casa. Foram nesses espaços que a maioria das crianças surdas começaram a ter uma interação e a manter relacionamentos que Ladd (2003) chama de “normais” com outros seres humanos. Essas escolas também foram importantes por causa do sistema de captação de alunos surdos a nível regional e nacional. De alguma forma, isso favoreceu uma consciência cultural de uma nação surda.

A experiência de estarem juntos fez com que os surdos formassem um relacionamento importante entre os pares que, até mesmo, substituiu o relacionamento com os familiares biológicos. Vários informantes usaram a imagem de família para descrever os vínculos estabelecidos com os colegas surdos da escola, como se formassem uma família de irmãos. Inclusive, alguns relatos sugerem uma relutância das crianças surdas em ir para casa nos fins de semana e feriados.

Essa tristeza ou mesmo medo das férias escolares marca uma diferença significativa entre a experiência da infância da criança surda e da criança ouvinte. Se fôssemos calcular o número de horas de interação real e direta na própria língua de sinais com os colegas, era apenas nas escolas residenciais que esse número começaria a se aproximar do número de horas experimentadas e consideradas como socialmente necessárias para toda criança ouvinte. Todas essas diferenças, portanto, também deixaram suas marcas na cultura da comunidade à qual cresceram. Segundo Padd (2003), vários informantes também enfatizaram que antigamente as crianças surdas iam para casa com muito menos frequência e por períodos de tempo mais curtos do que hoje em dia, então havia muito mais tempo para desenvolver suas próprias experiências de grupo. Outros descreveram as atividades de esporte e de lazer aconteciam após o término das aulas, nenhuma das quais eles teriam acesso tão fácil se estivessem em casa.

Vários informantes enfatizaram que a experiência na escola estilo internato não apenas estabeleceu uma identidade e uma comunidade de surdos, mas também favoreceu a construção

do seu caráter enquanto indivíduo e ajudou o informante a se tornar uma pessoa independente e autossuficiente. Nesse sentido, reconhece-se que as escolas de surdos representam o local onde a língua de sinais foi consolidada e adquirida (abertamente, de início, e secretamente depois do oralismo), onde diferentes aspectos da socialização na experiência surda aconteceram; e onde as noções sobre como se comportar em uma sociedade de maioria ouvinte eram discutidas pelos professores e adultos surdos que trabalham nas escolas (antes do oralismo).

Entender a necessidade que o surdo tem do outro surdo é reconhecer a cultura surda. Para Ladd (2003), a medida em que a experiência de estar juntos supera a negatividade das opressões vivenciadas pelos surdos, principalmente a partir de políticas educacionais de cunho oralista, indica a importância de mais pesquisas sobre esse período de vida de muitos surdos.

Segundo o autor, o oralismo resultou em órfãos linguísticos que tiveram impacto emocional em crianças surdas, ainda não pesquisado. Tanto que, no período pós-oralismo, os surdos cresceram com um profundo complexo de inferioridade em relação aos ouvintes. O domínio da normalidade marcou a experiência cotidiana de que o surdo estava em falha diante dos padrões estabelecidos pelo oralismo.

Os informantes relatam experiências de humilhação ritualizada que constituíram sua educação. Tanto que, se o mundo tivesse sido informado, há muito tempo teríamos muitos processos por abuso infantil generalizado). A punição por causa da sinalização era institucionalizada, em que todo ato de comunicação em sinais era proibido. As crianças também eram incentivadas a denunciar umas às outras se vissem alguém sinalizando. Algumas escolas desconsideravam a sinalização que acontecia fora da sala de aula, enquanto que outras vigiavam e puniam incansavelmente. Uma das maiores humilhações, talvez, tenha sido o de descobrir que seus professores mentiram. Essa percepção destruiu a imagem que os professores construíram para protegê-los durante os anos escolares e, de repente, eles não eram quem pensavam que eram.

Ladd (2003) faz a seguinte provocação: como compreender um local de intensa opressão pode ser também considerado um local de prazer também intenso para o desenvolvimento cultural da comunidade surda? As crianças surdas desenvolveram estratégias a partir de uma experiência positiva em ser surdo que focou na coletividade e na unidade como principal alicerce. Um dos informantes narra uma das estratégias:

Nós nos reunimos no parquinho, ficávamos em círculo ou em forma oval, para que os professores não pudessem ver, e fazíamos sinais uns para os outros. Para contar histórias, nos escondíamos, nas esquinas, nos banheiros, em qualquer lugar. Ou descia

as escadas e alguém mantinha o pé perto da porta para que, quando alguém passasse, eles sentissem as vibrações dessa pessoa e nos contassem, então todos abaixaram as mãos com força. (LADD, 2003, p. 306).

Outras estratégias envolviam a sinalização em dormitórios, durante o repouso noturno. Neste caso, havia o problema da iluminação que precisaria ser solucionado para permitir a percepção dos sinais. De acordo com mais um dos depoimentos,

Eu gostava de brincar com coisas elétricas, então montei esse aparelho. Quando a porta do dormitório era fechada, as luzes se acenderam e quando eram abertas, elas se apagaram. E funcionou bem por muito tempo, mas uma noite, o professor saiu e a porta se fechou e, em seguida, ele a abriu rapidamente, então, é claro que as luzes acenderam e apagaram novamente! Eles deram uma olhada mais de perto e, claro, isso foi o fim! (LADD, 2003, p. 306).

Em uma perspectiva de fora, o autor menciona que tais escapadas evocam a imagem de campos de prisioneiros, mas nenhum dos informantes surdos reportou essa conexão, pois tudo parecia normal para eles. Mas, para alguns, houve consequências infelizes. Para muitos, a língua de sinais britânica passou a ser associada ao cheiro de banheiros, o que dificilmente contribuiu para gerar um sentimento de respeito à língua.

Ainda assim, era criado uma experiência surda positiva. Muitos relatos foram contados com muita animação que ficou claro que não foi pouca a sensação de prazer proporcionada por essas lutas e estratégias. Eram momentos de vigília em busca de uma interação entre pares. Tal dinâmica cria características essenciais que fazem parte da cultura surda. É inegável que a alegria da interação deve ter sido maior que qualquer outra possibilidade. Cada interação em sinais era uma pequena vitória com um grande peso significativo.

Dentro de sala de aula, também houve uma cultura do coletivismo que constitui a cultura surda. Os relatos indicam que um ajudava o outro a tentar entender o que era dito, tanto o que os professores diziam, quanto o que os próprios alunos queriam dizer com o que era dito. O espírito de solidariedade estava presente principalmente quando se assumia o perigo de sinalizar as explicações quando os professores viravam de costas para a turma.

Ladd (2003) reforça que as histórias que envolvem a cultura surda não devem ser entendidas como uma forma de escapismo. Há uma sede por informação principalmente por parte de uma cultura que tem negado o seu acesso através da mídia de radiodifusão e de comunicação pública, por ignorância. Essa sede aumenta devido às restrições adicionais impostas pelo oralismo, pela exclusão de informações parentais e educacionais. Por isso, a tendência cultural dos surdos em apresentar quase tudo em forma de história, faz com que as

narrativas tenham informações legítimas e práticas que permitem uma leitura oportuna do mundo.

2.1 Escolas para surdos no Brasil

Esta seção trata da criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos e de outras instituições de ensino que contribuíram para a promoção do contato surdo-surdo e a consolidação de línguas de sinais e de uma comunidade surda.

De acordo com McBurney (2012), muitas políticas e práticas educacionais, ao longo da história, tinham como objetivo impedir que os surdos aprendessem ou usassem uma língua de sinais. Somente a partir do século XVI surgem os relatos dos primeiros profissionais que se dedicaram a estudar métodos que favorecessem o aprendizado dos surdos.

Ainda de acordo com McBurney (2012), na França, o Abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) foi um educador de sucesso e teve muita influência na educação de surdos do século XVIII, sendo considerado o “pai da comunidade surda”. O Instituto dos Surdos Mudos em Paris, fundado em 1760, foi a primeira escola pública para os surdos. L'Épée estabeleceu um método de ensino chamado de Sinais Metódicos, que combinava sinais para que os surdos aprendessem a ler e escrever em francês. O grande legado de L'Épée foi oportunizar a emergência de uma comunidade surda e, conseqüentemente, a consolidação de uma língua de sinais.

Em 1817, foi fundada a primeira escola para surdos dos Estados Unidos, *American School for the Deaf*, em West Hartford, Connecticut, por iniciativa de Thomas Kopkins Gallaudet. A instituição contou com a atuação do professor surdo francês Laurent Clerc. No Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, primeira escola para surdos do país, foi fundada, em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, por Dom Pedro II, através da iniciativa do professor surdo francês Eduard Huet. O professor Huet também atuou na primeira escola para surdos no México, a *Escuela Nacional de Sordomudos*, fundada em 1861 pelo presidente Benito Juárez. Segundo Cruz-Aldrete (2009), esta instituição foi crucial para a formação da comunidade surda mexicana, bem como a gênese, transmissão e conservação da língua de sinais mexicana.

Conforme mencionado, a primeira referência de escola para surdos surge na cidade Rio de Janeiro, no ano de 1857. Depois da inauguração, foram instaladas oficinas, por exemplo, sapataria, encadernação, douração, dentre outras (MAZZOTTA, 2017).

Novamente, a primeira referência escolar para surdos no Brasil foi na cidade do Rio de Janeiro. O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES foi criado pela Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857 e, a partir de denominação dada pela Lei Nº 3.198, de 6 de julho de 1957, passou a ser órgão específico, singular e integrante da estrutura organizacional do Ministério da Educação.

Ao longo de sua história, o instituto configurou-se como base educacional tendo por base a educação literária e o ensino profissionalizante para meninos "surdos e mudos" com idades entre 7 e 14 anos. Pelo decreto nº 9.198, de 12 de dezembro de 1911, é aprovado o método oral para todas as disciplinas. O decreto também aprova a criação de seção feminino, mas era necessário separação total entre meninos surdos e meninas surdas no internato. Os três professores de Linguagem Escrita foram transferidos para as três recém-criadas disciplinas de Linguagem Articulada e Leitura sobre lábios. O ano letivo começava em 02 de março e terminava em 20 de novembro, que incluía feriados e domingos. Os alunos podiam receber as visitas com autorização do diretor. Os alunos eram considerados egressos do instituto quando os alunos completavam 18 anos e as alunas 21 anos. Dentre as regras do instituto, havia que após os alunos completarem 6 anos do curso, só poderiam continuar se tivessem bom comportamento e também adiantamento dos estudos.

Ainda de acordo com Mazzotta (2011), os alunos faziam cursos e também trabalhavam em oficinas, por exemplo, oficinas de sapataria. Na ocasião, os alunos recebiam uma porcentagem de 30% na caderneta da Caixa Econômica Federal, que retiravam quando deixavam o instituto. Era comum também o instituto empregar ex-alunos. A Figura 6, a seguir, ilustra a imagem do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Figura 6 - Fachada do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

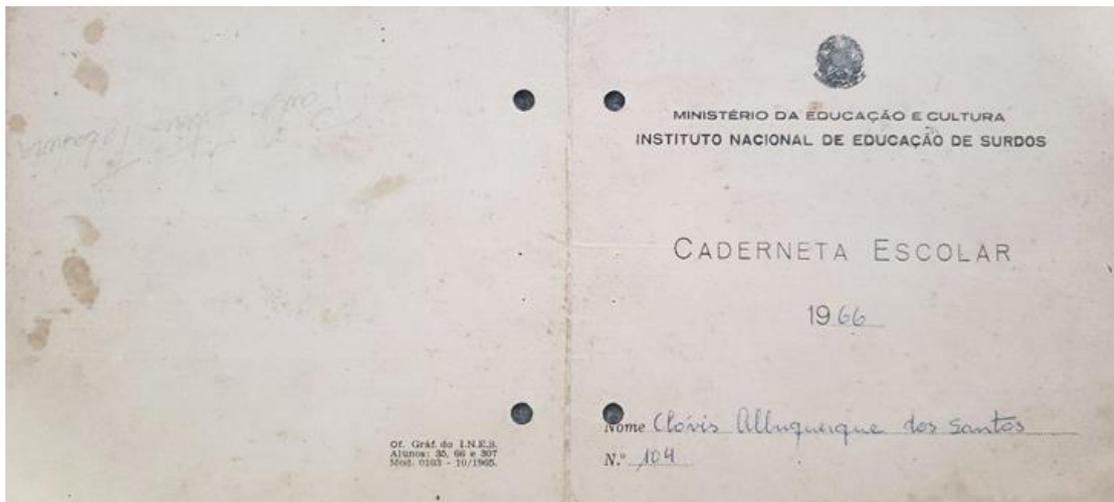


Fonte: arquivo pessoal (2008)

Entre a comunidade surda de Manaus, sabe-se que alguns surdos manauenses foram estudantes do Instituto Nacional de Surdos, no Rio de Janeiro. Um deles foi um dos participantes da pesquisa que constitui a presente dissertação. O entrevistado surdo Clóvis Albuquerque dos Santos é manauense, estudou no Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro, e teve a oportunidade de ensinar a língua de sinais no Instituto Montessoriano Álvaro Maia.

Clóvis Albuquerque é professor de karatê aposentado. O seu sinal é 104, por causa do INES, mas em Manaus ele é conhecido por outro sinal. O seu tio soube sobre o INES e informou sobre a instituição aos seus pais. Posteriormente, Clóvis, conduzido pelo seu pai e seu irmão, foram ao Rio. Pela primeira vez voou de avião. Antes, tinha a ideia de que o avião era um meio de transporte pequeno, pois só o via do céu. Na ocasião desta viagem, lembra-se de ter ficado boquiaberto com as dimensões da aeronave, que era enorme. Ele não entendia como algo tão grande poderia sobrevoar grandes distâncias. "Minha cabeça não entendia nada". Sentaram-se nas respectivas poltronas e Clóvis teve que ser acalmado pelo pai. Chegando à cidade de destino, seu pai lhe mostrou da janela o corcovado. Esta foi a primeira imagem que guardou do Rio de Janeiro. Hospedaram-se na casa do seu tio. No dia seguinte, o seu pai disse que o levaria para a escola, estudar. "Eu não entendia nada, apenas disse sim". Quando chegamos ao INES, Clóvis contava com, aproximadamente, 7 anos de idade. Mas, segundo o seu depoimento, "não entendia nada mesmo". Ficou admirado com a escola, que era enorme. Foram bem recebidos na secretaria. A recepcionista disse que havia outro surdo na instituição e que vinha da cidade de Manaus. Ela lhe mostrou o seu número, mas "eu não entendia nada mesmo". O seu pai já estava indo embora, disse para ele (Clóvis) ficar na escola para estudar. Quando vi muitos surdos se comunicando libras, ficava tonto pois não estava entendendo nada. Recorda-se que um surdo mais velho o guiava e o ensinava em relação aos sinais. Em apenas dois meses, começou a entender o significado da sinalização. A Figura 7, a seguir, ilustra a imagem da Caderneta Escolar de Clóvis no ano de 1966 no Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Figura 7 - Caderneta Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos em 1966



Fonte: Caderneta Escolar 1966 INES RJ cedido por Clóvis (2021)

Clóvis recorda que o instituto era dividido em ala para meninas e ala para meninos. Foram ofertados vários cursos: sapataria, pintura, desenhos e outros. Inclusive, Clóvis ressalta que foi no INES que desenvolveu habilidades para desenhos artísticos. Havia atendimento de reabilitação oral. Recordar-se que na fonoaudiologia aprendeu um pouco, mas, com o tempo, não conseguiu avançar e continuou sinalizando em libras. A Figura 8, a seguir, ilustra o Clóvis em frente à fachada do INES em 1977.

Figura 8 - Clóvis em frente ao INES em 1977



Fonte: Acervo pessoal cedido por Clóvis (2021).

O Instituto Nacional de Educação de Surdos também oferecia práticas de várias modalidades esportivas. Como não gostava de futebol, vôlei e outros esportes coletivos, Clóvis identificou-se com o karatê, que foi ofertado no próprio INES. Atualmente, é graduado faixa preta e é instrutor de karatê, ministrando aulas desta arte marcial. A Figura 9, a seguir, ilustra o Clóvis na prática do esporte.

Figura 9 - Clóvis praticando karatê



Fonte: Acervo pessoal cedido por Clóvis (2021).

Ao INES é atribuída a responsabilidade de termos uma língua de sinais nacional, enquanto uma escola que recebe alunos surdos de todo o Brasil. Mas, de acordo com Assis-Silva (2012), é importante considerar que outros institutos e missões no país, principalmente vinculados à Igreja Católica, têm impulsionado a formação de redes de sinalizantes, que tem contribuído para a constituição de uma comunidade de língua de sinais e consolidação da Libras. Nas palavras do autor,

A história da língua brasileira de sinais é bem mais complexa do que essa mera disseminação dos sinais para o Brasil a partir do INES, pois ao longo do século XX, outras instituições foram se constituindo em todo o Brasil, sendo também importantes territórios para associação de pessoas com surdez. É precisamente nesse ponto que o papel das congregações católicas precisa ser considerado. (ASSIS-SILVA, 2012, p. 20).

Ainda de acordo com o autor, os institutos de determinadas congregações católicas, assim como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), ao longo da história, ocupam um papel chave no processo de reunião entre pessoas com surdez, bem como na consolidação e desenvolvimento de formas de comunicação sinalizada, ainda que todos, sem exceção, tenham sido historicamente oralistas.

Dentre as escolas de surdos no Brasil, podemos mencionar, por exemplo, o Instituto Santa Terezinha -1929 na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, o Instituto Santa Inês – ISI, 1947, na cidade de Belo Horizonte, Estado Minas Gerais, Escola Epheta - 1950, na cidade de Curitiba, Estado Paraná, a Escola Municipal de Educação Infantil e de 1ºGrau para Deficientes Auditivos Helen Keller – 1951, na cidade São Paulo, Estado São Paulo, a Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS) Helen Keller - 1952, na cidade São Paulo, Estado São Paulo é referência de ensino nesta modalidade – a única pública no Brasil que atende estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio Bilíngue, Instituto Domingos Sávio – IDS, 1952, na cidade de Recife, Estado Pernambuco, o Instituto Educacional São Paulo (IESP) - 1954 – DERDIC na cidade São Paulo, no Estado São Paulo, Instituto “D. Conceição para Crianças Surdas – 1960, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, Instituto Cearense de Educação de Surdo – ICES 1961, na cidade Fortaleza, Estado Ceará, o Instituto de Educação “Dr. Américo Brasiliense, 1962, na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, o Centro de Educação para Surdos Rio Branco – 1970, na cidade de Cotia, Estado de São Paulo.

Em outros países, as escolas de surdos também contribuíram para a consolidação de uma língua de sinais e conseqüentemente, de uma comunidade surda, com sua cultura e identidades.

A língua de sinais da Mongólia é fortemente influenciada pela língua de sinais da Rússia, por ocasião da primeira escola de surdos do país, fundada em 1964 com ajuda do governo russo (GEER, 2011). A língua de sinais da Austrália e da Nova Zelândia são historicamente relacionadas com a britânica, tanto por fatores educacionais quanto por migração (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2006). Há inclusive sugestão de que elas sejam dialetos de uma mesma língua, devido à forte similaridade lexical. A língua de sinais de Hong Kong possui uma relação histórica com a língua de sinais chinesa por ter uma escola de surdos que teve apoio de educadores surdos chineses (SZE; LO; LO; CHU, 2013).

Algumas línguas de sinais da África são provenientes da criação de línguas de sinais locais e com a língua de sinais americana, que foi introduzida em muitos países juntamente com a educação de surdos, nas últimas cinco décadas. De acordo com NYST (2010), o impacto das políticas linguísticas na educação de surdos, em alguns países, fez com que algumas línguas nacionais do continente africano sejam baseadas na língua de sinais americana.

Muitas escolas para surdos no continente africano foram fundadas por Andrew Foster (1927-1987), através do programa estadunidense Missão Cristã para Surdos. O programa fundou nove escolas em Gana, a partir de 1957, e outras vinte e duas escolas em dezessete outros países, incluindo Nigéria, Costa do Marfim, Togo, Senegal, Benin e Burkina Faso. Foster

também fundou instituições para formação de professores surdos em Gana, Nigéria e na República Democrática do Congo, onde profissionais do continente foram formados para atuarem em seus países de origem. Ainda de acordo com a autora, Foster defendeu o uso da Comunicação Total e usou a língua de sinais americana em suas escolas.

Como consequência, formas oriundas da ASL com as línguas de sinais locais rapidamente se espalharam por toda a região. As línguas de sinais baseadas em ASL acabam por ser a primeira língua de adultos surdos com escolarização, na maioria dos países. Essas línguas passam a ser usadas nas associações de surdos, em cursos, em atividades de interpretação televisionadas e, por fim, consideradas a línguas oficiais (NYST, 2010).

Neste capítulo, mostramos a importância das escolas de surdos, ao longo da história, para a emergência de uma comunidade surda e consolidação de uma de línguas de sinais. No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: FONTES DE DADOS HISTÓRICOS

A busca por fontes históricas para o levantamento de informações e, assim, a elaboração de um delineamento da história cultural da comunidade surdos em Manaus, envolveu a busca por documentos institucionais e a coleta de narrativas, fotografias e jornais.

A proposta é fazer um levantamento de fatos da história da educação de surdos que favoreceu o contato entre surdos e a emergência de uma comunidade de língua de sinais. As fontes de informações para a elaboração do nosso *corpus* de pesquisa também envolvem, de alguma forma, uma pesquisa de campo.

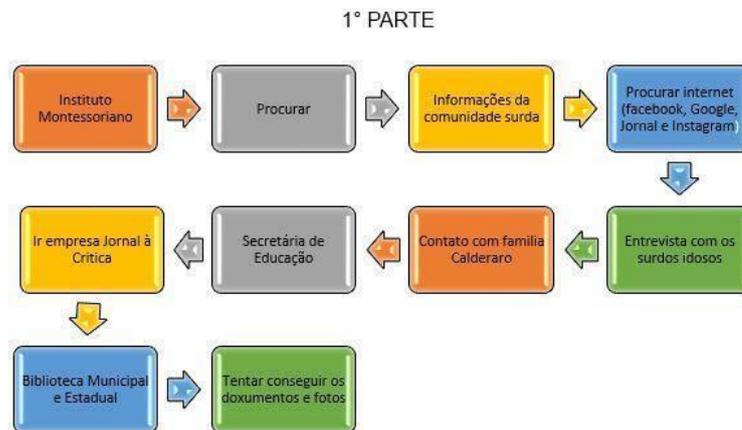
Inicialmente, estabeleci como objetivo principal para o levantamento de informações resgatar a história das escolas de surdos que existiram na cidade de Manaus. Algumas perguntas nortearam esse primeiro momento de levantamento de informações: *quem foram os primeiros estudantes surdos dessas instituições? Como essas escolas começaram suas atividades e interromperam as mesmas? Como os estudantes surdos aprenderam nessas escolas? Como era a comunicação entre os surdos e entre surdos e professores dentro da escola? E os seus métodos educacionais? Como os estudantes surdos aprenderam a Libras com quem?* A partir desses questionamentos, comecei a fazer um planejamento das estratégias para levantar informações.

Para a coleta de informações, levei em consideração as instituições de ensino que eram mencionadas de maneira recorrente pela comunidade surda enquanto escolas de surdos, sendo elas, o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, a Apae, a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos e o Instituto Filippo Smaldone Manaus. Meu interesse, então, foi a busca de fatos históricos sobre tais instituições. Acrescentei, ainda, a busca por informações sobre o missionário Pe. Eugênio Oates. Dessa forma, as atividades de coleta de informações foram conduzidas em cinco partes. Cada parte envolveu uma das instituições, bem como o levantamento de fatos históricos envolvendo o missionário Oates em Manaus.

Antes mesmo de iniciar a pesquisa de mestrado, eu sempre questionava entre os surdos acerca de informações sobre o Instituto Montessoriano Álvaro Maia. Para fins desta investigação, organizei entrevistas com surdos idosos que são membros da comunidade surda de Manaus. A coleta de informações com os informantes aconteceu em forma conversa e com considerável nível de informalidade. As entrevistas em forma de conversa me permitiram descobrir muitos fatos sobre a instituição. Então, no momento de andamento desta etapa, fiquei muito empolgada para ir atrás de documentos institucionais, fotografias e outras fontes de

informações que pudesse me permitir reunir um conjunto considerável de dados sobre a instituição. A Figura 10, a seguir, esquematiza essa parte de coleta de informações.

Figura 10 - Primeira parte de coleta de informações.



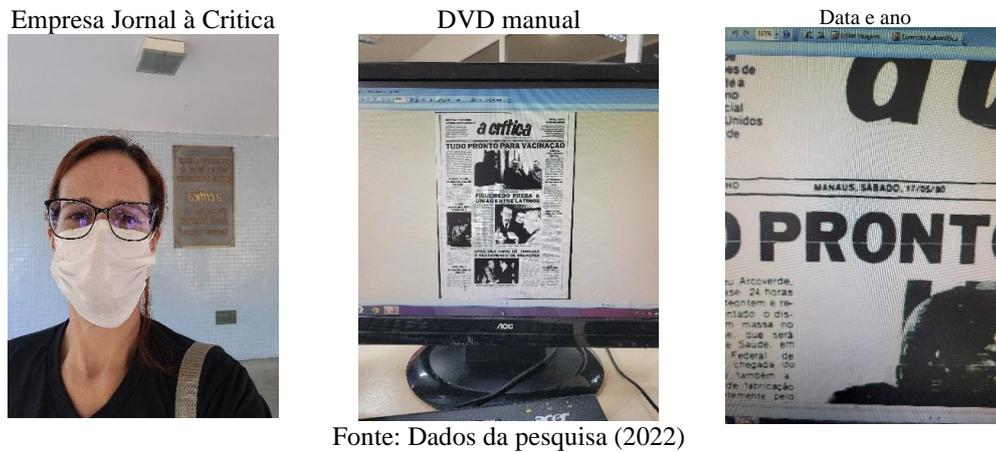
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Certo dia, com a pesquisa de mestrado em andamento, encontrei um amigo que é surdo e oralizado, me orientou a procurar alguém que era um de seus conhecidos, pertencente à família Calderaro. Esta família está vinculada ao Montessoriano Álvaro Maia. A partir dessa informação, recordei-me de uma colega que estudamos juntas na época em que eu cursava a faculdade de administração, e que era pertencente a esta família. Entrei em contato com ela e, ao ser questionada sobre a instituição, ela disse prontamente que a conhecia, pois a sua avó trabalhou nesta escola, mas, infelizmente, não tinha mais quaisquer documentos referente à instituição. Ela me orientou a procurar o tio dela, pois, provavelmente, ele teria alguma informação. Eu entrei em contato com ele e soube que é filho do responsável pelo Instituto Montessoriano Álvaro Maia. Mas, novamente, ele disse que não tinha documentos guardados. Então, a minha colega me orientou a tentar falar com a tia dela. Conforme orientação, eu entrei em contato com a mesma e me disse que tinha um livro do autor André Vidal de Araújo. Prontamente, eu fui na residência dela, na tentativa de encontrar o livro indicado. Ela me emprestou e, após leitura atenta da obra, eu não encontrei referência sobre Instituto Montessoriano Álvaro Maia, mas outros assuntos. A obra trata sobre a Sociologia de Manaus, 1974. Então, procurei em sites de busca algum documento que abordasse sobre a escola, até que entrei em contato o autor Durango Duarte, pois havia uma indicação que o autor publicou uma pesquisa sobre o Instituto Montessoriano. Fui até à empresa dele, e me cedeu seis livros.

Um deles é “Imprensa Amazonense Chantagem, Politicagem e Lama”, de 2015. Na obra encontrei apenas a menção sobre o motivo do fechamento do Instituto Montessoriano nas páginas 167 a 169 da obra. Procurei novamente em sites de busca e encontrei o site da <https://issuu.com/bibliovirtualsec> - Centro de Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM), ISSUU é uma plataforma de publicação gratuita de revistas, jornais, livros e outros materiais visuais, um álbum do Instituto Montessoriano, com fotografias da instituição, mas sem qualquer indicativo de informações em português escrito. Mesmo com o acesso ao álbum de fotografias, sentia que estava faltando algo, pois precisava realmente de registros em forma de texto. Então, fui à Secretária de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC – para tentar conseguir alguns documentos institucionais, mas, infelizmente, a secretaria não os tem.

No outro dia, seguinte ao contato realizado na SEDUC, fui à sede da empresa de Jornal a Crítica que pertence à família Calderaro. Eu entrei em com pedido de autorização (através do WhatsApp), ainda informalmente, para a coleta de informações sobre o instituto. A minha amiga que estudou comigo na faculdade de Administração me forneceu esse contato. Perguntei se havia algum site da instituição que registrasse os jornais antigos da empresa. O funcionário do Jornal a Crítica que me atendeu disse que não, pois só a partir do ano de 2009 que a empresa tem publicado edições digitais. Disse ainda que é muito difícil encontrar o que eu queria. Mas, ainda assim, me indicou que procurasse uma outra pessoa, uma profissional bibliotecária. Entrei em contato com a referida profissional que me disse haver um acervo de DVDs com algumas edições de jornal. Eu fiz buscas neste acervo por cinco dias. O acervo era grande e tentei procurar individualmente, cada uma das edições registradas em DVDs. Para isso, fiz um recorte temporal. Ative-me nos DVDs das décadas de 50, 60, 70 e 80. Mas, infelizmente, não encontrei informações sobre o Instituto Montessoriano Álvaro Maia. A Figura 11, a seguir, ilustra a minha presença na sede do Jornal a Crítica e a busca por informações em DVDs.

Figura 11 - Busca por informações no Jornal à Crítica



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Na busca por informações sobre o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, estive ainda em duas bibliotecas, uma biblioteca estadual, que está fechada devido à reforma, e uma biblioteca municipal. Nesta, encontrei um livro intitulado “Introdução à Sociologia da Amazônia” por André Vidal de Araújo, que fala sobre Educação nas páginas 411 a 445, mas não atendeu às demandas da pesquisa. As informações sobre o instituto foram coletadas em sites de internet, narrativas dos surdos entrevistados, algumas informações com amigos da família Araújo e Calderaro e as fotografias encontradas na biblioteca ISSUU. A Tatiana Calderaro Tomaz é neta do fundador do jornal Crítica, a avó dela é Ritta de Araújo Calderaro que é filha do fundador do Instituto Montessoriano. Então, a Tatiana foi minha amiga na faculdade de administração. A Glauca Maria de Araújo Ribeiro, é professora de Direito Administrativo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) conseguiu um livro que fala sobre isso. A mãe dela se chama Virgínia que era professora da turma de crianças com deficiência auditiva, era casada com Platão Araújo, filho do fundador André Araújo Vidal. Esta parte foi mais difícil.

A segunda parte do levantamento de informações consiste na busca de dados sobre o missionário Pe. Eugênio Oates. A Figura 12, a seguir, esquematiza essa parte de coleta de informações.

Figura 12 - Segunda parte de coleta de informações.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

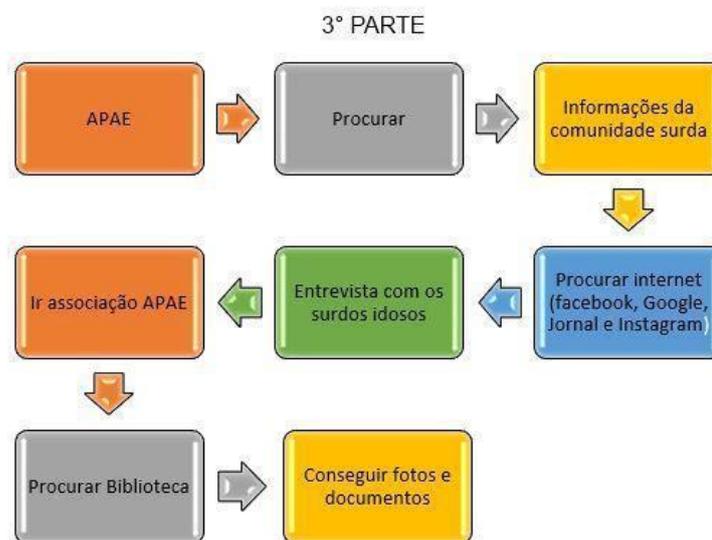
Conforme mencionado na introdução, eu não tinha conhecimento sobre o legado e as contribuições de Oates para a educação de surdos no Brasil, mais especificamente, para a educação de surdos de Manaus. Nesta investigação, aproveitei a oportunidade para fazer pesquisas sobre o missionário para coletar fatos de sua convivência junto aos surdos. À medida que fui coletando informações com a comunidade surda, os surdos começaram a narrar fatos sobre o Eugênio Oates. Além das narrativas de surdos sobre o missionário, procurei informações em sites de busca e, na oportunidade, encontrei o livro intitulado *Be Opened! The Catholic Church & Deaf Culture*. As páginas 108 a 110 da obra fazem menção ao Eugênio Oates. Outra fonte de informações foi o acervo de jornais mantido pela Biblioteca Nacional e disponível no site <https://memoria.bn.br/>. Neste acervo, pude encontrar fotos e textos sobre o missionário enquanto ele esteve em Manaus.

Posteriormente, durante as entrevistas, os participantes surdos narraram histórias interessantes e mostraram fotos de momentos em que estiveram com Oates. As fotos foram disponibilizadas para fazer parte do *corpus* de coleta de informações, que foram registradas pela câmera do meu aparelho celular de uso pessoal. Ressalto que o levantamento desse acervo fotográfico sobre o missionário me deixou bastante empolgada com a pesquisa. Esses são fatos importantes da história da comunidade surda de Manaus, considerando que o mesmo residiu na cidade por vinte anos. Soube também que o Pe. Eugênio Oates era amigo de André Vidal de Araújo, dono do Instituto Montessoriano, e que ministrava aulas de língua de sinais americana misturando com a Libras.

A terceira parte do levantamento de informações consiste na busca de dados sobre a Apae. Durante a minha graduação no curso de Pedagogia, na faculdade Martha Falcão,

formamos um grupo de 14 estudantes surdos, conforme mencionei na introdução desta dissertação. Isso favoreceu a manutenção de uma rede de interação em língua de sinais e, principalmente, a circulação de conhecimento sobre nós surdos. Na época, circulava a informação de que a Apae foi uma instituição de ensino que acolheu muitos surdos durante o seu período de escolarização em Manaus. Por isso, a Apae foi incluída enquanto instituição de ensino para nossa coleta de informações. A Figura 13, a seguir, esquematiza essa parte de coleta de informações.

Figura 13 - Terceira parte de coleta de informações.



Fonte: elaborado pela autora (2022)

Em Manaus, muitos dos surdos que estudaram no Instituto Montessoriano migraram para Apae, após o fechamento do instituto. A busca por informações sobre a Apae aconteceu em sites de busca, artigos, trabalhos acadêmicos e site institucional. Eu fui à instituição Apae na tentativa de encontrar algum acervo que trata sobre a educação de surdos. Eu fui bem recebida na instituição. A funcionária que me recebeu entrou em contato comigo uma semana após a minha visita e, infelizmente, recebi a informação de que não havia documentos institucionais que mencionavam sobre a educação de surdos. Dessa forma, realizei a coleta de informações sobre a instituição a partir de fontes orais. Na oportunidade, ao ter acesso às narrativas dos surdos participantes, conheci muitas histórias, acessei fotografias e documentos pessoais da escola, que registrei via celular pessoal, com a autorização dos participantes. A

Figura 14, a seguir, ilustra o momento em que estive na Apae de Manaus, por ocasião desta pesquisa.

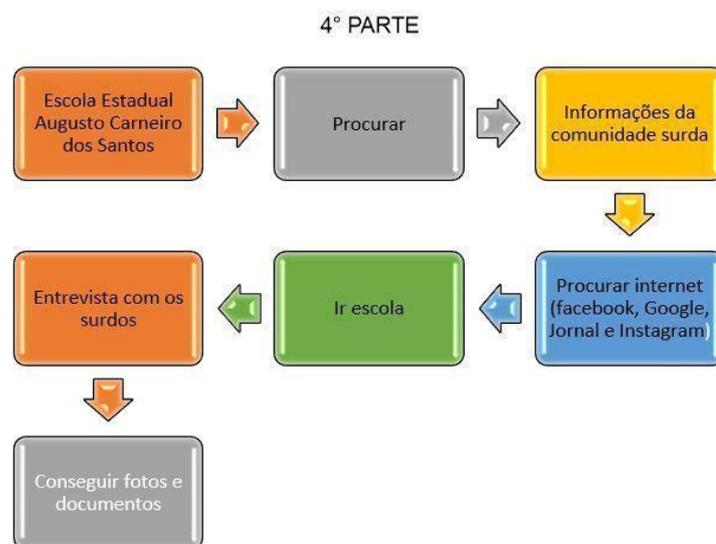
Figura 14 - Eu no APAE de Manaus - 2022



Fonte: dados da pesquisa (2022)

A quarta parte do levantamento de informações consiste na busca de dados sobre a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos. A Figura 15, a seguir, esquematiza essa parte de coleta de informações.

Figura 15 - Quarta parte de coleta de informações.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

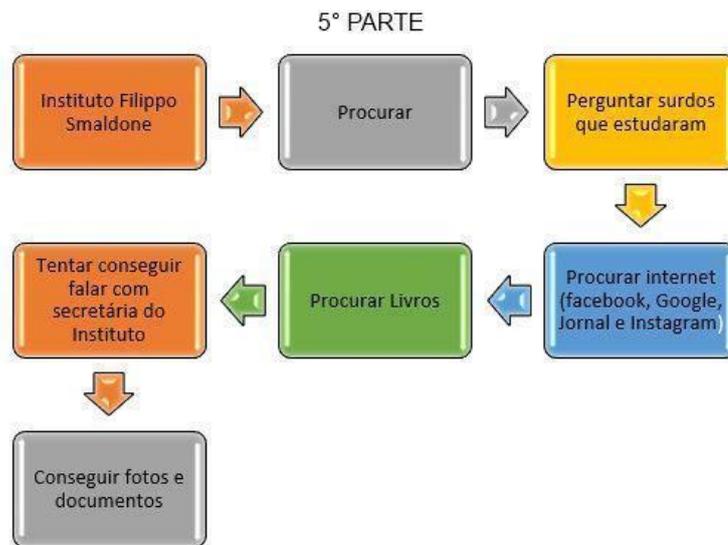
Atualmente, a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos está em funcionamento e, para pesquisar sobre a instituição, solicitamos uma autorização junto à Secretaria Estadual de

Educação do Amazonas. Após esse contato inicial, foi autorizado a pesquisa na escola para fins de levantamento de documentos institucionais.

Depois descobri que meus amigos surdos foram os primeiros alunos desta escola, assim que a instituição foi inaugurada. Muitos alunos surdos migraram da escola Apae e foram para a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos. Novamente, essas informações circulavam durante as interações entre os colegas surdos, durante a graduação no curso de Pedagogia da faculdade Martha Falcão. Muito conhecimento circulava sobre nós surdos, em língua de sinais. A partir de narrativas, obtive informações sobre a instituição, bem como fotografias e documentos pessoais sobre o período de escolarização.

A quinta parte do levantamento de informações consiste na busca de dados sobre o Instituto Filippo Smaldone Manaus. A Figura 16, a seguir, esquematiza essa parte de coleta de informações.

Figura 16 - Quinta parte de coleta de informações.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Conforme mencionei na introdução desta dissertação, eu estudei durante um curto período de tempo no Instituto Filippo Smaldone, na cidade de Belém no estado Pará. Por ocasião desta pesquisa, tentei com um ex-aluno surdo que estudou neste Instituto a possibilidade de retirar os meus documentos pessoais de escolarização. Ele foi na secretaria da instituição, mas não pôde fazer a retirada dos meus documentos. Apenas eu poderia fazê-lo pessoalmente. Infelizmente, não pude ir a Belém.

Em relação ao Instituto Filippo Smaldone, em Manaus, contatei um amigo surdo que me disse que sua mãe havia acabado de lançar o livro intitulado "Filippo Smaldone Resgatando a nossa história, 1984 - 2019", de autoria de Maria Stella Alencar, publicado em 2019. Eu adquiri a referida obra, por ser uma importante fonte de informações para a presente proposta de investigação. Da mesma forma, fui pessoalmente ao Instituto com o intuito de verificar junto à instituição, outras fontes de informações. As Irmãs salesianas me emprestaram 2 livros para a coleta de informações. Outras fontes de dados foram sites de buscas, através de artigos e dissertações.

3.1 Narrativas

A principal fonte de informações para o levantamento de dados da pesquisa foi de fontes orais, que correspondiam a coletas de narrativas com membros da comunidade surda de Manaus. As narrativas consistiram de entrevistas com 10 surdos idosos com idade a partir de 60 anos até 80 anos, inicialmente, e outros 6 surdos adultos com idade a partir de 45 anos até 59 anos (não idosos). No total, foram entrevistados 16 participantes, cujo período de escolarização aconteceu na cidade de Manaus. Eu os considero como sobreviventes, pois vivenciaram uma época de proibição das línguas de sinais na educação de surdos. Um deles, atualmente, conta com 86 anos de idade.

Partimos do pressuposto que as narrativas são formuladas a partir da subjetividade dos surdos, mas que foram omissas pela sociedade. Por isso, as narrativas mostram a realidade em uma perspectiva surda, que pode ser desconhecida. A pesquisa também fala sobre ato político e também simbólico, o que é importante para a comunidade surda geral. Ao longo da história, não era permitido os surdos falarem. Éramos subalternizados e a história da comunidade surda foi explicada, escrita e falada apenas por pessoas ouvintes.

Por isso, a narrativa enquanto método de coleta de dados é oportuno, pois possibilita compreendermos o que acontece dentro da comunidade surda. Há muitas histórias ricas que podem nos ajudar a ver a perspectiva da realidade surda sobre o passado. As entrevistas foram gravadas em libras e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa pela autora desta dissertação.

As entrevistas foram muito produtivas, pois revelaram narrativas com fatos interessantes sobre a comunidade surda e as escolas de surdos. As experiências dos surdos em

uma perspectiva intergeracional podem revelar a pluralidade de instâncias da experiência de ser surdo e, por isso, merecem ser problematizadas.

De acordo com García (2020), a identidade tem na língua, ou melhor, no uso da língua, uma forte aliada. Em relação à identidade social, esta resulta da relação de solidariedade e reciprocidade entre os membros de um grupo que adere suas práticas a ela (identidade social). Nesse sentido, a autora ressalta a sobrevivência de uma língua de sinais legítima, mesmo com toda sua negação ao longo da história e sendo renegada, ainda hoje, a um segundo plano na educação brasileira. Esse fato sustenta a manutenção da transmissão oral entre os grupos de surdos e evidencia uma construção coletiva.

A memória de um grupo carrega elementos fundamentais que nos dizem algo acerca das identidades, plurais e coletivas, que tal grupo emana. Desse modo, quando relembramos episódios passados, nossas lembranças surgem vinculadas à nossa inserção histórico-social.

Há uma memória coletiva muito diretamente relacionada à tradição oral, e que quase sempre é tida como suporte da identidade. Esta capacidade unificadora, enquanto um código supostamente partilhado por todos de uma mesma forma, realça o aspecto da identidade entre as pessoas. Assim, é possível que o grupo tenha a visibilidade necessária ao seu reconhecimento por outros grupos. Nas palavras da autora,

Os indivíduos apresentam-se uns aos outros e enxergam a si mesmos tendo como referencial básico suas origens, consagradas a partir de uma memória compartilhada e transmitida através das gerações. Assim, é o caso de se afirmar que as memórias coletivas carregam valores culturais de um grupo e em sua base encontramos a forma usada na seleção de situações consideradas pelo grupo como dignas de serem lembradas. (GARCÍA, 2020, p. 33).

A autora ressalta ser oportuno trazer à luz narrativas de idosos surdos, a fim de destacar como cada um construiu um modo próprio de estar no mundo, a partir de um processo de socialidade onde está em jogo uma complexa rede de relações (GARCÍA, 2020).

Em 2016, enquanto docente da Universidade Federal do Amazonas, iniciei um projeto de pesquisa com o objetivo de resgatar a história da educação de surdos de Manaus. Nesse sentido, encontrei surdos idosos de Manaus, a partir da colaboração do meu amigo surdo Juscelino Buarque Onofre, que, atualmente, é professor na DERDIC, na cidade de São Paulo. A rede de contatos de Juscelino permitiu o meu encontro com surdos idosos de sua mesma geração, sujeitos que eram seus amigos de adolescência, em Manaus. Alguns deles eram ex-alunos do Instituto Montessoriano Álvaro Maia. Atualmente, o Instituto Montessoriano Álvaro

Maia não existe mais. Inclusive, o antigo prédio físico foi demolido para dar lugar a uma outra construção.

Dessa forma, as entrevistas com os participantes aconteceram a partir de 2016 e serviram como fonte de dados para a atual pesquisa de mestrado. Na época, comecei a marcar com os surdos para conversar sobre o que eles faziam na época do ano de 50 a 80 e foi no momento que conheci os surdos idosos de verdade. Durante as entrevistas, entramos em uma conversa de maneira natural e informal sobre a escola que eles estudaram. Logo me interessei e fiz o projeto para esse levantamento. Para a presente pesquisa, os colaboradores foram contatados novamente e autorizaram o uso de suas entrevistas para a pesquisa. Durante a coleta das narrativas, todos os entrevistados aceitaram que os seus nomes reais estivessem no texto da dissertação.

As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado e foram conduzidas de forma a criar um ambiente confortável e descontraído para que os colaboradores narrassem suas histórias de vida, principalmente relativas ao período de escolarização. Para isso, foram marcados momentos individuais na residência dos surdos colaboradores. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice C da dissertação. Todos os entrevistados foram informados sobre o objetivo da pesquisa, os benefícios e que poderiam se recusar a participar a qualquer momento. Todos aceitaram participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D).

Durante as entrevistas, procurei conversar sobre comportamentos, língua de sinais, cultura. A proposta era conhecer a trajetória dos participantes surdos e os diferentes fatos de suas vidas, dos sentimentos, identidades e como tudo isso teve implicações dentro das escolas de surdos, em suas vidas escolar e profissional. As entrevistas foram gravadas em vídeo. Conforme mencionado, eles assinaram o termo de consentimento e autorizaram o uso de suas imagens. O Quadro 1, a seguir, ilustra os entrevistados.

Quadro 1 - Imagem dos surdos idosos entrevistados

Nome	Ano de Nascimento	Metodologia, ano e local se houver	Tempo da duração de entrevista	Meu sinal e meu nome

<p>José Maria Bezerra Mendes</p> 	<p>1944 78 anos</p>	<p>Filmado pela máquina de fotografia 2016 Na casa do José Maria</p>	<p>7:28</p>	
<p>Paulo Itiro Takahira</p> 	<p>1948 74 anos</p>	<p>Filmado pelo celular 2022 Na casa do Paulo e da Valdevira</p>	<p>2:25</p>	
<p>Carmen Barbosa do Nascimento</p> 	<p>1951 71 anos</p>	<p>Filmado pela máquina de fotografia 2017 Na casa da Virginia e do Albino</p>	<p>4:36</p>	
<p>Clovis Albuquerque dos Santos</p> 	<p>1952 70 anos</p>	<p>Filmado pelo notebook 2022 Na casa do Clóvis</p>	<p>1:19:28</p>	

<p>Virginia Barroco A. de Lima</p> 	<p>1953 69 anos</p>	<p>Filmado pela máquina de fotografia 2017 Na casa da Virginia e do Albino</p>	<p>7:72</p>	
<p>Juscelino Buarque Onofre</p> 	<p>1955 67 anos</p>	<p>Filmado pela máquina de fotografia 2017 Na casa da Virginia e do Albino</p>	<p>4:74</p>	
<p>Gilmar Nunes Coelho</p> 	<p>1957 65 anos</p>	<p>Filmado pelo Google Meet 2021</p>	<p>1:28:17</p>	

<p>Albino Gonçalves de Araújo L. Júnior</p> 	<p>1958 64 anos</p>	<p>Filmado pela máquina de fotografia 2017 Na casa da Virginia e do Albino</p>	<p>7:16</p>	
<p>Valdevira dos Santos Takahira</p> 	<p>1960 62 anos</p>	<p>Filmado pelo celular 2022 Na casa do Paulo e da Valdevira</p>	<p>25:24</p>	
<p>Linda Almeida Trindade</p> 	<p>1961 61 anos</p>	<p>Filmado pelo WhatsApp 2022</p>	<p>42:16</p>	

Fonte: Dados da pesquisa pessoal (2022)

As filmagens não foram publicadas. Me pediram para não colocar como QR Code ou Youtube sobre as entrevistas, mas apenas deixaram somente QR Code apenas o nome e o sinal que pedi no WhatsApp no final ainda este ano 2022, apenas deixaram como fotografia, pois as conversas eram informais e tinham dados da vida pessoal e menção a episódios e pessoas que não poderiam ser publicizados. Em 2016, foi realizada a primeira entrevista na residência de

José Maria Bezerra Mente e contamos com a presença de um intérprete, o Clayton Barros, que é surdo e que me ajudou na coleta de informações, pois a libras sinalizada por José Maria é um pouco diferente. Dessa forma, o Clayton Barros que o compreendia atuou como um mediador entre mim e o entrevistado. Em 2012, a segunda entrevista foi com Virginia Barroco de Lima e Albino Gonçalves de Araújo Lima Júnior, que são surdos e casados, e aconteceu na residência deles. Na ocasião, Juscelino e Carmen estiveram presentes e auxiliaram nos procedimentos para filmagem. A Carmen autorizou a usar o nome do marido que já tinha falecido, pois também era aluno do Instituto Montessoriano. A entrevista aconteceu de maneira cordial e em um nível de informalidade. Em, 2021 quarto entrevistado foi Gilmar Nunes Coelho, através no Google Meet. Em, 2022 por fim, o quinto entrevistado foi Clóvis que gentilmente nos recebeu com muito carisma e espírito de colaboração. Por sexto foram a Valdevira e o Paulo, eles são casados e a entrevista aconteceu na residência deles. Por sétimo e último, a entrevista foi com Linda Almeida Trindade. Eu fiz a entrevista do José Maria novamente, na casa dele, e fui recebida pela filha dele, que contou com a participação de Juscelino Onofre no Google Meet com o objetivo de confirmar alguns dados obtidos na entrevista inicial.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado, em que os colaboradores tinham a liberdade de expressar suas narrativas. Tive acesso a muitas histórias longas e interessantes. Durante a realização de uma das entrevistas, houve um café de confraternização na casa da Carmen. Ela é surda e viúva do surdo Jair. Então, aproveitei para solicitar fotografias do período de escolarização e de encontro entre surdos. Ela me forneceu muitas fotografias, com autorização para o uso das mesmas nesta pesquisa. Neste dia, houve muitas conversas e histórias engraçadas. A Figura 17, a seguir, ilustra esse momento.

Figura 17 - Lanche na casa da Carmen e seus colegas surdos - 2016



Fonte: Dados da pesquisa pessoal (2022)

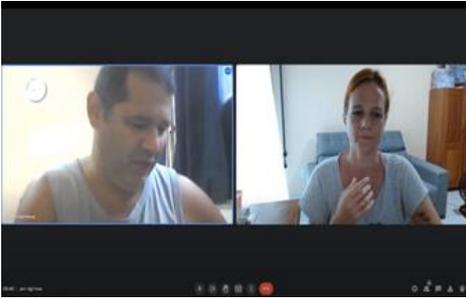
No ano de 2022, eu realizei novas entrevistas com outros surdos adultos (não idosos) e também alguns surdos idosos novamente com o objetivo de complementar informações sobre as instituições de ensino. Novamente, as entrevistas aconteceram de maneira informal e os participantes estiveram livres e à vontade para falar sobre suas experiências na escola e também falar sobre como aprenderam a língua de sinais e o que aprenderam dos surdos idosos. Estas entrevistas foram no Google Meet e no WhatsApp. Algumas entrevistas aconteceram pelo WhatsApp, porque alguns surdos não sabiam mexer no computador. Em alguns momentos, solicitei a ajuda para os filhos dos pais surdos que eu conhecia, para que eles ajudassem os pais surdos a mexer no notebook, era assim que funcionavam.

Quadro 2 - Imagem dos surdos idosos entrevistados

Nome	Metodologia e local	Tempo da duração de entrevista
<p data-bbox="470 1064 831 1099">José Maria Bezerra Mendes</p> 	<p data-bbox="963 1064 1136 1216">Filmado pelo celular 2022</p> <p data-bbox="976 1332 1123 1406">Na casa do José Maria</p>	<p data-bbox="1236 1064 1313 1099">22:98</p>
<p data-bbox="483 1505 821 1541">Juscelino Buarque Onofre</p> 	<p data-bbox="963 1505 1136 1657">Filmado pelo Google Meet 2022</p>	<p data-bbox="1236 1505 1313 1541">50:59</p>

Fonte: Dados da pesquisa pessoal (2022)

Quadro 3 - Imagem dos surdos adultos (não idosos) entrevistados

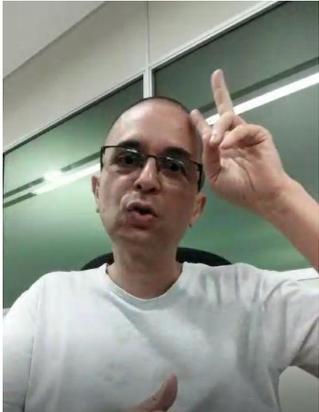
Nome	Ano de Nascimento	Metodologia, ano e local se houver	Tempo da duração de entrevista	Meu sinal e meu nome
<p data-bbox="293 600 657 633">Carlos Antônio Sousa Costa</p> 	<p data-bbox="762 600 833 633">1964</p> <p data-bbox="746 674 849 707">58 anos</p>	<p data-bbox="890 600 1027 633">WhatsApp</p> <p data-bbox="922 674 995 707">2022</p>	<p data-bbox="1098 600 1184 633">32:06</p>	
<p data-bbox="284 1099 667 1133">Clayton Barros de Sant'Anna</p> 	<p data-bbox="762 1099 833 1133">1971</p> <p data-bbox="746 1171 849 1205">51 anos</p>	<p data-bbox="906 1099 1011 1133">Google Meet</p> <p data-bbox="922 1211 995 1245">2022</p>	<p data-bbox="1090 1099 1195 1133">1:04:18</p>	
<p data-bbox="316 1525 635 1559">Janderlei da Silva Vale</p> 	<p data-bbox="762 1525 833 1559">1973</p> <p data-bbox="746 1597 849 1630">49 anos</p>	<p data-bbox="906 1525 1011 1559">Google Meet</p> <p data-bbox="922 1637 995 1671">2022</p>	<p data-bbox="1090 1525 1195 1559">1:00:56</p>	

<p>Joelma Pinheiro da Silva Sanches</p> 	<p>1974 48 anos</p>	<p>Google Meet 2022</p>	<p>20:18</p>	
---	-------------------------	-----------------------------	--------------	---

Fonte: Dados da pesquisa pessoal (2022)

Após a realização das entrevistas e o início da análise das narrativas, eu sentia a necessidade de coletar mais informações. Eu percebia, de alguma forma, que algo estava faltando. Nesse sentido, aproveitei para fazer mais entrevistas com surdos que estudaram no Instituto Filippo Smaldone em Belém. O Quadro 4, a seguir, ilustra os surdos entrevistados nesta nova etapa de levantamento de informações.

Quadro 4 - Imagem dos surdos que foram ex-alunos do IFS em Belém - PA

Nome	Ano de Nascimento	Metodologia, ano e local (se houver)	Tempo da duração de entrevista	Meu sinal e meu nome
<p>Raimundo Cleber Teixeira Couto</p> 	<p>1970 52 anos</p>	<p>Google Meet 2022</p>	<p>29:19</p>	
<p>Silvio Márcio Freire de Alencar</p> 	<p>1970 52 anos</p>	<p>Fiz pergunta através no WhatsApp e foi enviado pelo videos 2022</p>	<p>3:68</p>	

Fonte: Dados da pesquisa pessoal (2022)

3.2 Documentos institucionais

A pesquisa envolveu a busca por informações sobre as instituições de ensino que proporcionaram o contato entre surdos e, conseqüentemente, a emergência de uma comunidade surdo. Conforme mencionado inicialmente, estive atenta especificamente às instituições mencionadas pelos surdos de Manaus.

O levantamento do perfil institucional envolve a coleta de informações como nome, ano de fundação, caracterização da entidade, se pública, privada ou filantrópica, a existência de parcerias outras e se estão em funcionamento nos dias atuais. Para isso, fizemos busca em sites, livros, cartilhas, dentre outros, em busca de publicações institucionais que dessem indícios sobre a educação de surdos.

De acordo com Bacelar (2008), o levantamento de informações a partir de fontes documentais exige de o pesquisador trabalhar com número adequado de casos que garantam margem aceitável de segurança para fazer afirmações, especialmente de caráter quantitativo e generalizante. É importante também contextualizar o documento que se coleta, ou seja, entender o texto no contexto de sua época, inclusive o significado das palavras e das expressões empregadas. O autor também considera cruzar fontes, cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes e identificar mudanças e permanências. Ainda segundo o autor, essas questões devem ser consideradas durante o levantamento de informações.

Infelizmente, o período da pandemia impediu, em alguma medida, o levantamento de documentos para a presente pesquisa, pois não consegui trabalhar como eu havia planejado inicialmente. As escolas estavam fechadas e as aulas estavam acontecendo de maneira remota, o que prejudicou o meu contato com as instituições para o levantamento de documentos institucionais. Dessa forma, busquei por documentos institucionais em sites de busca e em sites institucionais, mas sem sucesso. Dentre os sites de busca, acessei o site da Biblioteca Digital da Secretaria de Cultura do Amazonas. Fiz contato por e-mail, mas, infelizmente, sem resposta. Um dos documentos institucionais encontrados foi o álbum de fotografias do Instituto Montessoriano, com fotos antigas da instituição, durante o seu funcionamento. Informações de outras instituições foram encontradas esparsamente em redes sociais.

Para fazer a pesquisa nas escolas como Augusto Carneiro, Instituto Montessoriano e Instituto Filippo Smaldone, fui orientada de que era preciso ter uma carta de autorização da SEDUC. Então, estive na SEDUC para solicitar a autorização para fazer a pesquisa. A solicitação foi realizada através do ofício 01.01.028101.012397/2021-59 (Apêndice A). Após

o pedido, demorou aproximadamente um mês para receber a resposta com o deferimento. O pedido foi deferido através do ofício resposta nº 126/2021-GSEAC/SEDUC (Apêndice B). Porém, nas instituições, não tinha livros com o registro sobre história da educação dos surdos, apenas encontrei algumas informações do Instituto Montessoriano e do Instituto Filippo Smaldone. Mas gostaria de procurar mais aprofundamento, ou seja, fatos sobre o dia a dia das instituições com os alunos surdos, episódios sobre a vida desses estudantes, questões sobre o processo de ensino e aprendizagem, enfim, informações sobre aspectos culturais da comunidade surda. Então, outras fontes de dados foram necessárias, como jornais, artigos, dissertações, contatos com colegas e, felizmente, encontrei algumas informações. Estes foram alguns dos desafios da pesquisa.

3.3 Fotografias

As fotografias disponíveis em documentos institucionais, bem como as fotografias cedidas pelos entrevistados colaboradores constituíram o *corpus* de pesquisa para o levantamento de informações sobre a história da educação de surdos em Manaus.

De acordo com Loizos (2003), a imagem oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais. Além disso, ela pode ser utilizada como dados primários fornecendo informação visual que não necessita ser em forma de palavras escritas, nem de números. Nesse sentido, pensemos na análise do impacto do tráfego no planejamento urbano, tipo de parques de diversões, campanhas eleitorais, etc. As imagens fotográficas podem ter aplicações potenciais para a pesquisa. Uma delas seria a de documentação da especificidade da mudança histórica. Segundo o autor,

Se alguém está interessado em investigar ou mostrar a natureza específica da mudança, então as fotografias feitas em intervalos regulares, dos mesmos lugares, podem ser ilustrativas. Mudanças em bairros urbanos, paisagens e conteúdo de um quarto; o estado de uma árvore, de uma parede ou de um corpo humano "antes" e "depois" de uma mudança importante; tudo isto, quando adequadamente atestado, testemunhado e controlado quanto ao tempo, lugar e circunstância, pode trazer poderosa evidência ou valor persuasivo. (LOIZOS, 2003, p. 141).

Em investigação de história oral, o uso de fotografias pode facilitar o pesquisador em uma entrevista, A fotografia pode servir como um desencadeador para evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente. Nesse sentido, ainda de acordo com o autor, as imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar em entrevistas, libertar memórias, criando um trabalho de

construção partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem o estímulo da fotografia. As fotografias também podem fornecer informação cultural e histórica implícita.

O autor ressalta ainda que é importante também um conhecimento histórico detalhado do tempo e do lugar para que se faça uma leitura das fotografias. A interpretação do registro visual exige uma leitura das presenças e das ausências, da mesma forma, se os sujeitos na fotografia comportam-se de maneira informal, se foram pegos de surpresa, se se posicionaram de maneira apropriada, considerando que sabiam que alguém iria fazer a fotografia, se o fotógrafo tomou alguma iniciativa de colocar os sujeitos em uma posição específica, ou a posição foi iniciativa dos interessados, ou ainda, se houve um acordo entre fotógrafo e os sujeitos para a realização da fotografia.

Nesta pesquisa, as fotografias ilustram fatos da história dos entrevistados, presentes nas narrativas, contribuindo para o recrutamento de suas memórias, ilustram as instituições de ensino pesquisadas e, em certa medida, ilustram a história cultural da comunidade surda de Manaus.

Obtivemos fotos de do Padre Eugênio Oates em convivência com surdos, na cidade de Manaus, a partir do acervo pessoal dos participantes entrevistados que, gentilmente, nos concedeu para fins de elaboração da pesquisa. Ao todo foram 7 (sete) fotografias sobre o missionário em território manauara. Os participantes também concederam fotografias das instituições de ensino pesquisadas, bem como fotografias que retratam fatos importantes da história da educação de surdos e da comunidade surda da cidade de Manaus. Ao todo, foram disponibilizadas 64 (sessenta e quatro) fotografias.

3.4 Jornais

A coleta de dados em jornais, enquanto fonte de pesquisa, acontece no site da Biblioteca Nacional¹, que digitalizou e disponibilizou jornais remotos até os dias atuais, publicados em todas as regiões do Brasil. A figura 18, a seguir, ilustra o site em que há essa fonte de dados disponível.

Figura 18 - Site da Biblioteca Nacional para busca de periódicos

¹ O site da Biblioteca nacional, com periódicos disponíveis, é <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 21 de maio de 2021.

A busca de informações em jornais antigos de Manaus e do Amazonas está em andamento e acontece a partir das seguintes palavras-chave: (1) Oates em Manaus (2) Instituto Montessoriano (3) Instituto Filippo (4) Escola Augusto Carneiro dos Santos (5) Apae (6) surdos (7) surdo-mudo (8) deficiente auditivo (9) linguagem de sinais, (10) língua de sinais, (11) libras (12) linguagem brasileira de sinais.

4 HISTÓRIA DA COMUNIDADE SURDA EM MANAUS: ESCOLAS DE SURDOS EM MANAUS

Nessa seção, apresentamos a história de quatro instituições de ensino voltadas para surdos em Manaus: o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, uma escola considerada de educação especial que atendia alunos com deficiência e que permaneceu em funcionamento entre os anos de 1943 até 1974; a Apae, uma instituição de educação especial que atende alunos com deficiência intelectual e múltipla, fundada em 1973, e que, ao longo de sua trajetória, também atendeu alunos surdos; a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, escola especial voltada para surdos, fundada em 1982, e o Instituto Filippo Smaldone Manaus, uma escola especial voltada para alunos surdos que foi fundado em 1984.

4.1 Instituto Montessoriano Álvaro Maia (1943 – 1974)

André Vidal de Araújo implantou, em 16 de outubro de 1943, o Instituto Montessoriano Álvaro Maia. Uma instituição educacional de caráter filantrópico cujo objetivo era atender as crianças deficientes e foi inspirado pela pedagoga Maria Montessori, que criou o método Montessori. Este método parte do princípio de que as crianças observam se estão fazendo as conexões corretas, consistia em harmonizar a interação de forças corporais e espirituais, corpo, inteligência e vontade. E foi a primeira mulher a se formar em medicina na Itália.

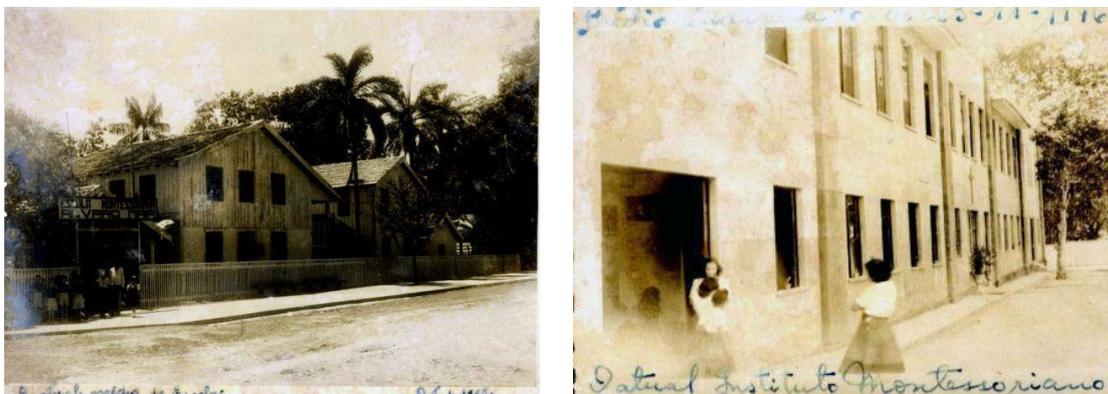
De acordo com Duarte (2015), o terreno onde existiu o Instituto Montessoriano Álvaro Maia foi adquirido originalmente por André Araújo em 4 de agosto de 1942, de Antônio de Carvalho Lopes e sua esposa dona Gracinda de Pina Carvalho, conforme escritura registrada às fls. 104 do livro n.º 3.c do Cartório de Registro de Imóveis. Posteriormente, quando André Vidal de Araújo já criava e lutava pela manutenção de uma instituição capaz de dar educação especial a menores cegos, surdos, mudos, paralíticos e oligofrênicos, a Prefeitura Municipal de Manaus achou por bem fazer ao instituto a doação de duas áreas de terras devolutas, uma na própria Rua Paraíba e outra pelos fundos, que hoje estaria inserida no bairro de São Francisco. Novamente, o instituto ficava na rua Paraíba, atualmente Avenida Jornalista Humberto Calderaro Filho.

Posteriormente, o instituto adotou o método de Pestalozzi que, na época, ainda era pouco conhecido no Brasil. Este método veio ao Brasil através da influência de um movimento intitulado Pedagogia da Escola Nova, na década de 30 do século XX. Na Europa, o método Pestalozzi era mais conhecido (SOËTARD, 2010).

O Instituto Montessoriano Álvaro Maia iniciou suas atividades em um prédio de madeira, cujas edificações eram conhecidas por ficar *na beira estrada*, pois estavam localizadas distante do centro de Manaus. O acesso à sede da instituição era difícil e não tinha transporte regular. A instituição localizava-se como que em um deserto que os primeiros usuários (seus idealizadores, organizadores, professores e alunos) tinham que se defrontar.

O fundador André Araújo junto com a diretora professora Regina Coeli de Araújo não tinham tempo para seus interesses particulares, pois seus objetivos eram servir as crianças com deficiências múltiplas. Os dois foram conhecidos por lutarem muito neste período de consolidação do instituto, de forma que a instituição progrediu e as instalações foram ampliadas. Outros prédios foram construídos no mesmo terreno. Houve a ampliação da clínica de conduta, museu pedagógico, sala de ortopedia, biblioteca, gabinete de psicometria, salas de aulas especializadas como surdos, cegos, alfabetização para alunos com deficiência intelectual leve, refeitórios, capela, quatro dormitórios (dois para sexo masculino e dois para sexo feminino) e cozinha. A Figura 19, a seguir, ilustra o Instituto Montessoriano em 1943 e, posteriormente, em 1946.

Figura 19 - Prédio do Instituto Montessoriano antigo (1943) e novo (1946).

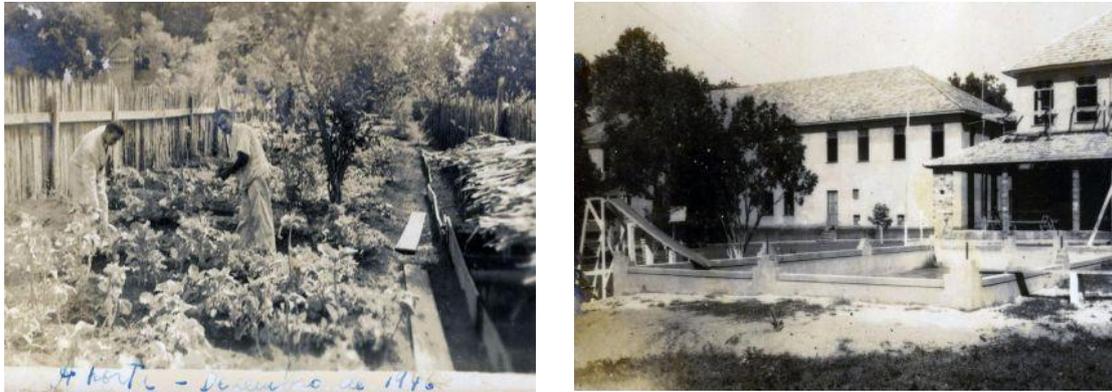


Fonte: I.M.A.M - Álbum Instituto Montessoriano Álvaro Maia Vol.2 e 4 (2012)

No instituto havia um espaço muito grande, tinha muitas árvores, hortas, piscina e outros. O ex aluno surdo Juscelino disse, que no Instituto realmente era enorme, tinha muitas frutas diversas, como manga, pegava muito para comer, até o André Vidal deixava pegar as vontades, ele é de bom coração. Nas palavras de Costa (2010), "no Instituto Montessoriano Álvaro Maia, André Araújo começa o seu grande trabalho de educação, em moldes concretistas: mandou construir no jardim que havia em seu entorno, um relevo terrestre com lagos,

montanhas, rios etc., para o ensino de geografia". A Figura 20, a seguir, ilustra o ambiente externo do instituto, com horta e piscina, em 1946.

Figura 20 - Horta e piscina no Instituto Montessoriano - 1946



Fonte: I.M.A.M - Álbum Instituto Montessoriano Álvaro Maia Vol. 2 e 4 (2012).

O surdo Gilmar Nunes Coelho, que foi ex-aluno neste instituto, disse que em sua época de escolarização, ele era somente ia para o Instituto para as suas aulas e depois voltava para casa. Gilmar não chegou a residir na instituição. Havia um segundo andar que o diretor o André dizia que não poderia subir. Mas, como ele era muito curioso para conhecer o segundo andar, Gilmar aguardou o André sair e logo subiu para conhecer o segundo pavimento. Gilmar relata ter visto dormitórios e que as camas da ala masculina eram muito bagunçadas e as camas da ala feminina estavam mais arrumadas.

A instituição passou por inúmeros impasses, mas houve progresso na consolidação das atividades ofertadas para o público alvo. Com o tempo, a instituição instalou novos setores como marcenaria, oficina de sapataria, apiário, hortas, jardins, teatro terapêutico, salas de fantoches e piscina. O Instituto Montessoriano Álvaro Maia sempre teve uma filosofia de educar as crianças com liberdade, tratando os alunos da instituição como parte de uma família. Os familiares, por sua vez, tinham um vínculo de confiança com a instituição, principalmente por haver uma estrutura de alojamento separado para meninos e para meninas.

Dentre os entrevistados que trouxeram suas narrativas, dez estudaram no Instituto Montessoriano Álvaro Maia. O surdo José Maria Bezerra Mendes, um dos sobreviventes mais velho da comunidade surda, entrou na instituição em 1948 quando tinha 4 anos de idade, e seguiu seus estudos até 1962. José Maria comenta que, quando tinha 14 anos de idade, sempre repetia a 2º série, pois não conseguia aprender a tabuada, principalmente quando se referia às operações de divisão, por isso não terminou esta série. José Maria ajudava muito nas atividades

no instituto e gostava das atividades que desempenhava. No instituto, José Maria consolidou uma rede de amizade. Alguns amigos surdos que ele tinha da época do instituto já faleceram. Hoje só há três sobreviventes que fazem parte de sua geração. Foi ali que ele conheceu o missionário padre Eugênio Oates e que aprendeu a libras misturados com a ASL. O padre Eugênio Oates ensinava os surdos neste Instituto, pois era convidado para dar aula e, quando vinha dos Estados Unidos, também se hospedava na instituição. José Maria Bezerra Mendes relata que "Eu sempre pedia benção para o André Araújo, pois ele me tratava muito bem, eu me sentia como se estivesse em casa e tinha o instituto como minha família. Durante os dias da semana, eu dormia no instituto e aos finais de semana, eu voltava para casa.

A surda Virginia Barroco de Lima estudou neste Instituto, apesar de não se lembrar do ano em que esteve na instituição. Relata que era uma criança muito tímida e quieta, quando chegou. Ela não ficou muito tempo no Instituto Montessoriano Álvaro Maia, porque sua mãe achou que era melhor a família se mudar para São Paulo. Virgínia estudou em uma escola normal com os ouvintes, onde aprendeu a escrever e a falar (oralizar).

O entrevistado Albino Gonçalves de Araújo Lima Júnior, surdo, estudou no Instituto, e foi contemporâneo de outro entrevistado, o ex-aluno Juscelino Buarque Onofre. Ele relata que em sala de aula os professores sempre mandavam-no copiar. Nas aulas, ele apenas copiava e quando a professora saía da sala, conversava muito através de gestos com os demais alunos. Depois, a professora voltava e Albino apenas mostrava que já tinha terminado. E, assim, quando os professores saíam novamente, conversava de novo (através de gestos). As conversas eram como se fossem classificadores na Libras, que são representados por configurações de mãos usadas para expressar formas de objetos, pessoas e animais, bem como os movimentos e trajetórias percorridas por eles. Sobre os conteúdos escolares, considera que não aprendeu muita coisa, mas se acostumou a conversar muito no contexto escolar. Considera-se que foi um aluno muito danado e até pegava manga nas árvores. Lembra-se das muitas brincadeiras no instituto, que eram muito boas. Lembra-se também que sempre teve a bênção do André Vidal, pois ele sempre o tratou bem.

O surdo Juscelino Buarque Onofre foi levado ao Instituto Montessoriano Álvaro Maia pela sua avó, mais ou menos aos 8 anos de idade, pois sua família sabia que este instituto era famoso. A família de Juscelino também morava próximo ao Montessoriano, o que facilitou o acesso à instituição. Ao ser admitido, ele não sinalizava, só gesticulava. O colega da turma Jair Costa de Nascimento foi o primeiro surdo que conheceu. Logo após, Juscelino conheceu os surdos Albino, Gilmar, Virginia e Linda, que foram seus colegas de sala de aula. O depoimento de Juscelino é semelhante ao depoimento de Albino, quando menciona sobre as disciplinas de

português e matemática. A disciplina de português consistia nas mesmas práticas, quase todos os dias. Mas, a disciplina de matemática era diferente. No instituto, havia as disciplinas de português, matemática e oficinas de sapataria, pintura e outras. Não havia os demais componentes curriculares que temos hoje. Em sala de aula, a maioria eram alunos surdos. Em um certo período, havia um aluno cadeirante (ouvinte) e um aluno com síndrome de Down (ouvinte), mas não permaneceram muito com a turma. Juscelino sempre saía da sala de aula junto com Jair para pegar as frutas, até a professora reclamar, pois eles saíam sem terem terminado as tarefas escolares. Juscelino permaneceu no Instituto por um ano e meio, aproximadamente. A família dele achou melhor ele se mudar para outro estado.

Alguns dos entrevistados mencionaram o surdo Jair Costa do Nascimento, que também estudou no Instituto. Disseram que o Jair era um colega muito danado e que era um ótimo contador de história. Jair sempre pegava muitas frutas junto com os outros alunos, às vezes fugia da sala de aula para fazer outras brincadeiras.

O surdo Gilmar Nunes Coelho começou a estudar no Instituto Montessoriano Álvaro Maia, mas não se recorda com que idade entrou na instituição ainda criança. Recorda-se que o André Vidal pedia, algumas vezes, para ele tomar conta do Instituto. Ele sempre obedecia. Depois de alguns anos, um pouco mais velho, o próprio Gilmar pedia para que os surdos tomassem conta do Instituto. Isso aconteceu quando tinha, talvez, 16 ou 17 anos de idade. Em sala de aula, Gilmar menciona que não entendia nada, não escrevia e nem fazia provas. Ele também conheceu o missionário padre Eugênio Oates. Ressalta que tinha a benção do André Vidal. Disse ainda que o Instituto era maravilhoso, que possuía uma estrutura enorme, tinha piscina, campo de futebol e outros espaços para atividades de lazer.

O surdo Clóvis Albuquerque dos Santos entrou no instituto ainda bastante jovem, talvez tenha entrado com aproximadamente 2 anos de idade, mas permaneceu no instituto por pouco tempo. Os pais de Clóvis começaram a perceber que ele não estava desenvolvendo e, por isso, resolveram levá-lo para o INES, no Rio de Janeiro. Um certo dia, quando voltei do Rio de Janeiro para Manaus, senti-me sozinho. Logo perguntou da mãe sobre os surdos da cidade, pois considerava que estavam sumidos. A mãe dele o lembraria que havia muitos em Manaus, mais especificamente os alunos surdos do Instituto. Desde então, Clóvis passou a visitar o instituto de maneira sistemática e, também, começou a ensinar libras na instituição. O André Vidal gostava do Clóvis e sempre o convidava para visitar o instituto.

A entrevistada surda Linda Almeida Trindade começou a estudar no Instituto Montessoriano Álvaro Maia aos 5 anos de idade. Recorda-se que em sala de aula, a professora organizou as cadeiras sempre círculo. Considera-se como uma aluna muito quieta, mas bastante

curiosa. Ressalta que conheceu os colegas surdos Juscelino, Gilmar, Albino, Jair e outros, ainda neste período da infância. Em sala de aula, não havia o uso de língua de sinais como língua de instrução. Sentia raiva, pois a professora os mandava oralizar. Os surdos ficavam com raiva e esperavam a professora sair da sala de aula e, por isso, começavam a conversar muito, a partir de gestos. Os surdos sempre ficavam ansiosos esperando a professora sair da sala de aula para poder conversar muito. Quando a professora chegava na sala, batia nas mãos de todos os surdos, relata Linda, e era horrível. Ainda sobre o contexto de sala de aula, Linda relata que só copiava e não entendia nada. Na hora da terapia de fala (oralização), a professora colocava o aparelho nos alunos, começava a treinar da fala, mas causava muita dor de cabeça. Linda adorava fazer aulas de pinturas e outras oficinas. Linda completou 9 anos de idade no mesmo ano que o André Araújo faleceu. Por ocasião do seu falecimento, muitos surdos tiveram que sair do instituto para estudar em outra instituição de ensino. Gostava muito do André Vidal e tinha a sua benção.

Valdelvira dos Santos Takahira, entrevistada surda e também ex-aluna do instituto, ingressou na instituição quando eu tinha 12 ou 13 anos de idade. Ingressou na instituição para aprender curso de costura e pintura. Recorda-se de que havia surdos, mas os conhecia. Os surdos eram mais velhos. Após o falecimento de André Vidal, a instituição cessou suas atividades e todos foram embora. Como não havia mais atividades, Valdemira voltou para casa.

O entrevistado surdo Paulo Itiro Takahira foi ex-aluno no Instituto, mas por pouco tempo. Paulo entrou no instituto com aproximadamente 30 anos e permaneceu na instituição por apenas 3 meses, pois a maior parte do seu período de escolarização, ele estudou em São Paulo.

O André Vidal não aceitava que os funcionários fizessem qualquer coisa semelhante a castigos físicos ou punição corporal. No instituto, as crianças eram muito bem cuidadas, limpas e sempre estavam com o estômago cheio. De acordo com os entrevistados, havia muito conforto. A sua filha, Ritta de Cássia, especializou-se no trabalho com surdos e fez curso com o padre Eugênio Oates. Outra profissional, Tereza de Jesus, especializou-se no método braille e as duas eram professoras no Instituto, com ajuda e auxílio do Governo do Estado do Amazonas.

O Instituto Montessoriano teve momentos de dificuldade financeira, pois o Estado deixou de repassar os recursos que sempre realizava mensalmente. De acordo com Costa (2010), a educação de crianças excepcionais era cara, pois era necessário aparelhos auditivos, remédios, brinquedos para estímulo, material escolar especializado e outros. Com a sua alimentação de alunos, a folha de pagamento com funcionários também era caro, mas conseguiram com as ajudas das doações como os comerciantes do Mercado Municipal Adolfo

Lisboa, assim, o instituto recebia alimentos e também sempre contava com a contribuição das pessoas ligadas ao Poder Executivo. O surdo Moacir sempre ajudava a recolher as doações de alimentos do Mercado Municipal, com carroça de cavalo para o Instituto Montessoriano Álvaro Maia.

O Estado manteve a parceria e a continuidade do pagamento somente para os professores. E outros 7 (sete) empregados, o mesmo André Vidal pagava pelo seu próprio salário com sacrifício, pois ele era presidente do Tribunal de Apelação do Estado e da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência. Ele também trabalhava como juiz de Menores de Manaus, mas nunca deixou o Instituto Montessoriano. O senhor André Vidal não tinha um funcionário para fazer o serviço de secretaria. O André datilografava os seus trabalhos e era muito ativo. Os atendimentos odontológicos e médicos eram voluntários, pois não havia verba específica para esse tipo de acompanhamento.

A seguir, apresentamos algumas fotos de algumas crianças surdas e cegas que foram alunos do Instituto Montessoriano Álvaro Maia. Não foi possível especificar o ano e as crianças presentes na imagem, pois não está registro. Transcrevemos as frases que estão registradas abaixo da foto.

Figura 21 - Alguns alunos surdos e cegos no Instituto Montessoriano



“Algumas crianças surdas-mudas”



“Um grupo de surdos-mudos”



“Conversando” com os surdos mudos”



“Des. Álvaro Mais e Ruy Araújo na Escola Montessoriano” com aluna cega

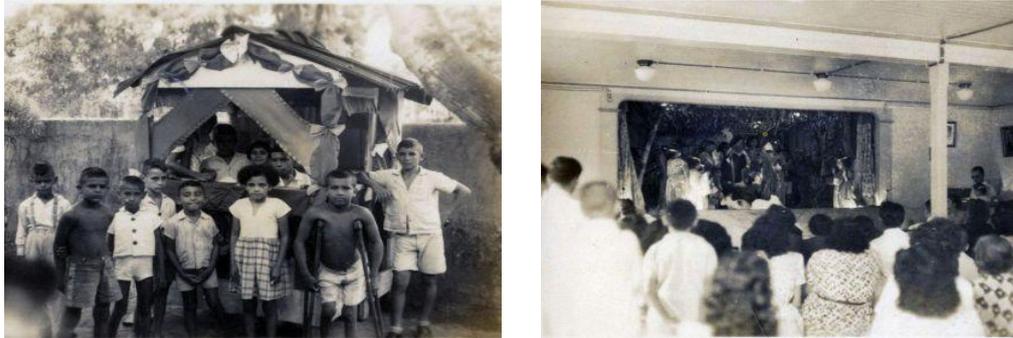
Fonte: Fonte: I.M.A.M - Álbum Instituto Montessoriano Álvaro Maia Vol. 2 e 4 (2012)

O senhor André Araújo era devotado às crianças deficientes, pois eram tratados com muito amor e paciência. As crianças o chamavam como pai e ele os considerava como filhos adotivos. A instituição funcionava como casa e fornecia brinquedos, comida, estudos, tratamento médico, dentista, diversões e outros.

Pela manhã, cedinho ainda, Paim se fantasiava de Papai Noel (ele tinha uma roupa linda, vermelhona, caracterização do bom velhinho. Com máscara, barba e tudo) e ia, de jeep, o carro cheio de brinquedos, levar os presentes dos meninos do Instituto Montessoriano. Acompanhado pelos netos, era a mais alegre romaria festiva que se possa imaginar. (CARVALHO, 1995, p. 85).

O André Araújo fazia tudo, por ele mesmo, como massagens elétricas, exercícios corretivos para a reabilitação dos paralíticos e dos aleijados e também fez curso de Psicologia para ajudar. Era muito hábil e fazia de tudo, incluindo as marionetes e preparava o teatrinho para os espetáculos de fantoches. Para Carvalho (1995), todas as crianças o tratavam de Paim e eram louras por ele. A Figura 22, a seguir, ilustra o teatro da instituição.

Figura 22 - Teatro no Instituto Montessoriano



Fonte: I.M.A.M - Álbum Instituto Montessoriano Álvaro Maia Vol. 2 e 4 (2012).

Em 1974, o Instituto Montessoriano encerrou as suas atividades, pois percebeu que não tinha condições para manter a área. O instituto ficou como um empreendimento solitário e foi abandonado. A instituição esteve fechada durante seis longos anos, quando chegou a ser quase totalmente destruída por um incêndio, invadida e depredada por vadios, sem que jamais qualquer organismo municipal, estadual, federal ou privado manifestasse interesse em assumir os encargos inerentes à continuidade da obra (DUARTE, 2015). De acordo com Costa (2010), André Vidal de Araújo, ainda em vida, viu desmoronar seu maior sonho concretista: o fim do Instituto Montessoriano André Araújo.

O senhor André Vidal de Araújo faleceu em 11 de março de 1975 em Manaus. Isso foi triste para os surdos, pois eles consideravam como segundo pai, pelos depoimentos das entrevistas. José Maria Bezerra Mendes diz "acabou o Instituto, fiquei muito triste e queria que aquilo tivesse continuado", Gilmar "realmente é uma pena que fechou o Instituto e queria que o Instituto continuasse funcionando". As Figuras, a seguir, ilustram trechos de jornais sobre o Instituto Montessoriano Álvaro Maia. O texto publicado em jornal foi transcrito para facilitar a leitura.

Figura 23 - Matéria sobre os 17 anos de Fundação do Instituto Montessoriano - A Crítica -
1960

Uma Instituição Que Honra o Amazonas

Instituto Montessoriano "Alvaro Maia" Completou Ontem 7 Anos de Bons Serviços Prestados à Infância Amazonenes

Completou ontem 17 anos de fundação o Instituto Montessoriano "Alvaro Maia" instituição de amparo e recuperação de crianças cegas, surdos-mudos e anormais. Fundado a 18 de outubro de 1943, pelo sociólogo amazonense, desembargador André Vidal de Araújo, o I. M. "Alvaro Maia" desenvolveu-se nesse curto prazo de tempo, a ponto de ser considerado hoje, o primeiro do Brasil e o terceiro do mundo entre os estabelecimentos congêneres. Fruto da dedicação, do amor, do trabalho e da tenacidade do seu fundador, o Instituto Montessoriano "Alvaro Maia" é hoje uma instituição que honra o Amazonas e o Brasil. Dezenas de crianças que por ali passaram são hoje cidadãos úteis à Pátria e à Sociedade, graças ao carinho, ao conforto e aos ensinamentos que ali receberam. Não obstante as imensas dificuldades que vem lutando para se manter na finalidade de sua altruística missão, o Instituto Montessoriano "Alvaro Maia" prossegue na humanitária tarefa de amparar e recuperar física e espiritualmente à infância pobre de nossa terra. Ao seu fundador e supervisor, desembargador André Araújo, A CRÍTICA felicita, cordialmente, por motivo do grato evento.

Fonte: Instituto Durango Duarte
<https://idd.org.br/jornais/17-anos-de-fundacao-do-instituto-montessoriano/>

UMA INSTITUIÇÃO QUE HONRA O AMAZONAS

Instituto Montessoriano "Álvaro Maia" completou ontem 17 anos de bons serviços prestados à infância Amazonense

Completou ontem 17 anos de fundação o Instituto Montessoriano "Álvaro Maia" instituição de amparo e recuperação de crianças cegas, surdos-mudos e anormais. Fundado a 18 de outubro de 1943, pelo sociólogo amazonense, desembargador André Vidal de Araújo, o I.M "Álvaro Maia" desenvolveu-se nesse curto prazo de tempo, a ponto de ser considerado hoje, o primeiro do Brasil e o terceiro do mundo entre os estabelecimentos congêneres. Fruto da dedicação, do amor, do trabalho e da tenacidade do seu fundador, O instituto Montessoriano "Álvaro Maia", é hoje uma instituição que honra o Amazonas e o Brasil. Dezenas de crianças que por ali passaram são hoje cidadãos úteis à Pátria e à Sociedade, graças ao carinho, ao conforto e aos ensinamentos que ali receberam. Não obstante as imensas dificuldades que vem lutando para se manter na finalidade de sua altruística missão, o Instituto Montessoriano "Álvaro Maia", prossegue na humanitária tarefa de amparar a recuperar física e espiritualmente à infância pobre de nossa terra. Ao seu fundador e supervisor, o desembargador André Vidal Araújo, A CRÍTICA felicita, cordialmente, por motivo do grato evento.

Fonte: Transcrição do jornal A CRÍTICA realizada pelo pesquisador Durango Duarte (2022).

Figura 24 - Matéria sobre instalação no Instituto Montessoriano -1948



Fonte: Jornal do Commercio (AM) Ano 1948/ Edição 14842

NOVAS INSTALAÇÕES NO INSTITUTO MONTESSORIANO "ÁLVARO MAIA"

O ato do lançamento da pedra fundamental de um novo pavilhão, no notável instituto...O governo do Estado e a prefeitura darão todo apoio à benemérita obra social.

Consoante foi anteriormente noticiado, realizou-se, às 17 horas de ontem, a solenidade do lançamento da pedra fundamental de mais um pavilhão do Instituto Montessoriano "Álvaro Maia", sendo a destinado à instalação da Clínica Psicológica de Conduta Infantil a Laboratório de Psicologia e investigação Mental. Ao ato estiveram presentes inúmeras autoridades civis e eclesiásticas, inclusive o dr. Chaves Ribeiro, prefeito municipal, que representou o sr. Governador do Estado. Inicialmente, foi dada a bênção pelo monsenhor Manuel Monteiro, vigário capitular, tendo em seguida a palavra o desembargador André Vidal de Araújo, presidente da Legião Assistência, idealizador daquela monumental obra de assistência à infância. Em sua notável oração, naquele homem público expressivo com palavras cheias de entusiasmo e sinceridade, os fins da instituição, comandou o governo a ampará-la e prestigiá-la. Após a solenidade, os presentes percorreram o terreno em que vai ser construído o edifício, tendo o dr. Chaves Ribeiro declarou à nossa reportagem que o governo do Estado.

Transcrição do Jornal do Commercio (AM) Ano 1948/ Edição 14842 (2022).

Figura 25 - Matéria sobre Festa de Arte no Instituto Montessoriano - 1948



Fonte: Jornal do Commercio (AM), Ano 1948 /Edição 14812 (2022).

Festa de arte e rara beleza social no Instituto "Álvaro Maia"

Brilhante comemoração da Clínica Psicopedagógica de Conduta da Infância, a nova e benemérita iniciativa da professora Regina Coeli de Araújo – O programa das sugestivas celebrações

Haverá no próximo domingo, dia 1º de agosto uma encantadora, festa de arte no Instituto Montessoriano "Álvaro Maia", com qual será comemorada, ali, a instalação da Clínica Psico-Pedagógica de Conduta da Infância, a nova e benemérita iniciativa da instituição dirigida, pela professora regina Coeli de Araújo. Esta festa, que foi cuidadosamente organizada pelo desembargador André Araújo, orientador do I.M.A.M, pela sua gentil filha, senhorinha Regina Coeli de Araújo, competente e esforçada diretoria dessa instituição, terá início às 20 horas, e constará do seguinte programa: 1º parte – "Bailado das plumas" meninas surdas-mudas e oligofrênicas, que mesmo sem ouvir, conseguem realizar o milagre da graça e do ritmo; "Tiana". Luiza Queiroz adolescente cega, de grande sensibilidade e inteligência; "Os guerreiros potiguaras" os (oligofrênicos possuem extrema dificuldade para o ritmo ou compasso bem como os surdos-mudos, daí o valor deste número de danças); "O menino que foi para o Céu", poesia, Francisco Tenório, cego notável e inteligência; "A bela e a fera", dramatização em 3 atos crianças deficientes mentais com transtorno de linguagem e alguns

surdos-mudos; apresentação do conjunto musical “Pitombinha” (meninos cegos, oligofrênicos e surdos), 2º parte – “Negra no batuque”, cena estilizada; “O palhaço e a boneca”, poesia pelo ceguinho Francisco Tenório, que é um artista perfeito: A dança dos sete véus” (um dos números mais custos da festa); “A lenda do carneirinho”, poesia, também pelo artista Francisco Tenório; “Dança das virgens do Olimpo” (um dos números mais difíceis); e “O anãozinho amarelo”; dramatização em 3 atos. As pessoas que comparecerem a essa festa, certamente ficarão encantadas e não de compreender a grandiosidade dos fins do Instituto Montessoriano “Álvaro Maia”, que educa crianças anormais, dando-lhe proteção e assistência, e tornando-as criaturas úteis a si e ao próximo.

Transcrição do Jornal do Commercio (AM) Ano 1948/ Edição 14812 (2022).

Figura 26 - Matéria sobre André Vidal fundador do Instituto Montessoriano - 2000

André Vidal de Araújo

Um olhar sobre a Amazônia

Lúcia Puga*

André Vidal de Araújo: Juiz de Menores, Desembargador, sociólogo, professor, político, pensador católico. Tantas são as facetas de um homem que entre os anos 30 e 70 teve substancial influência no cenário amazonense. Ao mesmo tempo que é um pensador, é também um homem de ação. Organiza inúmeras obras assistenciais destinadas ao amparo da infância: Agroescola Melo Mattos, para meninos abandonados; Escola Premonitória Bom Pastor (conhecida como Instituto Maria Madalena), para meninas abandonadas e prostituídas; a Creche Circulista Menino Jesus, para filhos das operárias das fábricas de beneficiamento de produtos extrativos; Instituto Montessoriano Álvaro Maia, para crianças com algum tipo de deficiência, realizando um trabalho pioneiro na área da educação especial. Funda a Escola de Serviço Social de Manaus, destinada a formar profissionais para atuar no campo da assistência social, que depois será incorporada à Universidade do Amazonas. Sua diversificada contribuição à análise dos problemas sociais amazônicos está configurada em inúmeras publicações, entre elas “Estudos de Sociologia” (1947), “Introdução à Sociologia da Amazônia” (1956) e “Sociologia de Manaus” (1973). Nessas obras, pensa a realidade amazônica em sua especificidade, ao mesmo tempo em que consegue conectá-la a contextos mais amplos. Seus temas



André Araújo junto com as crianças do Instituto Montessoriano Álvaro Maia.

englobam uma complexa combinação de reflexão sobre o mundo moderno, identificação de seus males e proposição de soluções. Desse pensamento vem a ação. É a própria necessidade de ação o mobiliza a tentar compreender seu tempo de maneira mais rigorosa. Que mundo é esse em que a infância está abandonada e com grandes riscos para o futuro? Quais as causas desses problemas? O que fazer para solucionar ou amenizar a situação? Para a solução desses problemas cabe ao Estado gerar leis assistenciais e fornecer adequadas condições de vida, de educação e de proteção, para assim promover o equilíbrio social. É necessário, pois, uma ação cristã que não esteja dissociada da ação política para assim resolver os problemas sociais. Essa perspectiva se põe como fundamental porque vê a solução desses problemas como algo não apenas restrito à caridade individual ou pública, mas que requer uma ação no campo político e que signifique que o poder público não deve estar à margem dessas iniciativas. Na condição de parlamentar, propondo um Código de Menores para o Brasil, e enquanto Juiz de Menores, projetando e erguendo obras assistenciais, mostrará o quanto estas dão resposta a inúmeros problemas a um custo baixo para o Estado. No centro dessas preocupações e ações está a infância, período da vida que precisa ser devidamente cuidado, amparado, protegido. O educador André Araújo considera necessárias ações de alcance mais duradouro. Isso só conseguido com instituições educativas, visando prevenir a delinquência, formando jovens para o trabalho, lançando mão de novos métodos disponíveis para a educação de crianças com deficiências físicas ou mentais. A escola deveria ser um lugar agradável e que ficasse aberto também nos finais de semana, promovendo atividades que envolvessem a criança e o jovem, afastando-os de influências perniciosas ao seu desenvolvimento. Deve também a escola ser adaptada às necessidades do aluno, o que o leva a sugerir um currículo diferenciado para a escola rural.

Continua na página 3

André Vidal de Araújo***Um olhar sobre a Amazônia***

André Vidal de Araújo: Juiz de Menores, Desembargador, sociólogo, professor, político, pensador, católico. Tantas são as facetas de um homem que entre os anos 30 e 70 teve substancial influência no cenário amazonense. Ao mesmo tempo que é um pensador, é também um homem de ação. Organiza inúmeras obras assistenciais destinadas ao amparo da infância; Agroescola Mello Mattos, para meninos abandonados; Escola premonitória Bom Pastor (conhecida como Instituto Maria Madalena), para meninas abandonadas e prostituídas; a Creche Circulista Menino Jesus, para filhos das operárias das fábricas de beneficiamento de produtos extrativos: Instituto Montessoriano Álvaro Maia, para crianças com algum tipo de deficiência, realizando um trabalho pioneiro na área da educação especial. Funda a Escola de Serviço Social de Manaus, destinada a formar profissionais para atuar no campo da assistência social, que depois será incorporada à Universidade do Amazonas. Sua diversificada contribuição à análise dos problemas sociais amazônicos está configurada em inúmeras publicações, entre elas “Estudos de Sociologia” (1947), “Introdução à sociologia da Amazônia” (1956) e “Sociologia de Manaus” (1973). Nessas obras, pensa a realidade amazônica em sua especificidade, ao mesmo tempo em que consegue conectá-lo a contextos mais amplos. Seus temas englobam uma complexa combinação de reflexão sobre o mundo moderno, identificação de seus males e proposição de soluções. Desse pensamento vem a ação. E a própria necessidade de ação o mobiliza a tentar compreender seu tempo de maneira mais rigorosa. Que mundo é esse em que a infância está abandonada e com grandes riscos para o futuro? Quais as causas desses problemas? O que fazer para solucionar ou amenizar a situação? Para a solução desses problemas cabe ao Estado gerar leis assistenciais e fornecer adequadas condições de vida, de educação e de proteção, para assim promover o equilíbrio social. É necessário, pois, uma ação cristã que não esteja dissociada da ação política para assim resolver os problemas sociais. Essa perspectiva se põe como fundamental porque vê a solução desses problemas como algo não apenas restrito à caridade individual ou pública, mas que requer uma ação no campo político e que signifique que o poder público não deve estar à margem dessas iniciativas. Na condição de parlamentar, propondo um Código de Menores para o Brasil, e enquanto juiz de Menores, projetando e erguendo obras assistenciais, mostrará o quanto estas dão resposta a inúmeros problemas a um custo baixo para o Estado. No centro dessas preocupações e ações está a infância, período da vida que precisa ser devidamente cuidado, amparado e protegido. O educador André Vidal Araújo considera necessárias ações de alcance mais duradouro. Isso só é conseguido com instituições educativas, visando prevenir a delinquência, formando jovens para o trabalho lançando mão de novos métodos disponíveis para educação de crianças com deficiências físicas ou mental. A escola deveria ser um lugar agradável e que ficasse aberto também nos finais de semana, promovendo atividades que envolvam a criança e o jovem, afastando-os de influências perniciosas ao seu desenvolvimento. Deve também a escola ser adaptada às necessidades do aluno, o que o leva a sugerir um currículo diferenciado para a escola rural.

A partir das narrativas, vemos que o Instituto Montessoriano Álvaro Maia recebia alunos de diferentes idades e que foi uma oportunidade de contato com surdos pela primeira vez. A instituição possuía um caráter de escola estilo internato. Alguns dos estudantes permaneciam na instituição durante a semana e, nos finais de semana, iam para suas residências. Interessante a menção recorrente de benção do senhor André Vidal, o que sugere um certo prestígio do fundador e mantenedor do instituto. A história desta instituição de ensino evidencia que a educação de surdos passou por um período de assistencialismo e filantropia, em que estava relegada a iniciativas individuais e não governamentais. Vimos que crianças surdas chegavam sem sinalizar e apesar da instituição ter uma perspectiva oralista, vinculada com violência, é no contato entre surdos que emerge a solidariedade surda e a noção de coletividade surda.

Interessante observar o uso da língua de sinais enquanto não estavam sendo vigiados, bem como a intensa interação entre os alunos em diversas outras atividades. A presença do missionário padre Eugênio Oates parece ter sido uma figura importante para a disseminação da Libras no instituto. Vemos também a percepção dos entrevistados sobre presença de uma língua de sinais estrangeira (ASL) e da Libras sendo introduzida como uma língua distinta da forma como eles sinalizavam. Ressalto o ensino periódico da Libras por parte de um dos estudantes do INES.

Nas narrativas, vemos que os estudantes mencionam que conversavam muito entre si, através de gestos, e que sempre ficavam ansiosos esperando a professora sair da sala de aula, para poder conversar. A escola contribuiu para promover o encontro surdo-surdo e, dessa forma, consolidar uma noção de comunidade surda entre os alunos.

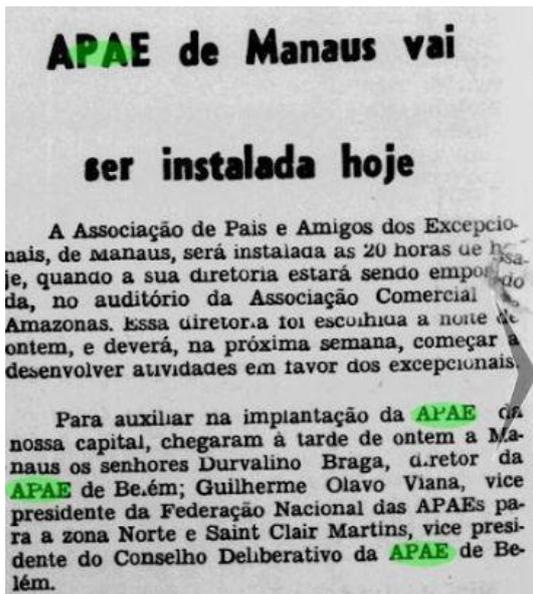
4.2 APAE Manaus

A APAE é fruto de um movimento pioneiro no Brasil para prestar assistência médico-terapêutica às pessoas com deficiência intelectual. Em 1955, nasce a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, no Rio de Janeiro. O movimento prévio à fundação da associação contou com um evento em 11 de dezembro de 1954, em que diplomatas representantes dos Estados Unidos, Beatrice e George Bemis, e sua filha com síndrome de Down chegaram ao Brasil e viram que não tinha entidade para acolher o seu filho. Aliaram-se médicos, amigos e pais de pessoas com deficiências para criar o APAE, cujo objetivo é atender as necessidades da Educação Especial pública no país. Com apoio na sede da Sociedade Pestalozzi do Brasil. Depois expandiu para implantar os outros estados do Brasil. Trazemos o

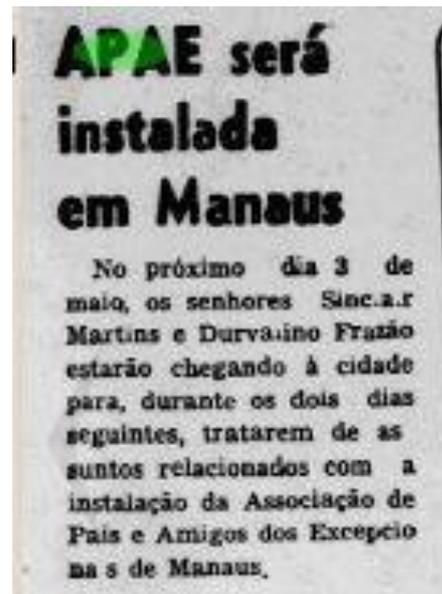
contexto de surgimento da APAE no estado Amazonas, mais especificamente, na sua capital Manaus.

No dia 4 de maio de 1973, fundou a APAE em Manaus com autorização da APAE Nacional. A Figura 27, a seguir, ilustra a imprensa local ressaltando a fundação da instituição na cidade de Manaus.

Figura 27 - Matéria sobre a instalação o APAE em Manaus - 1973



Fonte: Jornal do Commercio (AM) 1973/ Edição 21269 (2022).



Fonte: Jornal do Commercio (AM) 1973/ Edição 21261 (2022).

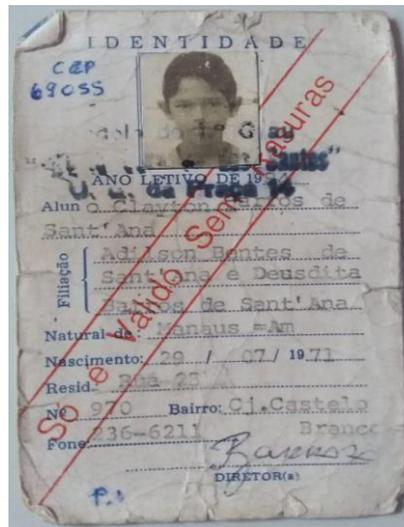
<p><i>APAE de Manaus vai ser instalada hoje</i></p> <p>A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, de Manaus, será instalada às 20 horas de hoje, quando a sua diretoria estará sendo...., no auditório da Associação Comercial do Amazonas, essa diretoria foi escolhida na noite de ontem, e deverá, na próxima semana, começar a desenvolver atividades em favor dos excepcionais. Para auxiliar na implantação do APAE a nossa capital, chegaram à tarde de ontem a Manaus os senhores Durvalino Braga, diretor da APAE de Belém: Guilherme Olavo Viana, vice-presidente da Federação Nacional das APAEs para a zona Norte e Saint Clair Martins, vice-presidente do Conselho Deliberativo da APAE de Belém</p>	<p><i>APAE será instalada em Manaus</i></p> <p>No próximo dia 3 de maio, os senhores Saint Martins e Durvalino Frazão estarão chegando à cidade para, durante os dois dias seguintes, tratarem de assuntos relacionados com a instalação da Associação de Pais e amigos dos Excepcionais de Manaus</p>
--	---

Fonte: Transcrição do Jornal do Commercio (AM) 1973/ Edição 21269 e Jornal do Commercio (AM) 1973/ Edição 21261 (2022).

Após o fechamento do Instituto Montessoriano Álvaro Maia, os surdos não tinham outra instituição de referência em que pudessem continuar (ou iniciar) os estudos. Os pais os matricularam na APAE, pois a instituição aceitava a matrícula de estudantes surdos. Entre a comunidade surda de Manaus, sabe-se que a maioria dos ex-alunos do Instituto Montessoriano migraram para o APAE. Dentre os entrevistados, os surdos idosos Virginia, Albino, Gilmar, Vera, Paulo e Linda passaram por essa trajetória. Os surdos adultos (não idosos) que foram entrevistados, alguns começaram a estudar na APAE, de forma que a instituição foi a primeira escola para eles. Os entrevistados que estão neste segundo contexto são Joelma, Clayton e Janderleli.

Conforme mencionado, a primeira escola que o surdo Clayton Barros de Sant'Anna estudou foi a APAE. Ele ingressou na instituição no ano de 1978, quando tinha 8 anos de idade. Sua mãe o levava para APAE, pois era perto de casa. Recorda-se que na instituição havia crianças com deficiência grave, mas "não entendia nada". Na escola, havia alunos autistas, com síndrome Downs e outras. Quando viu muitos surdos, resolveu se juntar a eles. Dessa forma, na instituição, teve a oportunidade de encontrar surdos. No ano de 1980, mudou para outra escola. A Figura 28, a seguir, ilustra a primeira caderneta do aluno Clayton do APAE, em 1978.

Figura 28 - Caderneta da APAE do ex-aluno Clayton Barros - 1978



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Clayton Barros (2021)

O Janderlei da Silva Vale é outro entrevistado, surdo adulto (não idoso), que foi do grupo do Clayton. Quando ele tinha 6 anos de idade, em 1979, começou a estudar no APAE. Relata que "não aprendia nada", pois na instituição, era um espaço para brincar e conversar com amigos surdos. Ressalta que a sua comunicação era somente por gestos e que não considerava a língua brasileira de sinais.

Conforme mencionado, Joelma Pinheiro da Silva Sanches também foi aluna do APAE. Mas, não permaneceu muito na instituição e mudou para outra escola. A Valdelvira dos Santos Takahira, considerada a mais velha da turma, assim que saiu do Instituto Montessoriano, ingressou na instituição quando tinha 15 anos e permaneceu até os 17 anos de idade. Relata que aprendeu algumas coisas, como escrever em português. Ressalta que também brincava muito e gostava muito do APAE. A Figura 29 ilustram as atividades de desfile em que alunos da APAE participaram.

Figura 29 - Valdevira no desfile do APAE / Linda e Valdevira - 1975



Valdevira no desfile APAE - 1975



Linda e Valdevira no desfile APAE - 1975

Fonte: Arquivo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

Figura 30 - Carteira do APAE - da ex-aluna Valdevira Takahira



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Valdevira Takahira - 1975 (2021)

Outra entrevistada surda, Linda Almeida Trindade, também ingressou na instituição mais velha e se juntava ao grupo das alunas Valdevira e Virginia. Ela não sabia que existia escola APAE e foi a comunidade surda indicou. Assim, retornou aos estudos. Começou a estudar na instituição aos 15 anos de idade e permaneceu até os 18 anos de idade. Recorda-se que foi na instituição que fez aulas de balé e amava. Um dia a professora lhe perguntou se ela gostaria de trabalhar na fábrica. Linda aceitou o convite e este foi o primeiro emprego que conseguiu graças à APAE, quando tinha 17 anos. Ressalta que a instituição promoveu memórias ótimas. A Figura 31, a seguir, ilustra Linda Almeida Trindade em uma das aulas de balé.

Figura 31 - Virginia Lima e Linda Trindade na dança do APAE - 1976



Fonte: arquivo pessoal cedido por Linda Trindade (2021)

A entrevistada surda Virginia Barroco Lima se recorda de que a professora lhe pedia para que ajudasse os demais alunos surdos, no sentido de os orientar em relação à higiene, vestimenta, comportamento, dentre outros aspectos. Segundo Virgínia, "eu ajudava muito os surdos. Alguns surdos queriam até casar comigo, mas falei que não podia pois que sou mais velha que vocês".

A partir dos depoimentos, a APAE foi uma instituição que favoreceu o contato surdo-surdo e, com isso, favoreceu com que crianças surdas tivessem a oportunidade de aquisição da língua de sinais a partir da interação entre pares. A presença de surdos mais velhos favoreceu esse processo, pois se tornaram uma referência linguístico-cultural para os alunos surdos mais jovens. Apesar da língua de sinais não ser mencionada como língua de instrução, os surdos parecem ter tido a oportunidade de intensa interação em língua de sinais, a partir das brincadeiras e conversas mencionadas nas narrativas. Importante ressaltar a solidariedade surda, pois a Apae foi indicada como uma instituição de acolhimento, indicada para que um dos entrevistados buscasse a instituição, e a presença de uma mentora surda que orientava os mais novos nas atividades de vida diária. Talvez uma forma de cobrir as lacunas em relação às informações que não eram obtidas no contexto familiar.

Quando a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos foi inaugurada, considerada uma escola específica para alunos surdos, a diretoria da Apae orientou os pais de estudantes surdos transferissem seus filhos para a nova instituição.

4.3 Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos

Em 1982, mais especificamente no dia 13 de maio, a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos foi fundada. O seu objetivo é atender as pessoas com surdez em Manaus e constitui a primeira escola pública estadual para surdos.

A Secretaria de Educação do Amazonas percebeu que houve um aumento nas demandas dos alunos surdos e cegos e, por isso, publicou o Decreto nº 6331 que cria na estrutura da secretaria a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos para atendimento de surdos severos e profundos e a Escola Estadual Joana Rodrigues Vieira para atendimento de pessoas com deficiência visual (cegos e visão subnormal).

Ao longo de sua história, a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos funcionou em seis endereços. A primeira estrutura da escola, no seu primeiro ano de funcionamento, em 1982, era localizada na rua 7 de setembro, nº 1801, no bairro Centro. A segunda estrutura, em 1983, era localizada na Avenida Beira Rio, nº 500, no bairro Coroadó III. A terceira estrutura, em 1984, era localizada na Rua Miranda, no bairro Centro. A quarta, em 1988, era localizada na rua Tapajós, sem número, no bairro Centro. A quinta, em 2002, era localizada na rua Joaquim Nabuco, nº 2274, no bairro Praça 14 de Janeiro. A sexta, desde 2015 até os dias atuais, está localizada na Avenida Lourenço da Silva Braga, sem número, no bairro Centro.

De acordo com Colombo (2012), a Estadual Augusto Carneiro dos Santos começou com 50 alunos matriculados, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo apenas pessoas surdas na educação infantil, pré-escola do 1.º e 2.º período, alfabetização para 3.º período e Ensino Fundamental da 1.ª à 5.ª série. Depois, com o passar do tempo, o quantitativo de alunos foi aumentando. No início, as aulas eram organizadas somente em uma perspectiva de ensino atrelada ao oralismo. Os primeiros alunos que estudaram nesta escola foram Clayton, Janderlelei, Joelma e Linda.

De acordo com Clayton Barros de Sant'Anna, em 1978, estudou na Apae e em 1980, começou a estudar em uma escola regular, junto com alunos ouvintes. Mas, em alguma medida, não deu certo. Dessa forma, no ano de 1982, com a fundação da primeira escola de surdos de Manaus, a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, foi matriculado na instituição.

Clayton foi um dos primeiros alunos da instituição. Durante as aulas, os professores usavam o mesmo método destinado às pessoas ouvintes, pois adotava-se uma perspectiva de ensino baseado no oralismo. Segundo Clayton, “eu não entendia nada mesmo”. Mas, havia um colega que era muito inteligente. Ele era oralizado e se chamava Nelson. Infelizmente, ele faleceu devido a asma. Recorda-se de que Nelson sempre sentava ao seu lado para me ajudar, pois na escola não tinha intérprete e o seu português é péssimo. Em relação à língua portuguesa, Clayton apenas copiava o que era exposto pelos professores. Lembra-se de quando o Nelson começou a mostrar a palavra PATO. Ele não entendia aquelas letras, mas Nelson sinalizou o significado de pato a partir do uso de classificador em língua de sinais. Foi naquele momento que Clayton começou a entender o significado, pois na escola não tinha nada de imagem e não tinha quase nada de conhecimento. A Figura 32, a seguir, ilustra a caderneta escolar do ex-aluno Clayton Barros de Sant’Anna.

Figura 32 - 1º boletim da Escola Augusto Carneiro dos Santos do ex-aluno Clayton Barros - 1982



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Clayton Barros (2021).

O entrevistado surdo Janderlei da Silva Vale também estudou na instituição. No ano de fundação da Estadual Augusto Carneiro dos Santos, em 1982, Janderlei tinha 9 anos de idade e, então, começou a frequentar a instituição. Novamente, esteve em um mesmo grupo Clayton, Joelma e outros surdo. De acordo com o entrevistado, "na sala de aula, não aprendia nada mesmo, apenas copiava somente". Os professores ficavam conversando, então aproveitava para brincar dentro da sala de aula. O conteúdo que Janderley relatava que aprendia era relacionado à disciplina de matemática.

A entrevistada surda Joelma Pinheiro da Silva Sanches lembra-se de quando tinha 8 anos de idade, época em que foi transferida para a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos. A entrevistada menciona que a instituição oportuniza o aprendizado de poucas coisas e que não havia língua de sinais como língua de instrução e de aprendizado. A Figura 33, a seguir, ilustra Joelma na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

Figura 33 - Joelma Sanches com 8 anos de idade na Escola Augusto Carneiro dos Santos -
1982



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Joelma Sanches (2021)

De acordo com a surda Linda Almeida Trindade, também ex-aluna da instituição, ela foi transferida para a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos aos 19 anos de idade e permaneceu na instituição até 26 anos. Lembra-se que o Janderlei e o seu irmão, que também é surdo, eram pequenos falavam para ela “eu quero me casar com você”. O Clayton também falava algo assim, mas sempre respondia a eles que eram pequenos e jovens e que ela era muito mais velha. Eles contra argumentam e diziam que esperassem eu crescer. Nesta escola, Linda menciona que não aprendeu muito, pois a professora apenas falava (oralmente). A lousa também era utilizada e a professora escrevia muito, mas "não entendia nada mesmo". Linda coloca este como um dos motivos para começar a faltar muito às aulas. Recorda-se apenas de festas em datas comemorativas, como festa junina, festa dia do índio, dentre outras, que, ainda assim, eram muito poucas.

A Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos inaugura um momento de institucionalização, em âmbito do governo do estado, a educação de surdos em Manaus a partir de uma instituição pública de ensino e de caráter estadual. Não havia língua de sinais como língua de instrução, mas reconhecemos a emergência de uma solidariedade entre surdos. Havia o contato surdo-surdo e a amizade entre eles de maneira a estabelecer uma rede de apoio que permitia, por exemplo, a interação em língua de sinais. Observa-se o contato de crianças surdas com adultos surdos e ressalta-se baixo rendimento escolar, na perspectiva dos entrevistados. Observa-se que parece haver uma forte interação entre surdos.

4.4 Instituto Filippo Smaldone

Em 1885, o fundador Padre Filippo Smaldone inaugurou a Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações, na Itália. De acordo com Diocesana (2018), Filippo Smaldone sempre sonhou em ser Sacerdote e, para isso, estudava muito, visitava doentes no hospital, ajudava pobres e, em 1871, tornou-se Sacerdote em 1871. Anos depois, ele começou a trabalhar com os surdos, a atender Deus.

Então, em uma tarde, na Igreja de Santa Catarina, em Napoli, ele ensinava o catecismo às crianças quando ouviu-se gritar uma criança e a mãe que chorava, padre Filippo aproximou-se para acalmar a criança, mas, a mãe gritou: “meu filho é surdo!” e saiu. (DIOCESANA, 2018).

Neste contexto, a Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações é fundada. A princípio, havia três jovens irmãs (freiras) que também começaram a ajudar na educação dos surdos.

...mulheres consagradas a serviço de Deus e dos Irmãos pudessem no mundo inteiro tornar atual no tempo o grande milagre do: "ÉFETA", abrindo para os surdos a porta da comunicação através do amor, da linguagem e da instrução. (DIOCESANA, 2018).

O padre Filippo decidiu abrir os novos campos de apostolado fora de Itália e o Brasil foi a preferência. Inicialmente, fundou-se o instituto no estado do Pará, na cidade de Belém, no ano de 1972. Segundo Mota (2019), em 22 de fevereiro de 1972 são enviadas a Belém duas irmãs Salesianas, Madre Chiarina Pezzuto (Superiora Geral) e Irmã Pia Abbondanza (Secretaria Geral), que ficam hospedadas no Colégio Santo Antônio, onde permaneceram até a compra do terreno do Instituto Filippo Smaldone Retornam à Itália no dia 25 de março de 1972. Em 6 de

julho de 1972, as irmãs Celestina, Immaculatina, Cesarina, Antônia, Madre Chiarina e Madre Redenta. As Salesianas tomam posse da casa, onde foi instalado o Instituto Filippo Smaldone, situado na Trav. 14 de Março, bairro do Umarizal, em Belém.

Atualmente, o Instituto Filippo Smaldone está em funcionamento na Itália, África, Paraguai e Brasil. No Brasil, o instituto está em cinco estados, nas cidades de Belém -PA, Pouso Alegre - MG, Manaus - AM, Fortaleza - CE e Brasília (Paranoá) - DF. Nesta pesquisa, falaremos somente dos institutos em Belém e em Manaus.

4.4.1 Instituto Filippo Smaldone em Belém

Em 25 de março de 1972, foi inaugurado o Instituto Filippo Smaldone em Belém. A instituição inicia suas atividades com somente 5 alunos surdos. No início, a edificação era apenas uma casa pequena. Posteriormente, começaram a construção de um novo prédio, inaugurado em 1977. Nesta época, a instituição contava com aproximadamente 60 alunos surdos, que frequentavam o instituto em um regime semi-internato. A maioria deles eram provenientes de famílias de baixo rendimento. Alguns podiam pagar a mensalidade, e a maioria sempre contribui com uma mensalidade. As Figuras 34 e 35, a seguir, ilustra a edificação do instituto em 1972 e em 1977.

Figura 34 - Casa antiga 1972



Fonte: Filippo Smaldone s/d

Figura 35- novo prédio 1977



Fonte: <https://institutofilipposmaldone.com.br/belem/>. Acessado em 21 de maio de 2021.

A Lei nº 7012 de 21 de outubro de 1976 reconhece o Instituto Filippo Smaldone em Belém como uma instituição de Utilidade Pública para o Município de Belém. Conforme mencionado, o Instituto Filippo Smaldone é mantido pela Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações.

O entrevistado surdo Raimundo Cleber Teixeira Couto foi ex-aluno do Cleber Instituto Filippo Smaldone, na cidade de Belém. Ingressou na instituição aos 2 anos de idade e foi um dos primeiros alunos do Instituto. Outro entrevistado surdo foi Silvio Márcio Freire de Alencar, que ingressou na instituição aos 3 anos de idade. Estavam entre os 5 surdos que estiveram na instituição no início das atividades na época, o instituto adota uma filosofia de ensino baseado no oralismo e, conseqüentemente, proibia o uso de língua de sinais. Atualmente, o instituto é organizado a partir de uma proposta de ensino bilíngue em libras como primeira língua e em português como segunda língua. A Figura 36, a seguir, ilustra alunos do Instituto Filippo Smaldone, em 1972, dentre eles, o Raimundo Cleber.

Figura 36 - Primeira família interna do Instituto Filippo Smaldone, um deles do ex aluno Cleber - 1972



Fonte: Filippo Smaldone s/ d (2021)

De acordo com Raimundo Cleber, foi no instituto que ele aprendeu a falar (oralmente). A primeira palavra que aprendeu a oralizar foi BOLA. Assim, em uma dinâmica durante a terapia de fala, "a freira começou a jogar bola para mim, quando eu conseguia pronunciar BOLA". Recordar-se de que batiam no rosto e que ele chorava muito, com medo. A professora colocava a mão na boca e dizia "fala assim, B-O-L-A". Depois aprendeu a copiar a palavra BOLA e a freira se entusiasmou com isso. De alguma forma, ficou feliz. "Então, a partir disso,

ela ficou o tempo todo colada junto a mim, me incentivava a falar". Raimundo Cleber comenta que aprendeu a falar, mas que não sabia o significado das palavras. Demorou muito para entender o que significava aquela articulação oral e o nome escrito. Descobriu através da figura com imagem do referente BOLA.

Sobre isso, o ex-aluno Sílvio Márcio Freire de Alencar menciona que a freira sempre estava atenta e dizia quando ele oralizava alguma palavra de maneira equivocada. Se ele errasse, ela batia em minhas mãos. Recorda-se de ter sofrido muito neste período e considerava-a uma pessoa má. Um certo dia, uma freira que ele considerava que era muito boa, ensinava com muita paciência. Neste novo período, começou a treinar a fala (oralmente). Em na sala, havia muitas imagens, como o abecedário e palavras isoladas. A freira apontava e pedia para falar. Sílvio recorda-se de que não o ensinava conteúdos mais abstratos, como sentimentos, noções de saudade, raiva, conteúdo de ordem emocional, dentre outros. A Figura 37, a seguir, ilustra o ex-aluno Silvio Alencar aprendendo a oralizar a letra R junto com uma das irmãs Salesianas.

Figura 37 - Silvio Alencar aprendendo a oralizar a letra R



Fonte: Filippo Smaldone s/d (2021)

Na época as irmãs davam textos para os surdos decorarem, pois deveriam apresentar o evento e, assim, mostrar às famílias que os surdos são capazes de falar. Nestes eventos, os alunos surdos também dançavam junto com a professora.

De acordo com Raimundo Cleber, certa vez, uma outra freira lhe deu um texto longo, que tinha vários versos. O texto deveria ser dividido com Sílvio Júnior. Então, os dois alunos treinaram muito para decorar, pois haveria a apresentação. Quando chegou o dia da festa, Raimundo Cleber estava vestido de índio, mas não se recorda como o Silvio estava

caracterizado. Lembra-se de ter ficado nervoso para a apresentação. Logo foi para o microfone e, de repente, deu branco. "Mas, procurei o texto e depois conseguimos finalizar a apresentação". A comunidade ouvintes ficou pasma com a capacidade de oralização. Raimundo Cleber ressalta ainda que, em certos dias, a freira o levava para hospital e outros lugares para mostrar a sua capacidade de fala (oral) e também de leitura, mostrando para as pessoas que os surdos são capazes de falar e ler. "Mas eu me sentia como se eu fosse um *macaco inteligente*".

4.4.2 Instituto Filippo Smaldone em Manaus

Em 1984, o Instituto Filippo Smaldone é fundado na cidade de Manaus, a pedido de um grupo de 3 pais que têm filhos surdos, que foram ex-alunos do Instituto Filippo Smaldone em Belém. Dentre os pais, estavam os meus pais (Tatyana, autora desta dissertação), os pais do Sílvio Márcio Freire de Alencar e os pais do Fernando, pois perceberam que em Manaus havia a necessidade de implantar uma instituição de ensino semelhante, considerando que, na perspectiva dos pais, a cidade não oferecia um atendimento qualitativo para as crianças surdas. Então, resolveram escrever uma carta a pedido de Madre Ângela, que era diretora da Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações, com sede na Itália. O pedido foi aceito. Vieram três irmãs como representantes para conhecer o local em 20 de janeiro de 1984. Depois retornaram para Itália com o relatório. Posteriormente, em fevereiro do mesmo ano, chegaram as Irmãs Glicéria e Francisca, e, depois, chegaram outras duas irmãs: Teresa Angélica e Ângela Maria. A instituição funcionava no centro que era propriedade dos Padres capuchinhos da Igreja de São Sebastião. Em março, começaram as matrículas. No início, eram apenas seis alunos surdos. Com o tempo, a instituição receberia mais estudantes surdos.

De acordo com Alencar (2019), ainda em 1984, em 4 de junho, houve uma festa dedicada ao fundador Beato Filippo Smaldone para inauguração oficial do Instituto, com a presença de autoridades civis, eclesiásticas, alunos, pais, amigos e benfeitores. Houve uma celebração Eucarística e corte da fita simbólica pela Secretária de Educação do Estado do Amazonas e teve apoio do governador Gilberto Mestrinho que recebeu as doações. A Figura 38, a seguir, ilustra os idealizadores do Instituto Filippo Smaldone, em Manaus. Dentre os idealizadores, na imagem, estavam os meus pais (Tatyana, autora desta dissertação).

Figura 38 - Idealizadores do Instituto Filippo Smaldone



Fonte: Alencar (2019, p. 9)

Com o tempo, foi aumentando o quantitativo de alunos surdos. Conseqüentemente, o local passou a ser considerado pequeno, pois precisava de mais vagas. Cogitou-se a possibilidade de construir um prédio maior, mas não havia recurso. Então, o dr. Flávio Emanuel do Espírito Santo doou um terreno muito grande que ficava no conjunto Campos Elíseos. Em 1986, no dia 13 de junho, lançou a pedra fundamental para instalações futuras e teve como presença Madre Ângela, Arcebispo D. Clóvis Frainer, Governador em exercício, Dr. Francisco Queiroz e povo geral, teve a benção de frei Mansueto. Mas o problema era o recurso para poder construir, pois não eram suficientes para despesas materiais, taxas de licenças e mão de obra. Houve muita mobilização para a arrecadação de doações. Em 1990, no dia 8 de fevereiro, o novo prédio foi inaugurado. Havia o atendimento de aproximadamente 200 alunos surdos. Eu, Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa, não estudei este instituto, apenas participava dos atendimentos ofertados pelo serviço de fonoaudiologia.

Os depoimentos dos entrevistados evidenciam a perspectiva medicalizada da surdez, em que as instituições de ensino dedicadas aos estudantes surdos se preocupavam no apagamento de características linguístico-culturais dos surdos, em um período em que o oralismo vigorava. Certamente, a língua de sinais estava presente, mesmo que às escondidas, pois as instituições promoviam o contato surdo-surdo que foi favorecido pela presença de uma instituição referência para a educação de surdos.

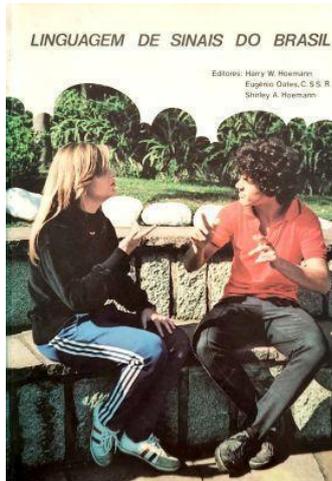
4.5 O legado de Eugênio Oates

Em 1939, o padre estadunidense Eugênio Oates, tornou-se redentorista, e, em 1944, tornou-se sacerdote e aceitou trabalhar em Manaus, no estado Amazonas, como missionário. Antes de começar a sua missão, teve a oportunidade de assistir a palestra do Daniel Higgs e ficou impressionado. Pensou em aprender a língua de sinais dos surdos e começou a frequentar o seminário em St. Louis Missouri, que foi um dos missionários redentoristas que trabalhou como apostolado dos surdos, aprendeu a língua de sinais dos surdos, também aprendeu a educação de surdos com os outros missionários. Assim, assistia às aulas das escolas das crianças surdas, que usavam a língua de sinais. O padre Oates viu que o problema dos surdos era falta de comunicação, não audição. Então ele mesmo apresentou para os outros missionários brasileiros para ajudar os surdos a superar as dificuldades na sociedade, apenas aprendendo a se comunicar com os surdos.

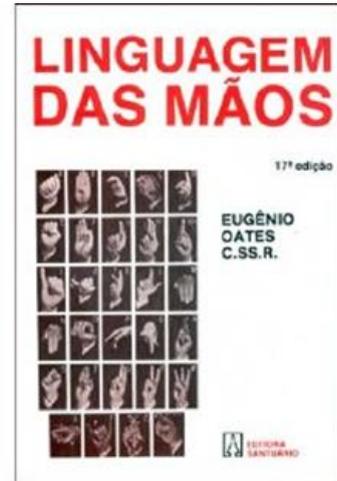
Eugênio Oates ficou hospedado no Instituto Montessoriano Álvaro Maia e também no Santuário Nossa Senhora Aparecida, na Arquidiocese de Manaus. Oates se licenciou para que pudesse atuar com os surdos no Instituto Montessoriano. Ajudou os surdos jovens e adultos a expandir sua língua de sinais, ajudou a encontrar empregos, desenvolveu serviços sociais e, dessa forma, se tornou um ativista. O seu objetivo era ajudar as arquidioceses a criar uma comunidade católica surda e favorecer uma integração em todo o Brasil.

Ele atuou com o primeiro padre surdo do Brasil, o Pe. Vicente de Paulo Penido Burnier. Em um trabalho colaborativo, começaram a estudar e pesquisar as diferenças regionais da língua de sinais. Na época, a libras não era oficialmente reconhecida como uma língua. O trabalho do Padre Oates e outros defensores, de alguma forma, contribuíram para a aceitação e visibilidade da Libras como uma língua nacional do Brasil. Houve também um trabalho no INES. Eugênio Oates publicou um dicionário abrangente de libras em 1969, intitulado "Linguagem das Mãos". A Figura 39, a seguir, ilustra a capa de duas obras de Eugênio Oates.

Figura 39 - Livros do Padre Oates



Fonte: Linguagem de Sinais do Brasil, 1983



Fonte: Linguagem das mãos: 2000

Ressalto que a obra *Linguagem das Mãos*, foi um livro de referência pra mim, quando ingressei na comunidade surda de Manaus, conforme explícito na introdução desta dissertação. A partir desse livro, comecei a ter contato com a língua de sinais e, conseqüentemente, a me instruir e comunicar com os surdos de Manaus. A Figura 40, a seguir, ilustra uma reportagem publicada no jornal "O Commercio" sobre o Pe. Eugênio Oates.

Figura 40 - Matéria sobre o Padre Oates cria um novo mundo para os surdos mudos

Pe. Eugênio cria um novo mundo para os surdos-mudos



Antecipar, colocar a beira da mão direita aberta na palma esquerda e mover a mão direita em uma curva para cima e para dentro; Amar, mãos abertas cruzadas, palmas para dentro, comprimindo o coração. Esta é a linguagem dos gestos, de mímica. É o primeiro idioma que aprendemos nos braços maternos, ao nascer.

Durante toda a vida usamos as mãos fazendo gestos e sinais para expressar nossas ideias como mais ênfase (acenar se despedindo) tornando posteriormente, um hábito natural como chorar ou rir.

No mundo silencioso dos surdos vemos a grande necessidade e utilidade da linguagem mímica. Por meio de gestos e mímica uma criança surda começa a compreender as coisas. É o início do caminho longo e árduo para ela se tornar finalmente, uma "surda-falante". O surdo que não consegue falar, por uma razão ou outra, chama-se "surdo-mudo" mas mesmo assim "fala" e com as mãos e "ouve" com os olhos. Suas mãos pintam quadros dos seus pensamentos ou ideias. Mesmo quando não existe mímica de uma certa palavra, o surdo-mudo pode transmitir essa palavra parafraseando-a com outra mímica ou usando o alfabeto manual.

ELES TÊM UM CATEQUISTA

Revivendo as obras de José de Anchieta, surgiu no Brasil, o Pe. Eugênio Oates, um missionário — norte-americano que desenvolve o apostolado voltado para os surdos, pretendo codificar a mímica brasileira a fim de que os surdos existentes no país — um total de 150 mil — possam comunicar-se com outras pessoas dentro da comunidade, facilitando assim sua integração na sociedade. Vem percorrendo o Brasil de Estado a Estado, de cidade a cidade, falando aos surdos e à sociedade sobre os problemas da comunicação dos

surdos. Faz conferências, evangeliza, orienta, cria cursos e instala-se minários. Acreditando que a beleza da linguagem falada depende muito da articulação e do tom da voz, através de movimentos simétricos das mãos, o Pe. Eugênio escreveu o livro "A Linguagem das Mãos", o único no gênero no país, publicado em convenio com a COLTED trazendo cerca de quase duas mil palavras. Todas elas ajudarão os surdos — mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade proporcionando um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. O livro representa um trabalho muito cuidado e pretende também unir a mímica brasileira e suas diferenças no Norte, Nordeste, Sul e outros centros. É uma obra corajosa, plena de sacrifícios, tratando de um tema quase que marginalizado pela sociedade contemporânea.

QUEM

Padre Eugênio é o mais novo dos oito filhos de um casal irlandês. Formou-se em Oconomowoc, Wisconsin, em 1944. Em 1946 veio para o Brasil, ou melhor para o Amazonas, desenvolvendo em nosso Estado suas atividades sacerdotais, tendo dirigido por longos anos o Ginásio Nossa Senhora de Aparecida e foi vigário desta paróquia.

Começou a se interessar pelos surdos — mudos, quando ainda era seminarista, bastante jovem. Tudo começou quando seu professor o ensinou o alfabeto para conversar com os surdos — mudos dizendo que eles também eram cristão e tinham necessidade de conhecer os sacramentos. A lição despertou a curiosidade do padre Eugênio e mais ainda o seu coração, passando então e se dedicar ao estudo das mímicas. Integrou-se à vida brasileira e hoje realiza campanhas em todo o país em favor da difusão da linguagem das mãos.

Surdo-mudo tem um novo mundo na comunicação. Pe. Eugênio (foto) explica ao JC sua criação.

Fonte: Jornal do Commercio (AM) 1970/ Edição 20512 (2022)

Pe. Eugênio cria um novo mundo para os surdos-mudos

Antecipar, colocar a beira da mão direita aberta na palma esquerda e mover a mão direita em uma curva para cima e para dentro; amar, mãos abertas cruzadas, palmas para dentro, comprimindo e coração. Esta é a linguagem dos gestos, de mímica. É o primeiro idioma que aprendemos nos braços maternos, ao nascer. Durante toda a vida usamos as mãos fazendo gestos e sinais para expressar nossas ideias como mais ênfase (acenar se despedindo) tornando posteriormente, um hábito natural como chorar ou rir. No mundo silencioso dos surdos vemos a grande necessidade e utilidade da linguagem mímica. Por meio de gestos e mímica uma criança surda começa a compreender as coisas. E o início do caminho longo e árduo para ela se tornar finalmente, uma "surda-falante". O surdo que não consegue falar, por uma razão ou outra, chama-se "surdo-mudo", mas mesmo assim "fala" e com as mãos e "ouve" com os olhos. Suas mãos pintam quadros dos seus pensamentos ou ideias. Mesmo quando não existe mímica de uma certa palavra o surdo-mudo pode transmitir essa palavra parafraseando-a com outra mímica ou usando o alfabeto manual. **ELES TÊM UM**

CATEQUISTA. Revivendo as obras de José de Anchieta, surgiu no Brasil, o Pe. Eugênio Oates um missionário – norte americano que desenvolve o apostolado voltado para os surdos, pretendo codificar a mimica brasileira a fim de que os surdos existentes no país – um total de 150 mil – possam comunicar-se com outras pessoas dentro da comunidade, facilitando assim sua integração na sociedade. Vem percorrendo o Brasil de Estado, de cidade a cidade, falando aos surdos e a sociedade sobre os problemas da comunicação dos surdos. Faz conferências, evangeliza, orienta, cria cursos e instala-se minários. Acreditando que a beleza da linguagem falada depende muito da articulação e do tom da voz, através de movimentos simétricos das mãos, o Pe. Eugênio escreveu o livro “A Linguagem das Mãos”, o único no gênero no país, publicado em convênio com a COLTED trazendo cerca de quase duas mil palavras. Todas elas ajudarão os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade proporcionando um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. O livro representa um trabalho muito cuidado e pretende também unir a mímica brasileira e suas diferenças no Norte, Nordeste, Sul e outros centros. É uma obra corajosa, plena de sacrifícios, tratando de um tema quase marginalizado pela sociedade contemporânea. QUEM. Padre Eugênio é o mais novo dos oito filhos de um casal irlandês. Formou-se em Oconomowoc, Wisconsin, 1944. Em 1946 veio para o Brasil, ou melhor para o Amazonas, desenvolvendo em nosso Estado suas atividades sacerdotais, tendo dirigido por longos anos o Ginásio Nossa Senhora de Aparecida e foi vigário desta paróquia. Começou a se interessar pelos surdos-mudos, quando ainda era seminarista, bastante jovem. Tudo começou quando seu professor o ensinou o alfabeto para conversar com os surdos-mudos dizendo que eles também eram cristão e tinham necessidade de conhecer os sacramentos. A lição despertou a curiosidade do padre Eugênio e mais ainda, o seu coração, passando então a se dedicar ao estudo das mímicas. Integrou-se à vida brasileira e hoje realiza campanhas em todo o país em favor da difusão da linguagem das mãos.

Fonte: Transcrição do Jornal do Commercio (AM) Ano 1970/ Edição 20512 (1) (2022).

As pesquisas de Eugênio Oates, como extensão natural do trabalho de evangelização, foram um passo muito importante para padronizar de libras e, de alguma forma, contribuiu para os movimentos sociais a favor da Libras que, mais tarde, culminou no reconhecimento legal da Libras no Brasil. No trabalho de evangelização, os padres Oates e Burnier permaneciam, eventualmente, duas semanas em uma cidade, e aproveitaram para caminhar pelas ruas e observar os surdos usando a língua de sinais. Então, o Oates e Burnier sempre sentavam e conversavam em língua de sinais sobre demandas particulares dos interlocutores e convidaram o lugar como um ambiente para uma “missão” temporária. Assim, atuavam nas casas locais, ao ar livre e também visitavam a comunidade surda para reunir com surdos como celebração da Missa, usando a língua de sinais.

De acordo com Portolano (2021), para que os surdos entendessem sobre catequizar, o Oates e o Burnier utilizavam recursos visuais. Eles costumavam usar projetor de slides para mostrar as imagens dos significados, por exemplo, mostravam fotos de um campo de trigo, uma padaria com pão saindo do forno, Cristo multiplicando os pães e peixes, e a Última Ceia. A

partir este momento, houve esforços progressistas de Oates e Burnier, considerando que esses missionários para surdos estavam fazendo adaptações litúrgicas em libras, muito antes do Concílio Vaticano II encorajar a renovação litúrgica generalizada e certamente antes que a linguagem de sinais fosse oficialmente aprovada para uso na missa. A Figura 41, a seguir, ilustra o Pe. Eugênio Oates na Igreja Nossa Senhora Aparecida em Manaus.

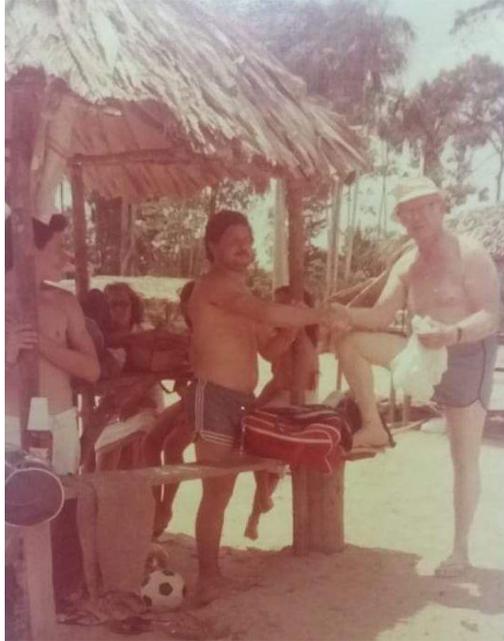
Figura 41 - Padre Oates e surdos manauenses na Igreja Nossa Senhora Aparecida – 1981



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Carmen Nascimento (2021)

De acordo com o entrevistado surdo Gilmar, quando o Padre Eugênio Oates vinha para Manaus, ele sempre o chamava, bem como chamava toda a comunidade surda, para participar das atividades da igreja, passearem em banhos, festas sociais e outras programações. Para Gilmar, "eu aprendi muito com ele, pois antes eu não sabia muitas coisas, hoje sou católico graças a ele que aprendi muitas coisas sobre a vida". A Figura 41, a seguir, ilustra Gilmar, Oates e outros surdos (aproximadamente 50) em um banho na cidade de Manaus, em 1989. Em seguida, a Figura 42 ilustra Oates, Carmem Nascimento e Jair Costa em uma festa, em 1987.

Figura 42 - Gilmar, Padre Oates e comunidade surda mais ou menos 50 surdos no banho - 1989



Fonte: arquivo pessoal cedido por Carmen Nascimento (2021)

Figura 43 - Padre Oates, Carmen Nascimento e Jair Costa na festa social, em 1987

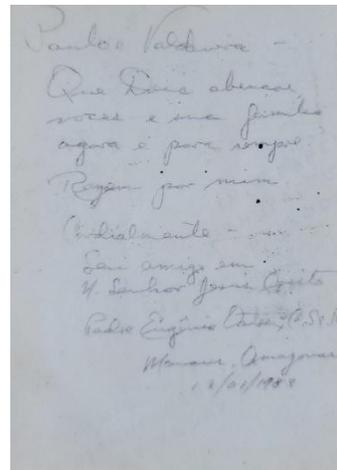


Fonte: arquivo pessoal cedido por Carmen Nascimento (2021)

A entrevista surda Carmem sempre andava junto com o Padre Eugênio Oates. Para Carmem, "ele me ajudou muito, me ensinou muitas coisas boas e aprendi muito com ele, quando ele vinha a Manaus eu ficava ansiosa para aprender mais".

A entrevistada surda Valdevira menciona que "depois de casar conheci o padre Oates na Igreja Nossa Senhora Aparecida, sempre ia todos os domingos, ele me ensinou muita coisa, como relacionamento de casal". A entrevistada menciona que havia uma bíblia em ASL, mas que não entendia nada e que o marido entendia tudo. O Pe. Oates batizou o filho do casal, Paulo Júnior. O casal é muito grato a Oates e receberam uma fotografia por ocasião do batismo do filho. As Figuras 44 e 45, a seguir, ilustram esse momento.

Figura 44 - Lembrança do Padre Oates - 1983



Fonte: arquivo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

Transcrição da lembrança: Paulo e Valdevira. Que Deus abençoe vocês e sua família agora e para sempre. Rogai por mim. Cordialmente, seu amigo em N. Senhor Jesus Cristo. Padre Eugênio Oates” Manaus 18/01/1983

Figura 45 – Batizado Oates e filho Paulo Jr.



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

O surdo entrevistado, José Maria, também menciona sobre sua convivência com Oates: "eu aprendi libras através do Pe. Eugênio Oates. Claro que ele ensinava a maior parte sobre ASL. Ele sempre ia para o Instituto Montessoriano Álvaro Maia. Todos os anos ele estava no instituto, inclusive, hospedava-se lá". A Figura 46, a seguir, ilustra José Maria com Oates em 1987.

Figura 46 - José Maria e Padre Oates na igreja Aparecida -1987



Fonte: Arquivo pessoal cedido por José Maria (2021)

Durante a parte maior do ensino e pregação, Oates usou o modo da comunicação total. Por isso, ele defendeu este método para o uso de escolas de crianças surdas em todo o Brasil, pois acredita que os surdos poderiam ler os lábios e, ao mesmo tempo, captar informações por meio dos gestos. Uma vez teve uma reportagem, disse que às vezes as sociedades acreditam que têm filhos surdos-mudos como um castigo de Deus, por isso os tratam com indiferença.

De acordo com Portalano (2021), houve contribuição das Irmãs de Ir. Joseph em Ir. Louis, a usar o modelo para práticas educacionais e se propor a garantir o direito das crianças surdas à educação no Brasil. E também defendeu a oralização, principalmente crianças surdas precocemente (mais cedo melhor), mas não excluindo a língua de sinais da comunidade surda, pois garante que houve maior desenvolvimento dos recursos de uma perspectiva bilíngue (português e libras) para os surdos poderem participar da sociedade ouvinte.

O Pe. Eugênio Oates sempre frequentou a comunidade surda e tentou provar às autoridades do Conselho Nacional de Trânsito Brasileiro para os surdos poderem dirigir o automóvel, pois são capazes de tirar a carteira de motorista, como em outros países, por exemplo, nos Estados Unidos (PORTOLANO, 2021).

Ao longo de mais de 30 anos, incentivou a cultura surda católica junto com desenvolvimento de libras, com facilidade programas sociais, reuniões da comunidade e educação. Então, o Pe. Eugênio Oates trabalhou como missionário do Brasil durante 42 anos, principalmente surdos. Contribuiu muito com a comunidade surda manauense.

4.6 Comunidade surda em Manaus

Nesta seção, trago um pouco sobre fatos da história da comunidade surda de Manaus. Conforme mencionei na introdução desta dissertação, ingressei na comunidade surda aos 24 anos de idade. Então, fiquei motivada a conhecer esta comunidade anos atrás, na década de 1960 a 1990. Nesse sentido, algumas perguntas embasaram parte dessa investigação: "como os surdos se comunicavam? Como acontecia a socialização entre surdos? O que não aprendiam na escola? A coleta das informações que compõem essa seção fora coletada nas narrativas, a partir das entrevistas dos surdos idosos e adultos (não idosos) que contaram sobre o seu período de juventude. Ressalto a importância do registro da história cultural da comunidade surda para que as gerações futuras tenham acesso à nossa história, ou seja, a história das comunidades surdas.

Considero essa seção como uma homenagem que faço a eles, os surdos entrevistados, que consolidaram a comunidade surda e a libras para os surdos de gerações atuais, pois sem eles, talvez, hoje a história da comunidade surda seria diferente.

A partir da pergunta sobre como era a geração de surdos no passado, em uma geração antes dos entrevistados, eu considero que o único sobrevivente de uma geração foi o entrevistado surdo José Maria. Ele menciona que não aprendeu nada sobre Libras em uma época contemporânea ao seu período de infância e adolescência. Assim, eu o considero como sendo o primeiro de uma primeira geração. Eu perguntei como ele aprendeu Libras e disse que foi com a comunidade surda de uma segunda geração, com Clóvis, Jair e outros. Então, surdos de uma segunda geração, como o Clóvis e o Carlos Antônio, viajaram para outros estados. O Clóvis foi para o Rio de Janeiro e o Carlos Antônio foi para São Paulo, e estudaram em escolas de surdos. A partir desta época, do ano de 1970, a segunda geração começou a ensinar e a disseminar a Libras para a terceira geração, como Clayton, Janderclei, Joelma e outros. Segundo Strobel (2008),

O segundo trabalho artefato cultural do povo surdo é linguístico, a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda. No entanto incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidade surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras. (STROBEL, 2008).

Antigamente, os surdos eram isolados e não havia associação dos surdos. Então os surdos sempre se encontravam no mesmo local, por exemplo, na praça da Saudade ou praça do Congresso. Ali, eles conversavam a partir de gestos, certamente, havia uma sinalização com muitos classificadores, antes da vinda dos surdos manauenses que estudaram fora do estado. Depois da vinda dos surdos, eles ensinaram os surdos a libras. Então os jovens surdos sempre acompanhavam o modelo dos surdos idosos. Ainda de acordo com a autora Strobel (2008),

Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda têm maior segurança, auto estima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificarem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano. (STROBEL, 2008, p. 45).

O entrevistado surdo, Clayton Barros de Sant’Anna, hoje com 51 anos de idade, atua como professor de libras e narra como foi o seu ingresso na comunidade surda, a partir do ano 1970.

Bom, antes eu não vivia na comunidade surda, a minha comunicação com a família era a partir de gestos, pois eu não sabia nada de libras. Então, quando eu tinha 10 ou 11 anos, ficava preso na casa. Assistia televisão sozinho e via as pessoas ouvintes jogando futebol na rua onde morava. Resolvi ir me juntar a eles. Tentou “falar” com eles. Os ouvintes gritavam, numa tentativa de estabelecer comunicação, mas não consegui. Então, aproveitei e usei gestos e classificadores. Eles entenderam, mas não me deixaram brincar como jogador. Permitiram eu atuar apenas como goleiro. Quando os ouvintes me chamavam para jogar bola, eles levantavam as mãos e faziam o movimento de

simular as ações de um goleiro (movimento das mãos para o alto e para as laterais). Eu me acostumei com isso. Era sempre assim e acontecia nos finais de semanas. Eu também brincava muito esconde-esconde. A minha comunicação com os ouvintes também era gestos misturados com classificadores. Então, mais ou menos em 1980, eu conheci o Marcio, na rua onde morava, que é surdo e oralizado. Ele me pediu para conhecer a minha mãe. Eu não entendia nada o que eles conversavam, depois me levou para conhecer a comunidade surda. A minha comunicação com Márcio também era gestos muito básicos. Foi ali que conheci a comunidade surda, na praça da Saudade. Era o local que sempre acontecia o encontro da comunidade surda. Então, fiquei admirado e perdido, não sabia o que fazer. Fiquei grudado no Márcio, ele dizia "calma, eles são surdos igual a você" Ali estavam os adultos surdos Gilmar, Clovis, Virginia, Carlos Antônio. Foi ali que comecei a aprender libras e fiquei muito feliz. Logo abandonei os coleguinhas ouvintes. Eu estava tão empolgado com o contato surdo-surdo. O Carlos Antônio me chamou para a Igreja. Eu não entendia o que ele falava. Logo ele me levou à Igreja e fez o sinal IGREJA. Depois me chamou para jogar bola e fez o sinal JOGAR BOLA. Eu pensei que era a mesma coisa que "GOLEIRO", como os ouvintes faziam quando me chamavam para jogar bola. Comecei a entender os sinais. Então, o Carlos Antônio me incentivou a sinalizar cada vez mais, pois percebeu que eu aprendia muito rápido os sinais e disse para eu estudar para ter um melhor futuro. Eu era horrível, magrelo, ansioso demais para encontrar a comunidade surda, só podia enturmar na mesma idade como adolescente e não podia se enturmar com os adultos. Sobre a libras, no começo não sabia, mas eu sou muito curioso para aprender. Eu tentava observar os adultos conversando, mas não conseguia entender. O Carlos Antônio tentou conversar comigo. Me chamou para aprender libras com ele. Então, ele me levou para aprender os sinais na praça. Eu lembro de ter aprendido sobre o relógio. O Carlos Antônio ficou responsável por ensinar libras. Lembro que o Gilmar veio e me disse que ia embora, pois tinha compromisso para ir ao bar beber. Eu tinha medo do Gilmar, pois ele era grandão. Ele sempre colocava maço de cigarro debaixo da camisa em cima do ombro. Era uma mania dele. Então, o Gilberto disse assim "mexa comigo e vou te dar porrada". O Gilmar olhou para o Gilberto e disse "coitado, você é tão pequeno". Como eu estava com vontade de ir para o bar, o Gilmar disse que não podia ir por causa de menor de idade, então eu meus amigos resolvemos ir à escondido seguindo com os adultos, foi ali descobri onde era o bar, onde o Gilmar, Clovis, Virginia e outros sempre bebiam ali no bar, este dia na hora de voltar para casa, não sabia como pegar ônibus. Fiquei perdido e, então, resolvemos ir a pé, pois estava acostumado a ir junto com o Márcio. Consegui chegar em casa, claro não fui sozinho sim com Gilberto. Eu não sabia que ele morava perto da minha casa. Então comecei a enturmar com eles, aproveitamos passear muito, tomava banho no parque do Mindu, pois antes o rio era limpo e brincávamos muito. O Clóvis também me ensinou muito. O encontro da comunidade surda sempre acontecia nos finais de semana, sempre na praça de saudade, depois tiveram de mudar para praça da polícia, pois estava fazendo a obra. Então, ali os encontros sempre aconteciam na sexta, sábado e domingo, pois não tinha onde encontrar o local e na hora de jogar futebol, sempre acontecia aos domingos. Eu tinha os adultos surdos como modelo, que eram como se fossem "uma segunda casa" para a comunidade surda. Depois, com o tempo, houve quatro mudanças de escola, mesmo nome. Em 1988, mudei de escola para perto da minha casa. Dentro da escola tinha uma sala somente para surdos. Eram 8 surdos. Foi ali que comecei a descobrir que o Nelson morava perto da minha casa, bem como outros surdos. Mas não fiquei muito tempo na escola, pois não estava entendendo nada. A professora ficava toda hora falando muito (oralmente). Eu larguei a escola na sétima série e comecei a trabalhar na fábrica PHILIPS. Depois por influência dos meus colegas, tive que estudar do EJA para finalizar as séries e consegui finalizar. Então, ele agradece a comunidade surda, graças ao Clóvis e ao José Carlos. Sem eles, eu não aprenderia nada e seria uma outra história.

A Figura 47, a seguir, ilustra a despedida da escola. A foto está embaçada pois, na época, Clayton só possuía máquina de fotografia Love, mas deu para registrar a lembrança. A primeira pessoa da foto é Clayton, o segundo é o Nelson e o terceiro é Janderleci, em 1989.

Figura 47 - Clayton, Nelson e Janderlei, em 1989.



Fonte: arquivo pessoal cedido por Clayton Barros (2021)

O entrevistado surdo, Juscelino Buarque Onofre, tem 67 anos, e foi professor de libras. É considerado um surdo da segunda geração, a partir do ano de 1960. De acordo com suas narrativas, nos finais de semanas sempre ia na casa dos meus amigos e conversava muito,

O Jair ia para o cinema e depois contavam as histórias o que acontecia do filme, era tudo a partir de classificadores. Era perfeito. Quando eu tinha mais ou menos 11 anos, a mamãe me botou na escola no Rio de Janeiro e depois em São Paulo. Foi lá que aprendi mais libras, e é onde eu moro atualmente. Mas sempre venho visitar Manaus, pois a minha família mora na cidade e, na ocasião, sempre visito meus amigos surdos. Sempre trago as novidades e ensino para meus amigos. Nos finais de semanas sempre, eu ia para a casa do Jair, pois a mãe dele sempre convidava e fazia comida. Antigamente, era muito legal. Mesmo quando tinha briguinha, a gente se perdoava. Hoje em dia é muito diferente, me sentia muito bem no passado.

A Figura 48, a seguir, ilustra o surdo Juscelino Onofre com amigos. Ele está sinalizando L na testa, ao fundo.

Figura 48 - Juscelino Onofre sinalizando L na testa.



Fonte: arquivo pessoal cedido por Carmen Nascimento (2021)

Apresentou outro depoimento de entrevistados surdos da terceira geração. Trata-se de Janderlei Vale, 43 anos, professor universitário.

Sou da época do grupo do Clayton. Quando criança, eu pensei que eu era o único surdo do mundo. Aos 3 ou 4 anos de idade, comecei a ver os ouvintes comunicando comigo através de gestos, por exemplo, "vamos soltar a pipa". Não havia nada de Libras e, às vezes, havia mímica. Quando eu tinha 9 anos de idade e meu irmão surdo tinha aproximadamente 4 anos, veio a Darcy e a Vera na minha casa. Elas me chamaram para estudar na Igreja Tabernáculo. Eu falei para elas conversarem com a minha mãe (gestualizando colocava a mão para os seios e apontava onde estaria a mãe dele). Elas conversavam e a mamãe autorizou que eu e meu irmão fôssemos com elas na igreja estudar. Chegando na igreja, logo vi muitos surdos se comunicando em libras. Eu fiquei admirado e, ao mesmo tempo, nervoso, pois nunca tinha visto. A Darcy disse "viu? Agora vamos estudar" e apontava a mão levantava estuda. Comecei a entender e, durante as aulas, comecei a aprender alguns sinais, como o sinal de água. Então, todos os domingos elas pegavam de ônibus. No caminho, comecei a aprender onde o Clayton morava, também o Gilberto e outros, pois eles também iriam para igreja. Em 1982, quando eu tinha 9 anos de idade, comecei a estudar na Escola Estadual Augusto Carneiro. Novamente, estava no mesmo grupo do Clayton, Joelma e outros. Na sala de aula, não aprendia nada mesmo, apenas copiava. Os professores ficavam conversando, então aproveitava para brincar dentro da sala de aula. Só aprendia matemática, adição e subtração só isso. Depois, aos 13 anos de idade ou 14 anos, começamos a combinar encontros na praça do Congresso e praça da Saudade. Sempre era isso, a gente se encontrava. Não encontrava o Gilmar, o Jair e outros, pois eles eram adultos. Só podia entrar no grupo deles depois de 18 anos, pois são as regras deles. Conheci o Antônio Carlos na praça e aprendi muito com ele. Ele me ensinou muito sobre libras. Ele sempre me falava que precisa estudar para o melhor do futuro e vai de caminho, eu agradeço muito ele.

Outra entrevistada surda é Joelma Pinheiro da Silva Sanches, de 47 anos, professora de Libras.

Antes, eu não tinha contato com surdos. A minha comunicação com os ouvintes a partir de gestos. Depois comecei a estudar APAE, mas foi por pouco tempo. Então, mudei para Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, então lá aprendi algumas coisas, muito pouco. Lembro quando tinha 13 anos. A minha mãe trabalhava na fábrica CCE (Comércio de Componentes Eletrônicos) e viu o surdo chamado Antônio Carlos. Ela se apresentou dizendo que tinha uma filha surda. Então, a mamãe o convidou para me conhecer. Um dia o Carlos Antônio veio de bicicleta para minha casa. Eu estava muito metida e não gostava de ter amigos surdos, pois eu vivia com os ouvintes. A primeira coisa que ele disse foi "oi". Eu não entendia nada. Ele me explicou "oi" que queria dizer uma forma de educação. Eu nem ligava, pois preferia estar com ouvintes. Eu brincava muito com eles, como vôlei, adorava pular corda e outras coisas. A mamãe me chamava dizendo "olhe ele é surdo". Eu falava "depois falo", mas não queria saber. Mas mesmo assim o Carlos Antônio insistia, logo me ensinava libras e, com o tempo, fui aprendendo com ele. Ele foi o único que frequentava muito a minha casa. Ele me ensinava muito, até eu tinha 15 anos. Depois fui aprender com a minha amiga Ângela. Antes disso, os meus amigos iriam para minha casa para aprender mais libras com Carlos Antônio. Tinha muitos surdos que eram apaixonados por mim, pois eu era muito linda, mas eu tinha nojo deles. A mamãe me obrigava a aprender Libras. Estavam ali Clayton, Janderlei, Nelson e com eles fui aprendendo com tempo. Foi ele que me levou para praça de saudade e praça de palacete, que conheci a comunidade surda e fiquei admirado. Eu agradeço muito o Carlos Antônio, se não fosse ele, seria outra história.

Em seguida, apresento a narrativa do entrevistado surdo Carlos Antônio Sousa Costa, de 58 anos, que trabalha como soldador.

Bom, eu tenho 4 irmãos surdos. A minha comunicação era por gestos. A mamãe me mandou, eu e mais 2 irmãos, para São Paulo, quando eu tinha 9 anos de idade. Foi lá que comecei a aprender libras no Instituto Dona Conceição para crianças surdas.

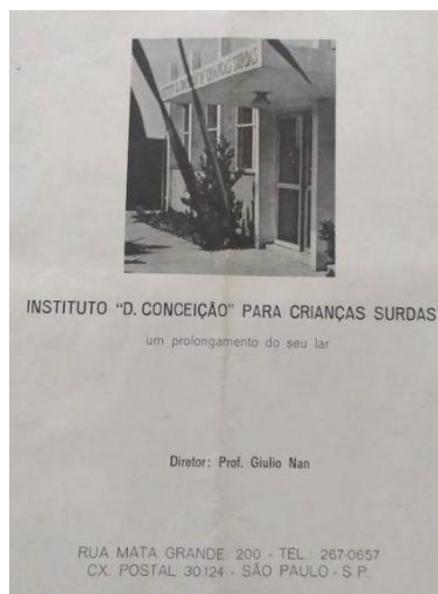
As figuras, a seguir, ilustram Carlos Antônio é um artefato do Instituto Dona Conceição para crianças surdas.

Figura 49 - Carlos Antônio



Fonte: arquivo pessoal cedido por Carlos Antônio (2021)

Figura 50 - Instituto “Dona Conceição” para crianças surdas



Fonte: Acervo pessoal cedido por Carlos Antônio (2021)

Figura 51 - Carlos Antônio com 9 anos de idade brincando no Instituto Dona Conceição para crianças surdas.



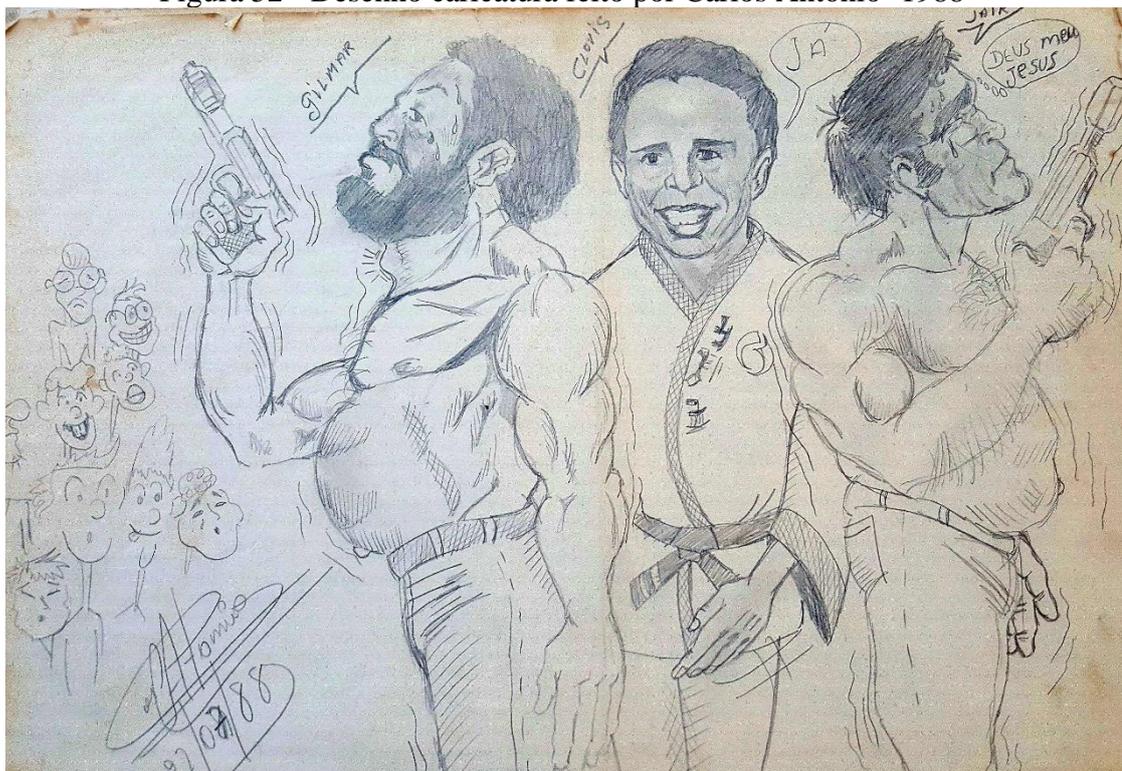
Fonte: arquivo pessoal cedido por Carlos Antônio (2021)

Ainda de acordo com Carlos Antônio,

Depois que o Instituto faliu, voltei para Manaus. Eu estava ficando sozinho em casa, quando vieram meus amigos como Jair, Albino, Gilmar e outros. Lembro-me de quando eles jogavam dominó e eu ficava assistindo. Então, neste momento comecei a observá-los se comunicando a partir de gestos. Isso foi antes do Clóvis ensinar. Não havia associação de surdos. Sempre era vício de dominó e também encontrei os outros surdos mais jovens, como Clayton, Jandercllei, Joelma e percebi que eles não sinalizaram em libras, apenas por gestos e classificadores. Então, chamei o Gilmar, pois ele era mais velho e que os surdos jovens obedeciam a ele. Comecei a ensinar e a enturmá-los, a jogar futebol e a ter campeonato entre surdos contra ouvintes. Comecei a vender os meus desenhos de caricaturas para comprar uma bicicleta e, assim, para frequentar as casas dos surdos mais jovens para ensiná-los a libras. Eu sempre os levava para conhecer a comunidade surda aos finais de semanas. Na sexta, depois das 18h, íamos para a praça do palacete ou na praça das saudades, até às 21h. O Gilmar era o líder e sempre palestrava. Para o sábado, combinavam onde seria o local de encontro e domingo sempre era dia de futebol. Hoje vejo que a maioria dos surdos cresceu e fez faculdade, fico feliz por eles.

A Figura 52, a seguir, ilustra a caricatura elaborada por Carlos Antônio, em 1988.

Figura 52 - Desenho caricatura feito por Carlos Antônio -1988



Fonte: arquivo pessoal cedido por Carlos Antônio – 1988 (2021)

A primeira imagem da esquerda é o Gilmar, o segundo do meio é o Clóvis e o terceiro é o Jair. Esta figura retrata quando o Carlos Antônio tinha mais ou menos 22 anos explicou que o Jair e Gilmar tinha a rivalidade com Clovis no auge de juventude do passado, logo o Carlos Antônio teve uma ideia para quebrar o gelo desenhando as caricaturas de Jair, Clovis e Gilmar

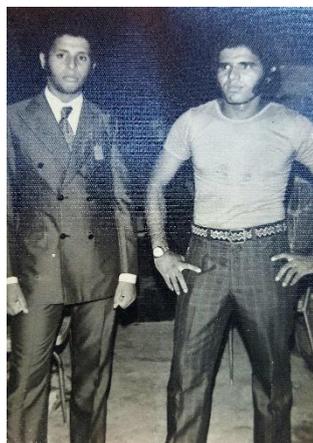
para animar e mostrou o desenho para a dupla, menos Clovis por falta de tempo, mas o Jair guardou o desenho para mostrar o Clovis mais tarde, quando retomaram a amizade entre eles.

Clóvis Albuquerque, surdo entrevistado, também narra sua trajetória no contato com a comunidade surda. Ele é professor de Karatê, aposentado.

Em 1968, deixei o INES, quando eu tinha 15 anos de idade, e resolvi voltar para Manaus. Meu irmão preferiu continuar no Rio. Quando cheguei em Manaus, estava me sentindo sozinho e perguntei para a minha mãe onde estavam os surdos. Ela lembrou do Instituto Montessoriano. Logo me levou e, chegando na escola, fiquei assustado porque via muitos surdos como “selvagens”. Eles não comunicavam em libras. A professora sempre pedia silêncio, mas continuavam danados. Resolvi ajudar a professora e consegui acalmar alguns surdos. No instituto, conheci o Juscelino, o Albino, o Jair e outros. Comecei a ensinar libras na minha casa. Todos os sábados, percebi que eles comunicavam de maneira mais gestual. Um dia, o Jair me convidou para conhecer a comunidade surda jovem na praça do congresso, para o bar e outras programações. Um dos meus melhores amigos era o Jair. Ele nos apresentou a comunidade surda.

Clóvis também menciona que começou a fazer muitos desenhos artísticos e os vendia muito bem. A Figura 53, a seguir, ilustra o Clóvis Santos e Jair Nascimento nos anos de 1974 e de 1978. A Figura 54, a seguir, ilustra Clóvis com uma de suas pinturas.

Figura 53 - Clovis Santos e Jair Nascimento 1974 e 1978



Fonte: arquivo pessoal cedido por Carmen Nascimento (2021)

Figura 54 - Clóvis Santos e seus desenhos - 1994



Fonte: arquivo pessoal cedido por Clóvis

Segue o depoimento da entrevistada surda, Valdevira dos Santos Takahira, 62 anos, aposentada, em relação à comunidade surda de Manaus.

O Clóvis surdo me ensinou muito em libras. É muito meu amigo, uma pessoa muito respeitosa e muito legal. Me lembro também de outra surda, mas não me lembro o nome dela. Antes eu só conversava em gestos. Na época, era muito legal, conversava muito e hoje em dia tudo é diferente, mas eu respeito. O engraçado é que a mãe sempre mandava minha irmã ouvinte ir junto comigo para encontrar minhas amigas e nunca me deixava ir sozinha.

A Figura 55, a seguir, ilustra Clóvis Santos, Valdevira e Paulo Takahira, em 1977. Em seguida, a Figura 56 ilustram a Vânia (atualmente esposa do Clóvis), Valdevira Takahira e Virginia Lima, em 1976.

A Figura 55, a seguir - Clóvis Santos, Valdevira e Paulo Takahira - 1977



Fonte: acervo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

Figura 56 - Vânia (atualmente esposa do Clóvis), Valdevira Takahira e Virginia Lima -1976



Fonte: acervo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

Por fim, apresentamos o trecho da entrevista de Paulo Itiro Takahira, 74 anos, aposentado. Após o depoimento de Paulo, seguem as Figuras 57 e 58, sobre Paulo em sala de aula e um artefato do Instituto de Educação “Dr. Américo Brasiliense”, de 1962.

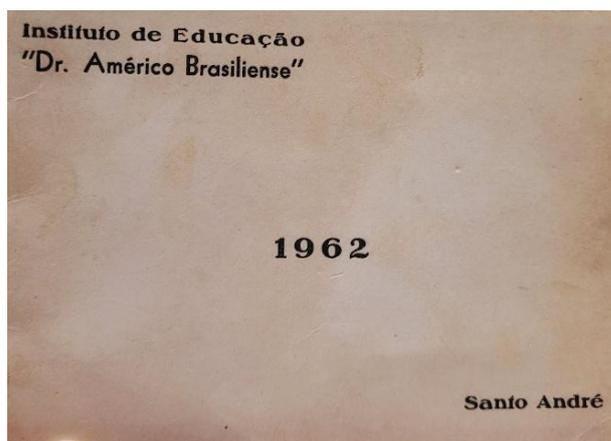
Eu sou muito fechado, sempre fui assim. Não tinha muitos amigos, o único amigo que eu tinha era o Clóvis, pois sou paulista. Quando tinha 30 anos de idade, mudei para Manaus devido ao trabalho. Tentei, muitas vezes, conquistar a Vera. Foi muito difícil, mas felizmente consegui, até que a pedi em casamento. De início, ela não queria casar comigo, mas, com tempo, ela aceitou. Bom, antes de vir para Manaus, eu estudei em Santo André – SP. A minha escola se chamava Instituto de Educação Dr. Américo Brasiliense e estudei nesta instituição até a 3º série. Eu não sinalizava em Libras, somente escrevia e oralizava. Mas, mesmo assim, não entendia nada mesmo.

Figura 57 - Paulo Takahira (camisa branca) sentado no fundo no Instituto de Educação Dr. Américo Brasiliense



Fonte: arquivo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

Figura 58 - Livrinho do Instituto de Educação “Dr. Américo Brasiliense” - 1962



Fonte: arquivo pessoal cedido por Valdevira Takahira (2021)

Os depoimentos retratam o ingresso de surdos na comunidade surda de Manaus. A partir das falas, vemos a emergência e consolidação de uma comunidade surda e, conseqüentemente, da língua de sinais e da cultura surda. É possível perceber a disseminação da língua de sinais e que os entrevistados se reconheciam como sinalizantes, mas não da Libras. Nesse sentido, é importante o contato com os pares surdos. É nítido também a solidariedade entre surdos e o senso de coletividade, a partir da formação de uma rede de apoio e de circulação de conhecimento entre os surdos.

Há saberes entre os surdos, que ficou evidenciado na presença dos surdos mais velhos que repassaram valores de vida, do mundo e das coisas. Havia também regra dentro da comunidade surda, por exemplo, os surdos mais jovens só poderiam ir para o bar após os 18 anos.

A liderança surda a partir de sujeitos agregadores, bem como a preocupação de que outros surdos tivessem acesso à língua de sinais perpassa pela fala dos entrevistados. Os surdos sempre criam espaços para a sociabilidade surda, evidenciado nas praças da cidade, que se constituíram como ponto de encontro, antes mesmo da fundação de uma associação de surdos.

Observo também a relação desigual, quando os surdos possuem amigos ouvintes. Parece não haver reciprocidade em um dos depoimentos. Após o contato com outros surdos, o universo se descortinou em outras possibilidades, a partir da diferença surda. Por fim, afinal a comunidade surda é importante para a sociedade conhecer e respeitar, cada um tem comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história cultural das comunidades surdas e das línguas de sinais é sempre oportuno e a presente dissertação é uma tentativa nesse caminho, a partir da busca de fatos da história da educação de surdos da cidade de Manaus que favoreceram a comunidade surda manauara e a Libras.

Os objetivos da presente pesquisa foram coletar informações sobre o surgimento e o funcionamento de instituições de ensino voltadas para surdos, em Manaus; identificar fatos da história da educação de surdos que favoreceram a emergência de uma comunidade surda e traçar uma trajetória sobre esses fatos que favoreceram o contato entre surdos, a cultura e identidades surdas. O recorte temporal envolve o período (aproximado) de 1950 a 1980. O levantamento de informações acontece a partir de narrativas de surdos, em sua maioria idosos, e de outras fontes, de maneira complementar, tais como, documentos de instituições educacionais, fotografias de surdos e jornais.

Ao longo da história, as escolas de surdos, principalmente as escolas estilo internato, foram importantes para a reunião de surdos e, conseqüentemente, para a emergência de uma comunidade surda e consolidação de uma língua de sinais. O contato surdo-surdo é fundamental para uma cultura e identidades surdas inerentes às comunidades surdas. Apresentamos a história de quatro instituições de ensino voltadas para surdos em Manaus, na perspectiva das narrativas dos que ali estudaram: o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, a Apae Manaus, a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos e o Instituto Filippo Smaldone Manaus.

A partir das narrativas, vemos que as escolas eram espaços para a sociabilidade surda e a noção de coletividade surda. Interessante observar o uso da língua de sinais enquanto não estavam sendo vigiados, bem como a intensa interação entre os alunos em diversas outras atividades. Vemos que os estudantes mencionam que conversavam muito entre si. As escolas, de alguma forma, contribuíram para promover o encontro surdo-surdo e, dessa forma, consolidar uma noção de comunidade surda entre os alunos.

Apresentamos também a presença do missionário Pe. Eugênio Oates e a sua presença na comunidade surda local, promovendo o contato surdo-surdo, o ensino da língua de sinais e a luta pela sua mobilização do acesso, permanência e participação dos surdos em diversas atividades sociais.

Por fim, trouxemos narrativas dos surdos sobre o ingresso na comunidade surda e de que forma, tiveram contato com a língua de sinais pela primeira vez. Apresentamos narrativas

sobre os espaços em que a cultura surda estava presente e as lideranças surdas que fomentaram, ainda mais, a sociabilidade entre os surdos.

Conforme García (2020), a identidade tem no uso da língua, uma forte aliada. É na memória de um grupo que carrega elementos fundamentais que nos dizem algo acerca das identidades, plurais e coletivas, que tal grupo emana. Desse modo, quando relembramos episódios passados, nossas lembranças surgem vinculadas à nossa inserção histórico-social.

Essa dissertação é uma tentativa de trazer à luz narrativas de idosos surdos, a fim de evidenciar como cada um construiu o seu ser surdo a partir da cultura surda e da língua de sinais. Nós surdos precisamos conhecer a nossa história. É um patrimônio cultural imaterial. As novas gerações de surdos precisam ter acesso a esse tesouro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS-SILVA, César Augusto. **Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política.** Religião & Sociedade (Impresso), v. 32, p. 13-38, 2012.

ARAÚJO, Milton Acácio de. **A Recuperação dos Surdos- Mudos no Brasil.** Revista do Serviço Público, 1950.

AMAZONAS. **Decreto-Lei nº 6331 de 13/05/1982.** Cria na estrutura na Secretaria Estadual de Educação as escolas especiais: Augusto Carneiro dos Santos, Diofanto Vieira Monteiro e Joana Rodrigues Vieira. Diário Oficial do Amazonas, Manaus, AM, 13 de maio de 1982.

Autor (s/n). **Filippo Smaldone.** Editora: Graf. Salesiana Offset - Belém, Pará (s/n) ano.

BACELAR, Carlos. **Fontes Documentais.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 23-80.

C MARA, Leandro Calbente. **A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX.** 315 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CEDERJ. **A Educação Especial no Brasil até 1950.** Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladeturismologia/pasta-virtuais-de-docentes/maria-angela-monteiro-correa/educacao-especial-textos-da-disciplina/aula3>. Acesso: out.2022

CRUZ-ALDRETE, Miroslava. **Reflexiones sobre la Educación Bilingue Intercultural para el sordo en México.** Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva, v. 3, n. 1, p. 133-145, 2009.

COSTA, C. **André Vidal de Araújo: o homem, o humanista e o social.** Manaus, 2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2609897>>. Acesso em: out .2022.

Centro de documentação. **Álbum Instituto Montessoriano Álvaro Maia.** Manaus, 1946. Editora:[s.n]
Disponível:https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/_lbum_instituto_montessoriano_lvaro_mai_a_1946_

_____ **Álbum Instituto Montessoriano Álvaro Maia.** Manaus, 1946. Editora: [s.n]
Disponível em:
https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/_lbum_instituto_montessoriano_lvaro_maia_tomo_4_

CARVALHO, Regina Coeli A.de: **Retrato de família.** Manaus, 1995. Editora: [s.n]

Câmara dos Deputados. **Projeto nº 1807, Manaus, 1964.** Disponível: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4176D7C14F46F7E656C27CD84EFE3F27.proposicoesWebExterno2?codteor=1197489&filename=Dossie+-PL+1807/1964. Acesso em: out.2022.

COLOMBO, Macri Elaine. Dissertação: **O Processo Comunicativo no Ensino Aprendizado de Crianças Surdas: O Caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.** Universidade Federal do Amazonas, 2012.

CORREA, Roseane Modesto. Dissertação: **A Formação continuada do professor para a Educação de Surdos da rede Municipal de Manaus: repercussões na prática pedagógica.** Universidade Federal do Amazonas - UFAM, 2013.

DUARTE, Durango Martins. **A Imprensa Amazonense: chantagem, politicagem, lama.** 1ª ed. Manaus: DCC Comunicações LTDA-EPP, 2015. 264 p.; il. Disponível em: <https://idd.org.br/livros-durango-duarte/Imprensa-Amazonense.pdf>. Acesso: out.22

DIOCESANA, Pascom. Uruaçu, 2008. Editora: [s.n], Disponível em <https://diocesedeuruacu.com.br/noticias/igrejadiocesana/nossa-gratidao-as-irmas-salesianas-dos-sagrados-coracoes/> . Acesso: nov.2022

Funcionamento da Instituição- Histórico. **Instituto Felipe Smaldone** - Belém-Pa, 27 de junho de 2008. Disponível em: <http://ifsbelempara.blogspot.com/2008/06/funcionamento-da-instituio.html?m=1>. Acesso: nov.2002

FENLON, Jordan; WILKINSON, Erin. **Sign languages in the world.** In: SCHEMBRI, Adam; LUCAS, Ceil. (Eds.). Sociolinguistics and deaf communities. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 5-28.

FIDELIS, B. S; MIKI, P. S. R. **História da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais em Manaus-APAE.** In: Encontro para as políticas públicas para a Pan-Amazônia E Caribe, 4., Boa Vista. Anais Boa Vista: EDUFRR, 2017.

GARCÍA, Maria Izabel dos Santos. **Idosos surdos: um arquivo da memória e língua de um grupo social.** In: GARCÍA, Maria Izabel dos Santos. (Coord.). Fazeres epistêmicos e a educação de surdos. Santiago de Chile: Ediciones CELEI. 1ª Edição. 2020. p. 30-43.

GEER, Leah. **Kinship in Mongolian Sign Language.** Sign Language Studies, v. 11, n. 4, summer, p. 594-605, 2011.

GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático.** Petrópolis: Editora Vozes. 2ª edição, 2003. p. 90-113.

GALVANI, Márcia Duarte. **História da Educação Especial em Manaus: do Instituto Montessoriano Álvaro Maia (1943) ao Instituto Filippo Smaldone (1984),** Salvador, v. 4, n. 2, p.180-197, mai./ago. 2019.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm . Acesso: nov. 2022

<https://www.ces.org.br/site/nossa-historia.aspx>. Acesso: out.2022

https://www5.pucsp.br/derdic/int_derdic/historia.html. Acesso: out.2022

<https://institutofilipposmaldone.com.br/fortaleza/?p=896>. Acesso: nov.2022

<https://arquidiocesedemanaus.org.br/congregacoes/salesianas-dos-sagrados-coracoes/>. Acesso: nov. 2022

<https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-ordinaria/1976/701/7012/lei-ordinaria-n-7012-1976-reconhece-de-utilidade-publica-para-o-municipio-de-belem-o-instituto-filippo-smaldone-mantido-pela-congregacao-das-irmas-salesianas-dos-sagrados-coracoes-1976-10-21>

Instituto Durango Duarte. Disponível: <https://idd.org.br/tag/andre-vidal-de-araujo/>. Acesso: nov. 2022

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language (Auslan): An Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 323p.

LADD, Paddy. **Deafhook: a concept stressing possibilities, not deficits**. Scandanavian Journal of Public Health, n. 33, suppl. 66, 2005.

LADD, Paddy. **The Roots of Deaf Culture: Residential Schools**. In: _____. Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2003. p. 297-331.

LEESON, Lorraine; SAEED, John, I. Irish Sign Language. **A cognitive Linguistic Account**. Edinburgh: EDINBURGH University Press, 2012.

LOIZOS, Peter. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes. 2ª edição, 2003. p. 137-155.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice Muller de. **Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação**. In: STUMPF, Marianne; QUADROS, Ronice Muller de; LEITE, Tarcísio de Arantes. Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Florianópolis: Insular, 2014. Cap. 1. p. 15-28.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes Impressas: história dos, nos e por meio de periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 111-154

LIMA, Osmarina Guimarães. Relação entre a Rede Municipal de Ensino e o terceiro setor para a escolarização das pessoas com deficiência em Manaus. Tese, Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2018.

MCBURNEY, Susan. **History of sign languages and sign language linguistics**. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). Sign Language. An International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. Cap. 38. p. 948-909.

MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. A language in Space. **The Story of Israeli Sign Language**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.

MAZZOTTA, Marcos J.S. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. 6ª edição- São Paulo: Cortez, 2011.

MOTA, Carla da Silva. **Surdos Bilíngues Bimodais- um estudo de caso sobre as interações comunicacionais entre surdos falantes nativos e falantes tardios**. Dissertação Mestrado – Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, 2019.

NYST, Victoria. **Sign languages in West Africa.** In: BRENTARI, Daiane. (Org.). Sign languages. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 405-432.

OATES, Eugênio C.S.S. R; HOEMANN, Harry W; HOEMANN, Shirley A. **Linguagem de Sinais do Brasil.** Editora: s/n , 1983

OATES, Eugênio C.S.S.R. **Linguagem das Mãos.** 5 ed, Aparecida: Editora Santuário, 1990.

PERLIN, Gladis. **Identidades Surdas.** In: SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

PERLIN, Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade.** 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PORTOLANO, Lana. **Be Opened! The Catholic Church & Deaf Culture.** 2021

QUIENTIERI et al. **O Segundo império e a fundação do INES.** Espaço. Informativo técnico científico do INES. Ano 1, vol. 1, jul/dez, 1990.

RIBEIRO, Adalberto. **O Instituto Nacional de Surdos Mudos.** Imprensa Nacional. Rio de Janeiro – 1942 Disponível em: http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/bitstream/123456789/480/1/Revista_do_servico_publico.pdf. Acesso: nov.2022

ROCHA, Solange. **A memória e História: a Indagação de Esmeralda.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2010.

ROCHA, Solange Maria. **O INES e a Educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos.** MEC/INES. Rio de Janeiro, 2007.

SZE, Feliz; LO, Connie; LO, Lisa; CHU, Kenny. **Historical Development of Hong Kong Sign Language.** Sign Language Studies, v. 13, winter, p.155-185, 2013.

SKLIAR, Carlos. **Y si el otro no estuviera ali?** Buenos Aires : Ninõ y Dávila, 2002

SKLIAR, C.B. **Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade.** In: SKLIAR, C.B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-31

SILVA, I.R. **As representações do surdo na escola e na família: entre a (in)visibilidade da diferença e da deficiência.** 2005. 274f. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **A visão histórica de in(ex)clusão de surdos nas escolas.** Educação Temática Digital, v. 2, n.2, 2006.

Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Vidal_de_Ara%C3%BAjo#/media/Ficheiro:Deputado_Andr%C3%A9_Vidal_de_Ara%C3%BAjo.tif. Acesso em: nov 2022

ZESHAN, Ulrike. Sign Languages. In: DRYER, Mattheus; HASPELMATH, Martin (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropololy, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/s9>. Acesso: jun 2022.

APÊNDICE A – OFÍCIO DA PESQUISA ACADÊMICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPG-Letras

Jd. dos Ipês, Rua 03, S/N | 77500-000 | Porto Nacional/TO
(63) 3363-0566 | www.uft.edu.br/ppgletras | ppgletrasporto1@uft.edu.br



Porto Nacional, xx de xxx de 2021

Venho, por meio desta, na qualidade de pesquisadora responsável pelo projeto **História da Educação de Surdos de Manaus**, solicitar a autorização para que seja desenvolvido parcialmente o mesmo nesta instituição. O objetivo é traçar a trajetória da educação de surdos na cidade de Manaus – AM, principalmente das instituições **xxxx nome das escolas xxxx**, antes da década de 1980.

O projeto está sob minha responsabilidade, Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professora do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a orientação do professor Bruno Gonçalves Carneiro (UFT).

Caso surja qualquer dúvida em relação ao projeto, você poderá entrar em contato comigo, no telefone: **(xx) xxxxx** e email: **xxxx**, ou com o Bruno Gonçalves Carneiro, no telefone: (63) 99223-9697 e e-mail: brunocarneiro@uft.edu.br.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos

Sem mais para o momento, desejo meus votos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa

Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Tocantins
Docente do Curso de Graduação em Letras-Libras
Universidade Federal do Amazonas

APÊNDICE B – RECEBIMENTO DE OFÍCIO DA PESQUISA ACADÊMICA DA SEDUC



OFÍCIO Nº 126/2021-GSEAC/SEDUC

Manaus, 05 de novembro de 2021.

À Senhora
TATYANA SAMPAIO MONTEIRO PESSOA DA COSTA
 (92) 99143-1860
tatylibras@ufam.edu.br

Assunto: Pesquisa Acadêmica.

Processo: nº 01.01.028101.012397/2021-59/SEDUC/SIGED.

Prezada Senhora,

Cumprimentando-a cordialmente, informo a Vossa Senhoria de acordo com manifestação do Departamento de Gestão Escolar-DEGESC/SEAP/SEDUC, o deferimento da solicitação para realização da Pesquisa do Projeto Acadêmico intitulada: "História da Educação de Surdos na cidade de Manaus", na Escola Estadual Augusto Carneiro.

Atenciosamente,

(Assinado digitalmente)

ARLETE FERREIRA MENDONÇA
 Secretária Executiva Adjunta da Capital

BRAS000001



APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro das entrevistas

1. Qual é teu nome e sinal?
2. Como era a comunicação com os teus amigos?
3. Antes da comunicação mais icônica, você aprendeu Libras?
4. Você continua a comunicar icônico com teus amigos ou Libras?
5. Onde você estudou?
6. Na escola onde você estudou, você aprendeu alguma coisa? Como era a comunicação na escola?
7. Você conversava com os professores na escola onde você estudou?
8. O que você fazia na escola e após da escola?
9. Você sente falta da escola?
10. Você já terminou o ensino médio? Ou faculdade?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, venho convidá-lo(a) para participar da pesquisa **História da Educação de Surdos de Manaus**, realizada pela professora surda Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professora do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a orientação do professor Bruno Gonçalves Carneiro (UFT).

Esta pesquisa tem por objetivo traçar a história da educação de surdos na cidade de Manaus – AM a partir do relato de narrativas de surdos sobre o seu período de escolarização e de registros sobre em periódicos, fotografias, livros e documentos.

Para alcançarmos nossos objetivos, precisaremos que você, estando de acordo, nos permita gravar em vídeo, uma entrevista com você sobre o seu período de escolarização e sobre as instituições em que você estudou. Garantimos total anonimato sobre suas narrativas. Caso esses procedimentos possam gerar algum tipo de constrangimento, você tem o direito de recusar a participar. Os resultados da pesquisa serão analisados de forma que nos permita traçar a história da educação de surdos na cidade de Manaus. Os resultados serão publicados, mas será preservado a confidencialidade e o sigilo dos dados de todos os participantes.

A sua participação é voluntária e você é livre para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno. Você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo.

Caso surja qualquer dúvida ou problema, em qualquer fase do estudo, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa, no endereço xxx, telefone: (xx) xxxxx, email: xxxx, ou com o seu orientador, Bruno Gonçalves Carneiro, na Rua 03, Quadra 17, Lote 11, s/nº Setor Jardim dos Ipês | 77500-000 | Porto Nacional/TO, no telefone: (63) 3363-9447 (Coordenação do Curso de Letras-Libras), e-mail: brunocarneiro@uft.edu.br.

Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas por mim e por você, participante, ficando uma via com cada um de nós. Esse termo também poderá ser respondido em vídeo na língua brasileira de sinais.

Eu, _____, fui informado (a) sobre os procedimentos da pesquisa e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do participante da pesquisa

Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa

APÊNDICE E – RECIBO DA PESQUISA ACADÊMICA DA SEDUC

07/10/2021 09:51

Re <https://online.sefaz.am.gov.br/processo/>**RECIBO**

De:	FRANK LUIZ PERES DO NASCIMENTO (PROTOCGER - PROTOCOLO GERAL)
Para:	PROTOCGER - PROTOCOLO GERAL

Processo	Tramitado em	Interessado	Recebido em
01.01.028101.012397/2021-59	07/10/2021 09:54	TATYANA SAMPAIO MONTEIRO PESSOA DA COSTA	07/10/2021 09:54
Recebido Por: - - - -			